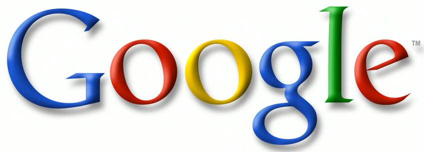


This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

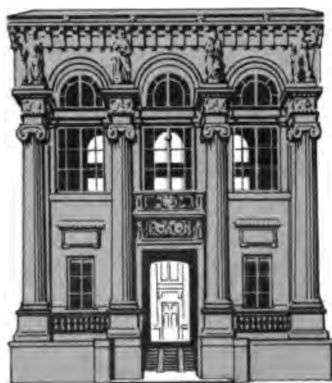
+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at http://books.google.com/

2.569
E-12
P-2

TAYLOR
INSTITUTION
LIBRARY



ST. GILES · OXFORD

90

~~V4. 11. P 1789~~

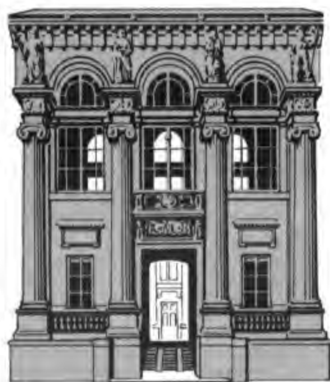
~~[cupboard 2]~~

Vet. Fr. II A. 1855

HENRIADA.

2.569
E-12
P-2

TAYLOR
INSTITUTION
LIBRARY



ST. GILES · OXFORD

900

~~V4. H. P1789~~

~~[cupboard 2]~~

Vet. Fr. II A. 1855

HENRIADA.

HENRIADA

POEMA EPICO,

COMPOSTO NA LINGUA FRANCEZA

POR

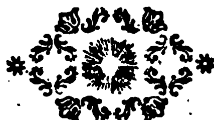
Mr. DE VOLTAIRE,

Traduzido, e illustrado com varias notas na Lingua Portugueza

POR

THOMAZ DE AQUINO BELLO E FREITAS,

MEDICO FORMADO PELA UNIVERSIDADE DE COIMBRA.



PORTO,

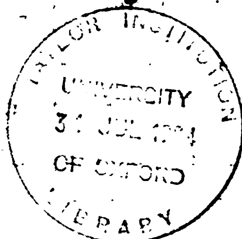
NA OFFICINA DE ANTONIO ALVAREZ RIBEIRO

ANNO M. DCC. LXXXIX.

Com licença da Real Meza da Commissaõ Geral sobre o Exame, e Censura dos Livros.

. . . . . *Incedo per ignes*
Suppositos cineri doloso.

Eu caminho por cima do fogo escondido
debaixo da enganadora cinza.



Foi taixado este livro em papel a 400 reis
Meza 26 de Novembro de 1789.

Com tres Rubricas

PREFAÇAÕ
DO EDITOR.

HUm dos primeiros Poemas Epicos, que se conhece na Europa, he sem contradicçaõ a Henriada de Monsieur de Voltaire.

Este grande homem, nascido para elevar todos os generos de Poezia ao maior auge da perfeiçaõ, soube com dexteridade moderar n'este Chefe d'obra o fogo do seu enthusiasmo, e sujeitallo escrupulosamente ás mais exactas regras da Epopéa, sem prejuiso algum da parte dos ornamentos, e daquellas riquezas de imaginaçaõ, que conciliaõ successivamente a admiraçaõ, o amor, e todos os mais sentimentos, de que saõ capazes as almas sensiveis. N'huma palavra; tudo he grande, maravilhoso, e interessante n'este Poema, o unico, de que se gloría a Naçaõ Franceza. A grandeza do Heróe, e da acçaõ assás memoraveis na historia, forma a do assumpto; A vivacidade das imagens, a nobreza dos pensamentos, e a rapidez de hum estylo sempre elegante, e harmonioso, forma a grandeza, e o caracter do Poeta.

A

A preciosidade de huma obra similhante, que n'este ramo de litteratura a todos serve de instrucçaõ, e a muitos tem servido de modelo, fez emprehender a Bello a presente traducçaõ como amante da Poesia Nacional, só a fim de aperfeiçoar o bom gosto das Musas Portuguezas, e de inspirar pelo menos á mocidade estudiosa, por via das primeiras noçoens d'ella na propria lingua; a importancia, e fecundidade das suas bellezas originaes.

Como porém no contexto do mesmo Poema se encontraõ algumas censuras, que á primeira vista parecem temerarias, he preciso prevenír o Leitor menos intelligente, com os motivos, que formaraõ o seu objecto.

A Corte de Roma, que no decurso de muitos seculos velou unicamente pelo bem espiritual do Christianismo, passando depois a estender as suas vistas politicas sobre os interesses temporaes da Europa, e a tomar parte nos negocios della, irritou de maneira os Soberanos, de quem se quiz fazer arbitra, que daqui se originaraõ os infinitos males, e desordens, que nos refere a historia.

He verdade, que alguns Papas mais aclarados, e pacificos, seguindo systema di-

ver-

verso, mantiveraõ no seu Pontificado as coisas em socego, porém Sixto V., cujo caracter turbulento he bem conhecido, teve tal influencia nos calamitosos Reinados de Henrique III. e Henrique IV; que os Francezes lhe attribuem huma grande parte das funestas desgraças, que experimentaraõ durante as guerras da Liga. Sobre as suas maximas, e intrigas, he pois que recahe a censura do A., o qual se escrevesse dos successos do nosso tempo, naõ deixaria de louvar a circunspecçaõ, e conduta dos ultimos Pontifices, que cheios de luzes, e inteireza tem feito reviver o desinteresse, e a virtude dos seculos primitivos.

Declama tambem o A. contra o pernicioso systema, que seguiraõ entaõ alguns Ecclesiasticos, e Regulares em seduzir, e manter os Póvos na rebeliaõ ao seu legitimo Soberano, e sobre tudo contra a monstruosa doutrina, que espalhavaõ a favor do Regicidio; mas estas opinioens absurdas, que só grassaraõ nos seculos da ignorancia, e barbaridade, estaõ hoje condemnadas severamente pela Igreja, conforme com a auctoridade do Apostolo, que tanto nos recommenda a obediencia, e fidelidade para com os Principes, e superiores. (1)

Ora

(1) Ep. ad Rom. cap. 13. v. 1. 2. 3.

Ora he certo, que assim como a virtude da parte senaõ communica ao todo, igualmente o vicio naõ póde contaminallo. A Jerarquia Ecclesiastica, porque em fim he de homens, vio muitas vezes sahir do seu seio alguns individuos, que, affastando-se dos solidos principios do Evangelho, se precipitaraõ, e a outros comsigo em erros enormes: Mas v. g. porque os Heresiarcas Luthero, e Calvino sahiraõ do Sacerdocio, e foraõ os corruptores de grande parte da Europa, deixaremos nós de ter em menos respeito, e veneraçaõ, hum Estado, e corporaçoens, de que tem emanado tantos bens á Igreja? Este seria hum absurdo indigno da racionalidade do homem!

Finalmente em todas aquellas passagens, onde o A. discorre com liberdade (sem embargo de ser isto hum Poema) se acharaõ as notas competentes; assim como sobre a imputaçaõ, que elle, e quasi todos os Estrangeiros fazem aó supremo Tribunal do Santo Officio, nas quaes se manifestaõ os errôneos sentimentos da maior parte dos Escriptores, que fallaõ n'esta materia.

HIS-

HISTORIA ABBREVIADA

Dos accontecimentos, em que se funda a Fabula do Poema da Henriada.

O Fogo das guerras Civis, que ateou as primeiras faiscas no governo de Francisco II., e abrazou a França na menoridade de Carlos IX., supposto entre os Póvos tivesse por fundamento a Religiaõ, ella com tudo naõ era mais, que hum méro pretexto, de que se serviaõ os Grandes. Catharina de Medicis, Rainha Mãi, aventurou mais de huma vez a conservaçaõ do Reino por manter a sua auctoridade; armando o partido Catholico contra o Protestante, e os Guizas contra os Bourbons, só a fim de opprimir huns pelos outros.

França tinha entaõ por desgraça sua, muitos Senhores podcrosissimos, e por consequencia sediciosos: os Póvos se haviaõ tornado fanaticos, e barbaros por esse furor de partido, que inspira o falso zelo dos Reis ainda meninos, em nome dos quaes se assolava o Estado: e o infeliz Reinado de Carlos IX. se fez notavel pelas sanguinosas batalhas de Dreux, de S. Denis, de Jarnac, e de Montcontour. As Cidades mais opulentas eraõ tomadas, reconquistadas, e saqueadas alternativamente pelos partidos oppostos: faziaõ-se morrer os prisioneiros de guerra nos mais exquisitos, e inventados supplicios: humas, e outras Igrejas se reduziaõ a cinzas pelos Reformados, e pelos Catholicos; e se olhavaõ os envenenamentos, e assassinatos, como vingança de inimigos habeis, e astutos.

A funesta noite de S. Bartholomeu poz o cumulo a tantos horrores. Henrique o grande então Rei de Navarra, na flor da sua mocidade, e Chefe do Partido Reformado, em que tinha nascido, foi alliciado á Corte com os maiores Senhores da sua facção, onde o cazaraõ com a Princeza Margarida, irmã de Carlos IX. Entre o regosijo d'estas nupcias, e no meio da mais profunda paz, quebrantando a fé dos juramentos mais solemnes, dispoz Catharina de Medicis essa horrivel carniçaria, de que se deve perpetuar a memoria (por mais affrontosa que seja para o nome Francez) a fim de que os homens propensos sempre a enredar-se nas disputas da Religiaõ, vejaõ a que excessos os póde conduzir o espirito de parcialidade.

Vio-se entaõ n'huma Corte, que se jactava de polida, huma mulher celebre pelos seus attractivos, e descriçaõ, e hum Monarcha de 23 annos ordenarem muito a sangue frio a mortandade de mais de hum milhaõ de seus Vassallos; e esta mesma Naçaõ, que hoje naõ póde sem tremer de horror lembrar-se d'este crime, o commetteu entaõ com transporte, e zelo, tanto assim, que mais de cem mil homens foraõ assassinados pelos seus compatriotas; e sem as prudentes precauçoens de algumas virtuosas personagens como o Presidente Jeannino, o Marquez de Saint Herem, e outros; ametade dos Francezes degolava a outra ametade.

Como Carlos IX. naõ viveu muito tempo depois do S. Bartholomeu; seu irmaõ Henrique III. abandonou o Throno da Polonia, para vir reabysmar a França em novas desgraças, das quaes só

a

a livrou Henrique IV., taõ justamente denominado o Grande pela posteridade, que he quem unicamente póde dar este titulo.

Voltado Henrique III. á França achou nella dois partidos dominantes: hum era o dos Reformados, renascendo das suas cinzas mais violento que nunca, e tendo á frente o mesmo Henrique o Grande, a esse tempo Rei de Navarra; o outro era o da Liga, facçaõ poderosa, e formada lentamente pelos Guizas, bafejada pelos Papas, fomentada pela Hespanha, augmentandose todos os dias pelo artificio dos Ecclesiasticos, e consagrada na apparencia pelo zelo da Religiaõ Catholica, mas tendendo efficazmente para a rebeliaõ: era seu Chefe o Duque de Guiza, chamado o Balafré, Principe de huma reputaçaõ brilhante, cujas qualidades eraõ maiores, que boas, e que parecia ter nascido para mudar a face do Estado n'estes tempos de perturbaçaõ, e desordem.

Henrique III. em vez de suffocar estes dois partidos debaixo do pezo da auctoridade Real, lhes deixou criar forças pela sua fraqueza, e julgou dar hum passo muito politico em se declarar Chefe da Liga, da qual nunca foi senaõ hum escravo. Elle se vio compellido a fazer a guerra pelos interesses do Duque de Guiza, que intentava desthronizallo; contra o Rei de Navarra seu cunhado, e seu herdeiro presumptivo, o qual só cuidava em estabelecer a auctoridade Regia, conhecendo muito bem, que obrando assim para com Henrique III., a quem devia succeder na Coroa, trabalhava ao mesmo tempo pela sua propria utilidade.

O Exercito, que Henrique III. enviou contra

na o Rei seu cunhado, foi batido em Coutras; em cuja batalha morreu Joyeuse seu privado; porém o Navarrez naõ quiz tirar outra vantagem da victoria, que a de reconciliar-se com o Rei, e por isso ainda que vencedor pedio a paz, a qual o Rei vencido se naõ atreveu a acceitar com medo do Duque de Guiza, e da Liga. N'este mesmo tempo desbaratou Guiza hum Exercito de Allemaens, e estes successos do Balafré, humilhàraõ ainda mais o Rei de França, que entaõ se julgou vencido pelos da Liga, e pelos Reformados.

O Duque de Guisa deslumbrado pela sua gloria, e forte pela fraqueza do Soberano, veio a Pariz a pezar das ordens em contrario; e foi entaõ o famoso dia das Barricadas, em que o Povo expulsou as guardas do Rei, e o Monarcha se vio obrigado a fugir da sua Capital.

Ainda fez mais Guiza. Obrigou o Rei a celebrar os Estados geraes em Blois, e tomou taõ bem as suas medidas, que estava a ponto de se senhorear da auctoridade Real, por consentimento dos que representavaõ a Naçaõ, inda que debaixo da apparencia das mais respeitaveis formalidades. A urgencia do perigo despertou em fim Henrique III., o qual mandou matar no Castello de Blois este inimigo pernicioso, e seu irmaõ o Cardeal, mais violento, e mais ambicioso ainda que o mesmo Duque.

Aconteceu entaõ á Liga o mesmo, que tinha succedido ao partido Protestante depois do S. Bartholomeu; isto he, que a morte dos Chefes reanimou o partido. Os Ligados tiraraõ a mascara; Pariz fechou as suas portas; naõ se cuidou senaõ

 em

em vingança, olhando todos para Henrique III. como para hum assassino dos defensores da Religiaõ, e naõ como para hum Rei, que tinha punido Vassallos rebeldes.

Vendo-se entaõ Henrique III. acossado de todos os lados, foi-lhe finalmente forçoso reconciliar-se com o Navarrez: Unidos estes dois Principes, vieraõ acampar-se diante de Pariz, e aqui he que começa a Henriada.

O Duque de Guiza deixava ainda huma irmaõ, que era o Duque de Mayenne, homem intrepido, porém mais habil que activo, o qual se vio de repente á testa de huma facçaõ, que conhecia as suas forças, e estava animada pela vingança, e pelo fanatismo.

Quasi toda a Europa entrou n'esta guerra. A celebre Isabel Rainha de Inglaterra, que professava a mais alta estima ao Rei de Navarra, e que teve sempre huma extremosa paixaõ de o ver, o soccorreo muitas vezes com gente, dinheiro, e Navios; e foi Duplessis Mornay, o que passou a Londres a solicitar estes soccorros.

Da outra parte o ramo Austriaco, que reinava na Hespanha, favorecia a Liga, na esperança de recolher alguns despojos de hum Reino dilacerado pelas guerras civis: Os Papas combatiaõ o Rei de Navarra naõ só pelas excommunhoens, mas por todos os artificios da politica, e pelos limitados soccorros de homens, e dinheiro, que a Corte de Roma pôde fornecer.

Com tudo Henrique III. hia a senhorear-se de Pariz, quando foi assassinado em S. Cloud por Jacques Clemente, o qual commeteu este parricidio na apprehensaõ, de que obedecia a Deos,

e

o obtinha a Laurêola de Martyr : esta morte naõ foi só o crime d'este Religioso fanatico, mas o de todo o seu partido, cuja opiniaõ publica, e a crença dos Ligados era, que se devia matar o Rei, se elle estivesse mal com a Corte de Roma. Assim o clamavaõ os Prégadores nos seus sermoens; assim se imprimia em todos esses livros miseraveis, que entaõ inundavaõ a França, e que apenas se descobrem hoje em algumas livrarias, como monumentos curiosos de hum seculo igualmente barbaro nas letras, que nos costumes.

Depois da morte de Henrique III., o Rei de Navarra, Henrique o Grande reconhecido, e acclamado Rei pelo Exercito, teve a suster todas as forças da Liga, de Roma, da Hespanha, e o seu proprio Reino para conquistar. Elle bloqueou, e sitiou Pariz em differentes occasioens. Entre os grandes homens, que lhe foraõ uteis n'esta guerra, e de que se faz mençaõ n'este Poema, se contaõ os Marechaes d'Aumont, e de Biron: o Duque de Bouillon &c. Duplessis Mornay teve a intima confiança d'este Principe até que este mudou de Religiaõ. Elle o servia com a sua pessoa nos Exercitos, com a sua pena contra as Excommunhoens dos Papas, e com a sua grande arte de negociar, buscando-lhe soccorros de todos os Principes Protestantes.

O principal Chefe da Liga, era o Duque de Mayenne; tendo depois d'elle a primeira reputaçaõ o Cavalheiro d'Aumale, moço Principe, conhecido por aquella fereza, e valor brilhante, que distinguiaõ particularmente a casa de Guiza. Elles obtiveraõ muitos soccorros da Hespanha; porém aqui só se faz mençaõ do famoso Conde

d'Egmont

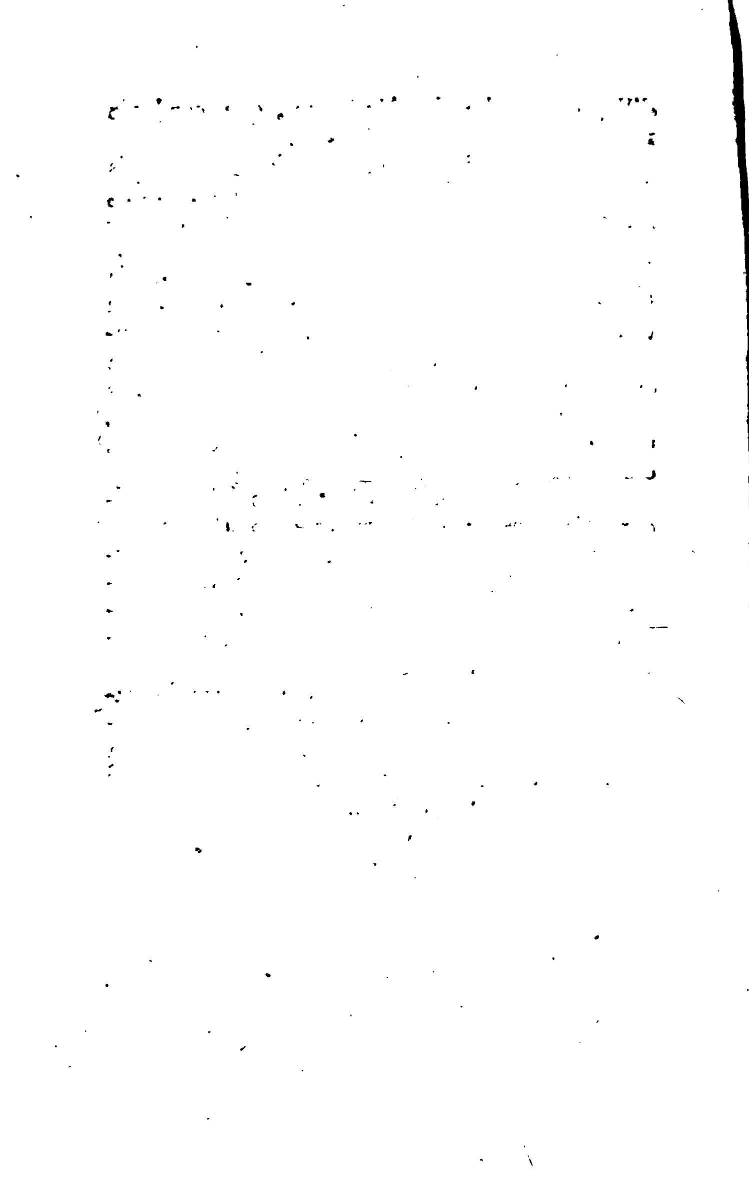
d'Egmont, filho do Almirante, que conduzio 1400 lanças ao Duque de Guiza.

Deraõ-se muitos combates; dos quaes o mais decisivo, e o mais glorioso para Henrique IV., foi a batalha de Ivry, em que o Duque de Mayenne foi vencido, e o Conde d'Egmont morto.

No decurso d'esta guerra, o Rei se namorou da formosa Gabriella de Estrée; mas sem que o seu valor se corrompesse junto d'ella, como testemunha a carta, que se acha na livraria do Rei, na qual elle diz á sua amada = Se sou vencido, vós bem me conheceis para crêr, que naõ fugirei; porém o meu ultimo pensamento será em Deos, e o penultimo em vós. =

Finalmente ommittem-se muitos factos consideraveis, que naõ tendo lugar no Poema, o naõ devem tambem ter aqui. Naõ se falla na expediçaõ do Duque de Parma, que só servio a retardar a quéda da Liga; nem do Cardeal de Bourbon, que foi por algum tempo hum Rei fantastico debaixo do nome de Carlos X.

Basta dizer-se, que depois de tantas desgraças, e dessolaçoens, Henrique IV. se fez Catholico, e que os Parisienses, que aborreciaõ a sua Religiaõ, e respeitavaõ a sua pessoa, entaõ o reconheceraõ por seu Rei.




HENRIQUE IV REI DE FRANÇA E
NAVARRA, NASCEO A 13 DE DEZEMBRO
DE 1553.
Francisco. fec. Porto.

HENRIADA.

CANTO I.

ARGUMENTO.

Henrique terceiro, unido com Henrique de Bourbon Rei de Navarra contra a Liga, havendo já começado o bloqueio de Pariz, envia secretamente Henrique de Bourbon a pedir soccorro a Isabel Rainha de Inglaterra; o Heroe soffreu huma tormenta, e aportando a huma Ilha, n'ella encontra hum velho Catholico, que lhe vaticina a sua mudança de Religiaõ, e a sua subida ao Throno. Descreve-se a Inglaterra, e o seu governo.

EU canto o Heróe, aquelle que na França
Reinou, já por direito de conquista,
Já por lei, e razaõ de nascimento,
Que dos proprios trabalhos aprendera
A governar, e bem que perseguido,
O perdaõ soube unir sempre ás victorias,

Confundio a Mayenne, a Liga, ò Ibéro;
E foi Senhor, e Pai de seus Vassallos.

Tu, augusta verdade, dos Céos desce;
Tua força, e clareza em meus escriptos
Derrama, porque entaõ os Reis attentos
Lhes prestem seus ouvidos: só tu podes
Annunciar-lhes o que elles saber devem:
Aos olhos das Naçoens só tu declaras
Das suas divisoens os máos effeitos:
Dize, quanto a Discordia há produzido;
Quanto as nossas Provincias há turbado;
Conta do Povo as mágoas, e infortunios;
E numéra dos Principes os erros:
Vem pois, falla, e se he certo que algum dia
A fabula se unio aos teus accentos,
E com maõ delicada a tua augusta
Frente ornou, se illustrou com suas sombras
Da tua luz os raios, tu comigo
Permitte-lhe, que vá sobre teus passos
Para mais adornar tuas bellezas.

Com froxa maõ Valois (*a*) sostinha as redeas
Do Estado fluctuante; as Leis sem força Se

(*a*) Henrique III. Rei de França, huma das principaes personagens deste Poema, he n'elle nomeado por Valois, apellido do ramo Real, donde este procedia.

Se viaõ, os direitos confundidos,
Ou diga-se antes, que elle naõ reinava;
Naõ era mais o Principe glorioso
Nos combates instruido (b) desde a infancia;
Que a Europa respeitou pelas victorias,
E que a Patria livrou de oppressoens tantas:
Valois, de quem do Norte os Póvos vendo,
E admirando as inclitas virtudes,
A seus pés offertavaõ os diademas;
Tanto brilhou no emprego menos digno;
Como entaõ se eclipsou no mais excelso:
De intrepido Guerreiro elle se torna
Hum Rei fraco: no Throno adormecido,
E entranhado no seio da moleza,
Da Coroa o pezo, como que o opprimia.
Quéluz, (c) e d'Espernon, Saint-Maigrin, Joyeuse,
Mancebos voluptuosos, que reinavaõ
Debaixo do seu nome, corruptores
Politicos de hum Rei affeminado,
Só cuidavaõ no luxo, e nos prazeres,
Precipitar seus languidos lethargos.

Sobre este abatimento entaõ dos Guizas

(b) Henrique III. sendo Duque de Anjou commandou os Exercitos de seu Irmaõ Carlos IX. contra os Protestantes, e tinha ganhado aos 18 annos da sua idade as batalhas de Jarnac, e de Montcontour.

(c) Eraõ estes os mancebos, os favoritos de Henrique III.

A rapida fortuna levantava
Toda a ſua grandeza; elles formavaõ
Em Pariz a orgulhoſa, a fatal Liga
Da fraqueza do Rei rival uſana;
Os Póvos, vís eſcravos ſó dos Grandes,
Com pertinaz cegueira perſeguiaõ
O ſeu Senhor, ſeguiaõ os tyrannos;
Os amigos infieis, e corrompidos
O abandonáraõ logo, e pelo Povo
Do amedrontado Louvre foi expulſo;
O eſtrangeiro aos rebeldes prompto acode;
Tudo acabava em fim, quando apparece
O virtuoſo Bourbon, (d) que de hum guerreiro
Ardor cheio, ſe eleva, e reſtitue
Ao ſeu Principe cégo a luz perdida;
Reanima-lhe as forças; elle o arranca
Do centro da vergonha para a gloria,
Do encanto dos prazeres para a guerra;
Aos muros de Pariz ambos ſe avançaõ;
Roma ſe aſſuſta, os Heſpanhóes já tremem;
E a Europa, intereſſada nas contendas,
Sobre a Patria infeliz ſe poem á lerta.

Em Pariz a Diſcordia entaõ ſe via

Exci-

(d) Henrique IV. Herói d'eſte Poema, he aqui chamado indifferentemente, ou Bourbon, ou Henrique.

Excitando aos combates a Mayenne,
A Liga, o Povo, a Igreja; alli bradava
Do alto das suas torres pela Hespanha,
Que soberba viesse em seu soccorro:
Este monstro impetuoso sanguinario,
De seus proprios Vassallos he inimigo;
Das desgraças dos homens elle nutre
Cruel os seus designios; quasi sempre
Do seu Partido o Sangue as maõs lhe tinge,
Nos coraçoens habita, que corrompe,
E com tyranno imperio em fim castiga
Esses mesmos delictos, que elle inspira.

Da parte do Poente, junto ás margens
Floridas, onde o Sena, circulando,
Se auzenta de Pariz, lugar que he hoje
Delicioso retiro, onde triunfaõ
As artes, e se ostenta a natureza,
Theatro, que entaõ foi, sanguinolento
Dos mais féros combates, seus soldados
Valois, o infeliz Rei, prompto juntava:
Da França sustentaculos ferozes
Saõ ahi mil Heróes, se pela Seita
Divididos, conformes á vingança:
He nas maõs de Bourbon, que commettida
A sua sorte se acha; este ganhando

Os coraçoens de todos, une a todos;
Ao seu poder o Exercito sujeito,
Outro Chefe naõ tem, nem outra Igreja:
Luiz, (e) Pai dos Bourbons, lá d'esse seio
Dos immortaes, fixava às ternas vistas
Sobre elle, pois só nelle o esplendor forte
Da sua geraçaõ vaticinava;
Seus erros sente, seu valor estima,
Com a Coroa devia hum dia honrallo;
Mas illustrado o quer: No em tanto Henrique,
Por caminhos occultos, que elle mesmo
Desconhecia, á summa gloria ascende:
Luiz, d'essas alturas, lhe prestava
O soccorro, porém esconde o braço,
Que estendia por elle, porque estando
Da victoria Senhor, naõ conseguisse
Com o menor perigo menos gloria.

Junto ás suas muralhas mutuamente
Já os dous Partidos tinhaõ balanceado
Mais de huma vez as sortes; já furiosa
A carnagem nos campos assolados
Davaõ a ver da colera dois mares,

Quan-

(e) S. Luiz IX. do nome Rei de França; tronco, de que nasce o ramo dos Bourbons.

Quando a Bourbon Valois este discurso
Dirige interrompido dos suspiros, „
„ A que ponto o destino hoje me humilha ;
„ Vós o estais vendo ; a minha injuria he vossa ;
„ Ao seu Principe opposta a Liga infame,
„ Contra elle erguendo a fronte sediciosa,
„ No seu furor a ambos nos confunde,
„ Nos persegue ; já naõ nos reconhece ;
„ A mim, que sou seu Rei, Pariz resiste ;
„ E a vós, que o deveis ser, se naõ sujeita :
„ Sabe que as Leis, que o merito, que o sangue
„ A este lugar, depois de mim, vos chamaõ,
„ Por temer desde já vossa grandeza,
„ Do Throno, em que vacillo, vos exclue :
„ Da Religiaõ na colera terrivel
„ Fataes excommunhoens (f) se vos fulminaõ ;
„ Roma, que leva a guerra a toda a parte
„ Sem soldados possuir, nas maõs da Hespanha
„ Há posto os seus trovoens : á fé faltaraõ
„ Os Vassallos, parentes, e os amigos,
„ Todos me fogem, todos me abandonaõ ;
„ Ou se armaõ contra mim ; o Hespanhol chega ;
„ Que enriquecido vem com minhas perdas
„ Os meus Campos talando já desertos :

A'

(f) Henrique IV. Rei de Navarra havia sido solemnemente excommungado por Sixto V., e declarado incapaz de succeder na Coroa de França.

„ A' viſta pois de tantos inimigos,
„ Que ultrajar-me deſejaõ, o Eſtrangeiro
„ Em meu ſoccorro á França ſe convoque;
„ Da brilhante Rainha dos Inglezes
„ O coraçaõ ganhai muito em ſegredo;
„ Sei que entre elles, e nós, immortal odio
„ Unir-nos raras vezes nos conſente;
„ Emula de Pariz foi ſempre Londres;
„ Mas depois das affrontas, com que eu vejo
„ Minha gloria murchar-ſe, já naõ tenho
„ Mais Vaſſallos, nem Patria; eu aborreço,
„ E quero punir Póvos taõ odioſos;
„ Qualquer, que me vingar, eu o reputo
„ Pŏr Francez á meus olhos; neſta empreza
„ Eu naõ occuparei algum d'aquelles
„ Meus agentes occultos por inertes;
„ A vós ſómente imploro; ſendo voſſa
„ Huma palavra baſta porque eu tenha
„ Na minha dita os Reis intereſſados:
„ Ide pois a Albiaõ, que o voſſo nome,
„ Fallando ahi por mim, immenſas tropas
„ Eu vejo me conduz; meus inimigos
„ Vencer eſpero pelo voſſo braço,
„ E amigos me daráõ voſſas virtudes. „

Fallou, e o Heróe activo, que zeloſo
Da ſua gloria, teme o dividilla, Ou-

Ouvindo-o se occupou de huma dôr justa:
Sentia os doces tempos agradáveis
Ao seu coraçaõ grande, quando forte
Só com o seu valor, sem mais soccorro,
Fazia com Condé (g) tremer a Liga:
Mas de hum Rei foi preciso que cumprisse
Os designios; suspende em tanto os golpes;
Que a sua maõ vibrava: assim deixando
Os loiros, que colheu sobre estas margens,
A partir d'estes campos já se esforça;
Os soldados attonitos ignoraõ,
Qual seja o seu intento, esperaõ todos
Ver, a que se destina o seu retiro;
Elle parte. Entre tanto a criminosa
Cidade o crê presente, e sempre prompto
A ir sobre ella; o seu augusto nome
(Que era do Throno o mais seguro arrimo)
A aterrava, e por elle combatia.

Já os Campos Neustriannos atravessa;
Nenhum de seus validos o accompanha
Senaõ Mornay, (h) Mornay seu confidente;
Mas nunca adulador; virtuoso apoio

Do

(g) Era Henrique Principe de Condé, filho de Luiz morto em Jarnac.

(h) Dupleffis Mornay, o mais virtuoso, e o maior homem do partido Protestante, era chamado o Papa dos Hugonotes.

Do erro, e do seu Partido; que no zelo;
E na prudencia insigne, servio sempre
Com igualdade á sua Igreja, e á França;
Censor dos Cortezaons, da Corte amado,
Contrario a Roma, mas de Roma aceito.

Onde entre dois rochedos o mar brama;
E quebra as suas ondas espumantes,
Feliz porto ao Herôe Dieppa offerece;
Ao embarque se apressaõ com ardencia
Os marinheiros: féros dominantes
Das ondas saõ as Náos, que estaõ já promptas
Á voar sobre as liquidas planicies:
Nos ares prezo ó Bóreas impetuoso,
Sópra o benigno Zefiro nos mares;
Levaõ ancora, a terra já lhes foge,
Descobrem logo as praias desejadas.

O astro maior do dia de repente
Se escurece; o ar se turba, o Céo troveja;
O mar bramir ao longe já se escuta;
Sobre as vagas fataes soltaõ-se os ventos;
Os raios sintilando estaõ das nuvens,
O fogo dos relampagos, o abysmo
Das ondas espantosas a ver davaõ.
Por toda a parte a morte aos marinheiros.

O Heróe, a quem cercava hum mar furioſo,
No perigo naõ cuida, ſó nos males
Que ſaõ da Patria; a ella volta os olhos,
Nos ſeus vaſtos projectos culpa os ventos,
Que lhe embargaõ aſſim os ſeus deſtinos:
Tal, e menos briozo, Ceſar, (i) quando
Nas ribeiras de Epyro diſputava
O Imperio do Univerſo; ás ondas creſpas,
Aos impetuoſos ventos entregando
O deſtino da terra, e o dos Romanos,
Já a Pompeo, já a Neptuno deſafia,
Sua fortuna oppondo á tempeſtade.

Deos entaõ; eſſe Deos, que he do Univerſo;
Que ſobre os ventos vóa, e excita os mares;
O Deos, cuja ineffavel, e profunda
Sabedoria forma, exalta, e abate
Os Imperios do mundo, do ſeu Throno;
Que na altura dos Céos em luzes brilha,
Se digna ſobre o Heróe fitar ſeus olhos:
Elle o guia; elle ordena ás tempeſtades,
Que a Náo levem ás praias que eſtaõ perto;

On-

(i) Julio Ceſar eſtando em Epyro, ſe embarcou occultamente de noite ſobre o pequeno rio Bolina em hum barco de doze remos; para ir em peſſoa em buſca das ſuas Tropas, que eſtavaõ no Reino de Napoles, e ahi padeceu huma furioſa tormenta.

Onde á vista parece, que do seio
Das aguas sahe Jersey; lá conduzido
Pelo Céo apportou o Heróe valente.

Naõ longe d'esta praia corre hum bosque,
Cujas sombras convidaõ ao descanço;
Das ondas ao furor alli se occulta
Por hum rochedo, e ao mesmo tempo os ventos
Perturbar-lhe naõ podem o repouso:
Junto huma gruta está, cuja estructura
Deve por simples todo o seu ornato
A's maõs da natureza. Tempo havia
Que hum venerando Anciaõ, longe da Corte,
A doce paz buscou n'esta morada
Tenebrosa, aos mortaes desconhecida:
De inquietaçoens izento, era alli, onde
Fazia de si mesmo o seu estudo,
Onde chorava os seus inuteis dias,
Que o mundo lhe levára em vaõs prazeres;
Sobre o innocente esmalte destes campos,
A' borda d'estas fontes submettia
A seus pés as paixoens da humanidade;
Tranquillo elle esperava, que á medida
De seu desejo a morte se chegasse,
Para ao seu Deos unir-se para sempre;
Esse Deos, que elle adora, he quem protege

Seus

Seus já pezados annos, quem permitte,
Desça a Sciencia sobre o Solitario,
Quem liberal emfim de seus thesoiros
Lhe patentea o livro dos destinos.

Este Anciaõ ao Heróe, cujo caracter
Deos lhe faz conhecer, junto á corrente
De huma sonora fonte lhe offerece
Hum banquete campestre; costumado
Era o Principe a estas iguarias;
Muitas vezes debaixo da choupana
Humilde do Pastor, fugindo ao ruido
Das Cortes, e buscando-se a si mesmo,
Elle o esplendor depunha do diadêma.

A turbaçaõ fatal da Christandade
Lhes foi assumpto a hum entretimento;
Mornay na sua Seita era constante,
E ao Calvinismo dava apoio forte;
O Heróe inda duvida, e aos Céos implora,
Que hum raio de luz venha abrir-lhe os olhos:
A verdade sagrada (*l*) (elle dizia)

Foi

(*l*) Pela introducaõ do peccado ficou o entendimento do homem taõ enublado, que ja elle era incapaz de descobrir por si o caminho verdadeiro para a sua felicidade. Naõ bastando pois a razaõ para obter este fim, foi necessario huma revelaçaõ Celeste, que ensinasse ao homem as suas obrigaçoens respectivas a Deos; mas esta devia ter aquellas indi-

Foi para com os fracos mortaes sempre
De erros cercada; em Deos sómente o amparo
He preciso esperar, e que no em tanto
Eu ignore as estradas, que a elle guiaõ;
Hum Deos taõ bom, e que domina no homem,
Porque naõ quer, naõ he inda servido:
Adoremos de Deos (o Anciaõ responde)
Os designios, mas nunca lhe imputemos
Os defeitos dos homens; eu em França
Vi nascer n'outro tempo o Calvinismo
Humilde, e fraco, sem favor crescendo,
Eu o vi desvalido, desterrado
Dos nossos muros, sempre a passos lentos
Por occultos rodeios avançar-se;
Agora em fim meus olhos estaõ vendo
Bem do centro do pó este fantasma
Monstruoso levantar a frente altiva,
Colocar-se no Throno, alli insultar-nos,
Com hum pé desdenhoso, e cheio de ira,
Lançar por terra em fim nossos altares:
Quiz nesta gruta entaõ, longe da Corte,

Da.

spensaveis notas, pelas quaes se fizesse conhecer, e acreditar dos Póvos todos. Em todo o tempo ella foi necessaria, e claramente visivel ás luzes mesmo da razaõ, ás quaes só o homem por sua culpa podia fechar os olhos: Logo he claro, que as expressoens do A., que elle poem na boca de Henrique IV. saõ nascidas do erro, e da ignorancia, que elle tinha do verdadeiro systema da Religiaõ. (Nota do Editor)

Da minha Religiaõ chorar a injuria?
Huma esperança os meus cançados dias
Aqui consola ao menos; vejo hum culto;
Que por novo naõ pode durar sempre;
Do capricho dos homens há tirado
O ser que tem, ver-se-há tambem que acaba,
Como se vio nascer; as obras do homem
Saõ taõ frageis, como elle; Deos dissipa,
Quando quer, os designios orgulhosos;
Só elle he sempre estavel: em vaõ pensa
A malicia em destruir esse edificio
Da Cidade bemdicta, a quem Deos mesmo
Quiz firmar os sagrados fundamentos,
Que triunfaraõ do inferno, e das idades:
A vós, grande Bourbon, o Deos immenso
Se fará conhecer; vós illustrado
Vereis, que teraõ fim vossos desejos;
Deos vos há escolhido, e nos combates
Vossos passos conduz a maõ Suprema
Ao Throno dos Valois; a voz terrivel
Se escuta já, que ordena se preparem
Os caminhos da gloria para Henrique:
Mas se a sua verdade naõ illustra
Vosso espirito, crède-me, que entrada
Nos muros naõ tereis do Paraiso:
Evitai sobre tudo huma fraqueza

Que

Que os coraçoens maiores entorpece ;
De hum goſtoſo veneno , de hum agrado
Encantador fugi , vede com ſuſto
Sempre as voſſas paixoens , e ſe algum dia
Vos combater amor , ſabei vencello.
Quando por hum esforço em fim Supremo
Triunfado tiverdes dos da Liga ,
E o que he mais , de vós meſmo, quando em cerco
Horrivel , e apontado nas idades ,
Se veja todo hum Povo conſternado
Alentar-ſe dos voſſos beneficios ,
N'eſſes tempos entaõ do voſſo Eſtado
Teráõ fim as miſerias , vós os olhos
Ao Deos de voſſos Pais ireis erguendo ;
Vereis , que hum coraçaõ , que he juſto , pode
N'elle eſperar ; parti ; quem ſe aſſemelha
A Deos , ſeguro eſtá do ſeu auxilio.

Cada palavra , que elle proferia ,
Era hum raio de luz , que penetrava
Henrique até o fundo da ſua alma ;
Elle entaõ ſe imagina tranſportado
A'quelles doces tempos , em que o Eterno
Deos dos homens com elles praticava ;
Em que a ſimples virtude dos milagres
Era diſpenſadora , tinha imperio
Sobre os Reis , e os Oraculos rendia.

O Heróe a seu pezar o Anciaõ virtuoso
Já deixa, e abraça, lagrimas vertendo
De seus olhos ; e desde o mesmo instante
A aurora vio d'aquelle feliz dia,
Que para elle ainda naõ brilhava :
Mornay sim pareceu ser sorprendido,
Mas tocado naõ foi ; naõ se lhe havia
Deos, *Senhor* dos seus dons, feito patente ;
Naõ lhe servio na terra ter de sabio
O nome, pois no meio das virtudes
Teve em repartiçaõ sómente o erro :
Em quanto o raro Anciaõ, por Deos instruido,
O Principe entretinha, e lhe fallava
Ao coraçaõ, os ventos impetuosos
A' voz do Céo de todo se aplacáraõ ;
O Sol torna a luzir, o mar socega,
Até ás praias Bourbon he conduzido,
Parte, e aos mares de Albiaõ dirige a próa.



A' vista de Inglaterra elle comsigo
D'este potente Imperio vê, e admira
A mudança feliz ; onde hum abuso
Continuado de Leis tantas, e sabias,
Causou por muito tempo os infortunios
Do Povo, e dos seus Reis ; sobre este theatro
Sanguinoso, em que cem Heróes morrèraõ ;

Sobre este Throno augusto, e vacilante,
De que hum cento de Reis tem procedido,
Huma mulher se vè, que subjugando
A seus pés os destinos, assombrava
Co' esplendor do seu Reino o mundo todo:
Sim, tal era Isabel, cuja prudencia
Da Europa propender fez a balança
Para a sua eleiçaõ; que fez, que o jugo
O indomavel Inglez contente amasse,
Elle que nunca pôde altivo, e forte
Nem servir, nem viver em liberdade:
No seu Reinado os Póvos suas perdas
Esquecido tem já; estaõ cubertos
Seus Campos de rebanhos alentados,
As lavoiras de paõ, de Náos os mares;
Elles se vem temidos sobre a terra,
Sobre as aguas saõ Reis, as suas frotas,
Subjugando imperiosas a Neptuno,
Dos fins do mundo chamaõ as riquezas;
Londres barbara foi antigamente,
Hoje he o centro das artes, do Universo
Ella he hoje o armazem, templo de Marte:
De Wesminster (m) nos muros tres estados

Se

(m) Em Wesminster se junta o Parlamento de Inglaterra: he preciso o concurso das Camaras dos Communs, dos Pares, e consentimento dos Reis, para que se possaõ formar as Leis.

Se ajuntaõ, pela uniaõ ſempre admiraveis;
Deputados do Povo, o Rei, e os Grandes;
Se pelos intereſſes divididos,
Reúnidos pela Lei; todos tres membros
De hum invencivel corpo, perigoſo
A ſi meſmo, terrivel aos viſinhos;
Feliz, ſe o Povo, ao ſeu dever attento,
O poder Soberano naõ altera;
Mais feliz, quando hum Rei affavel, juſto,
A liberdade publica reſpeita.
Ah! (exclama Bourbon) quando os Francezes
Poderáõ, como vós, reunir ſeguros
A gloria com a paz! Que ſabio exemplo
Aos Mônarchas da terra! A mulher forte
Aſſim da guerra as portas há fechado,
A diſcordia, e o horror, he deſte modo
Que aos outros há mandado; hum Povo a adora;
Ella a felicidade faz de hum Povo.

Chega entre tanto o Heróe áquella immenſa
Povoaçaõ, onde ſó a liberdade
A abundancia entretem; diviza a torre
Do vencedor Guilherme, (*n*) mais ao longe

(*n*) A torre de Londres he hum antigo Caſtello, edificado junto ao Tamize por Guilherme o Conquiſtador, Duque de Normandia.

De Isabel o magnifico Palacio.
Só de Mornay seguido, sem mais pompa,
Sem o ruido vaõ, e apparatoso,
De que os Grandes se inflamaõ, mas que attende
Hum Heróe verdadeiro com despreso,
Elle busca a Rainha, elle lhe falla;
Serve à sinceridade de eloquencia;
Elle as necessidades em segredo
Lhe expoem da França, e pelas rogativas,
Com que seu coraçaõ se humilha, e rende,
Nas suas submissoens sua grandeza
Se deu a conhecer: Que? vós servindo
A Valois! (a Rainha lhe diz logo
Sorprendida) He pois elle quem ás margens
Do Tamize famoso vos envia?
Vós Protector de vossos inimigos?
Por hum, que he seu rival, me roga Henrique?
Das barreiras do Poente até da aurora
Tocar nas portas, inda o mundo falla
Das entre vós durissimas contendas;
E em favor de Valois eu vejo armar-se
O braço, aquelle braço, que elle mesmo
Tantas vezes temeu? Suas desgraças
(Diz elle) haõ suffocado os nossos odios;
Era escravo Valois; elle há quebrado
Em fim suas cadeas; feliz sempre

Se

Seria, se da minha fé seguro,
Outro encosto, outro alliado naõ buscasse,
Que a mim, e o seu valor; mas o artificio
Elle sempre empregou, e o fingimento;
Meu inimigo há sido por fráqueza,
E por temor; mas eu em fim me esqueço
Da sua falta vendo o seu perigo;
Eu o venci, Senhora, e vou vingallo;
N'esta guerra podeis, grande Rainha,
Signalar para sempre o vosso nome,
C'roar vossas virtudes sustentando
Nossos direitos, sim podeis naõ menos
A contenda dos Reis vingar comigo.

Impaci ente Isabel manda lhe conte
As turbaçoens da França, e que lhe narre,
Que artificios, que serie de successos
Tal mudança em Pariz há produzido;
Já a trombeta da Fama (lhe diz ella)
D'estas scenas fataes, e sanguinosas
Me há feito sabedora muitas vezes:
Mas sei, que a sua voz por indiscreta,
Na sua ligeireza sempre espalha
Confundida a verdade co' a mentira;
Narraçoens pouco fieis escuzei sempre;
Porém vós testemunha d'estes longos

Debates, de Valois vós que haveis sido
Vencedor, ou patrono em todo o tempo,
Explicai-me o nó firme de amisade,
Que hoje a elle vos une; referi-me
Esta mudança extrema; de vós mesmo
Só vós podeis fallar mais dignamente,
Individuai-me em fim vossas desgraças,
E as felices emprezas; pensai sempre,
Que he a liçaõ dos Reis a vossa vida.

Ah! (responde Bourbon) será preciso,
Que a memoria renove d'esses tempos
A desgraçada historia! O Céo quizesse
(Pois que elle he testemunha de meus males)
Que occultasse hum eterno esquecimento
Fealdades tantas! Ah! porque, Rainha,
Mandais vós, que os furores, e a vergonha
Dos Principes vos conte do meu sangue,
Quando a esta lembrança taõ sómente
O coraçaõ no peito tremer sinto!
Mas sois vós, quem o ordena; eu obedeço;
Sendo outro o que fallasse, poderia
Disfarçar com industria seus delictos,
Astuto desculpar sua fraqueza;
Este artificio naõ se fez, Senhora,
Para meu coraçaõ, a minha falla
Naõ he de Embaixador, he de soldado.

CANTO II.

ARGUMENTO.

Henrique o Grande conta á Rainha Isabel a historia das infelicidades da França. Elle passa a buscar a origem d'ellas, e refere com individuaçaõ os Massacros de S. Bartholomeu.

RAinha, todo o excesso d'esses males,
Que experimenta a França, he certamente
Tanto mais espantoso, quanto a origem
D'elles he mais sagrada; o cruel zelo
Da Religiaõ he sempre, quem as armas
Nas maõs vai pôr de todos os Francezes;
Entre Genebra, (*a*) e Roma (*b*) eu naõ decido;
Qual-

(*a*) Muitos historiadores pintaraõ a Henrique IV. fluctuando entre as duas Religioens.

(*b*) Se a Religiaõ Catholica Romana derivasse a sua dignidade, e esplendor das acçoens d'alguns de seus individuos, e naõ do seu augusto Chefe o mesmo filho de Deos, que a fundou, teria razaõ de assim pensar Henrique IV. Ora he constante entre os bons Theologos, que o systema do Christianismo, taõ longe está de favorecer a perseguiçaõ dos Hereges, que pelo contrario os seus mais solidos principios, refutaõ esta destruidora opiniaõ. He verdade, que a carnagem de S. Bartholomeu foi apoiada d'alguns Theologos, mas naõ há coisa por mais sancta que seja, de que os homens naõ tenhaõ abusado para os seus perversos designios. Ao mesmo tempo que os Calvinistas se naõ podem queixar a este respeito dos Catholicos, porque elles nada mais fizeraõ, que

Qualquer nome Divino, que os Sectarios
Lhe dem, de ambas as partes tenho visto
A impostura, e o furor; e se a perfidia
Nascida do erro he só; se nas disputas,
A que a Europa se entrega, eu vejo a morte,
E a traição ser o sello da mentira,
São inhumanos ambos os partidos,
Tanto no crime, como na cegueira;
Por mim, que só do Estado procurando
A defeza, o cuidado da vingança
Aos Céos sempre deixei, já mais se há visto,
Que excedendo os poderes, o incensorio
Com indiscreta mão eu profanasse;
E pereça a politica horrorosa,
Que sobre os coraçõens haver pertende
Dispotico dominio; que procura
Com o ferro na mão voltar os homens;
Que com o sangue heretico os Altares
Só intenta regar, e que seguindo
Por guia hum falso zelo, ou interesse,
Só serve a hum Deos de paz com homicidios.

Provera ao Eterno Deos, cuja lei busco,
Que

servirem-se do exemplo, que Calvino mesmo d'antes tinha dado, fazendo queimar publicamente em Genébra o desgraçado Serveto, e outros, que forão victimas infelices do seu furor. Systema horroroso, que continuão ainda a defender os seus sequazes! (*Nota do Editor*)

Que a Corte de Valois, como eu, pensado
Tivesse; mas o escrupulo naõ move
Nem hum nem outro Guiza; (c) saõ de hum Povo
Muito credulo os Chefes ambiciosos,
Que cobrindo os seus proprios interesses
Co' interesse do Céo, tem conduzido
Ao laço muitas almas, tem armado
Sua piedade cruel em minha ruina;
Os nossos Cidadáos eu vi com zelo
Degolarem-se; eu vi, que elles corriaõ
Com os fachos na maõ para a carnagem,
Sem assás comprehenderem os motivos:
Vós conheceis o Povo, e ao que se atreve;
Quando pensa do Céo vingar a causa;
O véo da Religiaõ lhe cinge os olhos,
E faz da sujeiçaõ que rompa o freio:
Vós o sabeis, e a vossa providencia
O mal, quando no berço, há suffocado;
A tempestade apenas se formava
No vosso Reino, quando cuidadoso
Vosso espirito soube prevenilla,
Depois vossa virtude soccegalla;
Vós, Senhora, reinais, Londres he livre,
Vossas leis florecentes. Há seguido Ou-

(c) Francisco Duque de Guiza, chamado commummente o grande Duque de Guiza, era o Pai de Balafré. Foi elle, o que com o Cardeal seu irmaõ lançou os fundamentos da Liga.

Outros caminhos Medicis diversos:
Se ás tristes narraçoens talvez sensivel
Me perguntais por Medicis qual era,
O sabereis ao menos de huma bocca
Ingenua; muito d'ella se há fallado,
Mas pouco conhecido; do seu impio,
Profundo coraçaõ pouco sondado
Se tem as dobras; eu porém vinte annos;
Que me nutrí na Corte de seus filhos,
Que outros tantos nascer vi as tormentas
Debaixo de seus pés, a meu perigo
Tenho bem aprendido a conhecella.

Na melhor flor dos annos espirando
O esposo, pôde a sua ambiçaõ rara
Correr livre ao seu fim; qualquer dos filhos,
Que ella nutrio debaixo da tutella,
Se fez seu inimigo desde o ponto,
Que sem ella reinou; do Throno em roda
Semeavaõ suas maõs confusamente
O ciume, e a divisaõ; naõ se escusava
De oppôr sempre com maxima segura
Os Guizas aos Condés, a França á França;
Prompta sempre a ligar-se aos seus contrarios;
Já muda de interesses, já de amigos,
E de rivaes; escrava do appetite,

Mas menos que ambiciosa, há sido injusta,
A' sua *Seita* infiel, (*d*) superticiosa;
E por tudo dizer tinha do sexo
Os *defeitos*, e pouco das virtudes:
A' minha ingenuidade esta palavra
Me escapou, perdoai; em fim, Senhora;
Naõ sois vós n'este sexo comprehendida;
Sim, na augusta Isabel nada se encontra,
Que admiraçaõ naõ seja; o Céo, que soube
Formar-vos, a reger vossos Estados,
Vos fez tambem servir de exemplo a todos,
E entre os grandes Heróes vos conta a Europa.

Já Francisco segundo por hum modo
Naõ previsto se havia trasladado
Ao sepulchro, e a seu Pai se havia unido;
Froxo mancebo, que de Guiza amava
Os caprichos; de quem inda se ignora,
Quaes as virtudes, quaes os vicios fossem.
Carlos mais moço apenas tinha o nome
De Rei; Medicis só he quem reinava;
Sujeito ás suas leis tremia tudo:
Logo a sua politica sevéra,
Por segurar o mando, parecia
Querer eternizar do filho a infancia:

(*d*) Catherina de Medicis deu credito á Magica; testemunha os Talismans, que se lhe acharaõ depois da morte.

À sua maõ o fogo da discordia
Accendendo, firmou-lhe o novo Imperio
Por cem combates; ella armou as iras
Dos dois rivaes partidos; Dreux, (e) que logo
Vio as fataes bandeiras despregadas,
Foi o theatro espantoso das primeiras
Emprezas; o infeliz velho guerreiro
Montmorenci, (f) dos Reis junto ao sepulchro,
De hum mosquete ferido, eis a carreira
Terminou de cem annos de trabalho;
Guiza, perto de Orleans, assassinado
Morreu; o Rei meu Pai (g) infelizmente
Foi prisioneiro á Corte; desvalido,
E obrigado a servir sempre á Rainha,
Sua incerta fortuna com affrontas
Foi sempre que nutrio, e preparando

Com

(e) A batalha de Dreux, foi a primeira batalha regular, que se deu entre os dois partidos, em 1562.

(f) Anne de Montmorenci, homem obstinado, e inflexivel, e o General mais desgraçado do seu tempo. Foi prisioneiro em Pavia, e em Dreux: derrotado por Filippe II. em S. Quintins: e morto finalmente na batalha de S. Dinis por hum Inglez chamado Stuart, o mesmo, que o tinha prisionado em Dreux.

(g) Antonio de Bourbon Rei de Navarra, e Pai de Henrique IV. tinha hum espirito fraco, e indeciso. Renunciou o Calvinismo, em que havia nascido, no mesmo tempo que sua mulher abandonou a Religiaõ Catholica: elle naõ soube nunca bem, de que partido, ou communhaõ era. Foi morto no sitio de Ruaõ, servindo o partido dos Guizas, que o opprimiaõ, contra os Protestantes, que estimava: morreu em 1562.

Com sua propria maõ suas desgraças;
Combateu a favor dos inimigos,
E morreu pelos seus perseguidores:
Condé, (*h*) que vio em mim o unico filho
De seu querido irmaõ, me adoptou logo;
Foi meu Pai, e por Mestre o tive sempre;
Foi seu campo o meu berço, onde educado
Nas fadigas, por entre o pó, e o fumo,
A' sombra dos loireiros, junto a elle
A indolencia da Corte desprezava;
Da minha infancia o fogo há sido a guerra:
O' campos de Jarnac! Golpe inhumano!
Barbaro Montesquieu, mais assassino,
Que guerreiro! Condé já de cançado
Debaixo foi cahir da tua furia;
Eu vi erguer-se o golpe, eu vi cortares
Sua vida preciosa; eu inda moço, (*i*)
Meu braço debil, ah! que naõ podia
Prevenir, nem vingar a sua morte!

O Céo, que de meus annos protegia
A fraqueza, fiou dos Heróes sempre

O

(*h*) O Principe de Condé, de que aqui se trata, era irmaõ de Antonio de Bourbon Rei de Navarra, e Tio de Henrique IV. muito tempo Chefe dos Protestantes, e grande inimigo dos Guizas.

(*i*) Henrique IV. naõ tinha mais do que 14 annos, e já entaõ notou os erros, que fizeraõ perder a batalha.

O cuidado da minha mocidade :
Coligny, (l) de Condé fucceffor digno,
De mim naõ menos, que do meu Partido,
Se há feito defenfor ; tudo lhe devo,
He força que o confeffe ; fe hoje a Europa
Me louva de huma pouca de virtude,
Se Roma mefma eftima muitas vezes
Minhas acçoens, a vós illuftre fombra,
A vós he que eu o devo ; eu avultava
Debaixo de feus olhos ; meu esforço
Juvenil muito tempo fez da guerra
Hum duro enfaio : fim, com feu exemplo,
Dos Heróes me inftruhia na grande arte :
Eu via efte guerreiro encanecido
Nos trabalhos, o pezo fuftentando
De huma caufa commúa, tendo contra
De Medicis as forças, e'a fortuna ;
Do feu Partido amado, do contrario
Tido fempre em refpeito ; nas batalhas,
Inda quando infeliz, fempre temido ;
Se fabio nos combates, tambem fabio
Nas retiradas ; inda mais gloriofo,
Maior, mais efpantofo nas derrotas
Que Dunois, e Gaftaõ já mais o foraõ

Na

(l) Gafpar de Coligny Almirante de França, filho do Marechal do mefmo nome, e de Luiza de Montmorenci nafceo em Chatillon a 16 de Fevereiro de 1516.

Na carreira triunfante da fortuna.

Dez annos de successos, e de perdas
Eraõ passados; Medicis, que via
Nossas campanhas cheias de hum Partido
Renascente, que extincto já suppunha,
De combater em fim deixa o projecto,
E de vencer sem fructo; de hum só golpe,
Sem mais tentar esforços por inuteis,
Se propoz acabar civís discordias:
A Corte entaõ de seus favores franca,
Nos offerta attractivos: naõ podendo
Vencer-nos até alli, a paz nos rende;
Mas que paz! Justo Deos! Deos de vingança,
Que eu chamo a testemunho! Que de sangue
Sobre a funesta Oliva naõ se espalha!
O' Céos! he pois assim, que os Reis aplanaõ
Os caminhos do crime a seus Vassallos!

Coligny; que fiel dentro em si fôra
Ao seu Principe, a França sempre amava,
Quando mesmo contra ella combatia:
A occasiaõ estimou, porque segura
Parecia ficar do Estado a alliança;
Hum Heróe raras vezes desconfia;
Elle a seus inimigos sem remorso

Vem

Vem cheio de confiança; elle até o centro
Do Louvre enganador meus passos guia:
Com lagrimas nos olhos me recebe
Medicis em seus braços, e as ternuras
De Mãi por muito tempo me dispensa;
A Cologny segura huma amisade
Firme, e sincera; quer por seus conselhos
Desde entaõ regular-se; já de empregos
O reveste, enche-o já de beneficios;
Aos meus, a quem engana huma esperança,
Dos favores do filho ella concede
A apparente lisonja; ah! nós tranquillos
Nos julgavamos já por muito tempo:
Estas perfidas graças por dolosas
Alguns tinhaõ; as dadivas (diziaõ)
De hum inimigo sempre saõ suspeitas:
Quanto mais desconfiavaõ, mais sabia
O Rei fingir, pouco antes ao perjurio,
E ao engano, na sombra do segredo,
Medicis costumado havia o filho;
Aos delictos moldava aquelle tenro,
E facil coraçaõ; ás liçoens docil
O Principe infeliz, prompto a seguillas,
Pelo genio feroz, que o estimulava,
Mostra o muito, que havia aproveitado
Em taõ pessima escola; occultar sabe

Inda mais hum taõ perfido ſegredo
Dando-me ſua irmã ; (*m*) irmaõ me chama ;
Nome fatal , que aſſim me hás enganado !
Vaõs juramentos ! Hymineo funeſto ,
Tu primeiro ſignal de noſſos males !
Teus fachos , que accendeu o Céo irado ,
A ver me daõ de minha Mãi (*n*) a morte ;
Eu injuſto naõ ſou , nem toda via
Quero imputar a Medicis a cauſa ,
Fujo a talvez legitimas ſuſpeitas ,
E crimes procurar-lhe naõ preciſo ;
Minha Mãi eſpirou , perdoai , Rainha ;
As lagrimas , que agora huma lembrança ,
De ſi taõ terna , arranca ás minhas dores :
A hora em fim chegou , e tudo prompto
Ao exito fatal premeditado.

Sem tumulto , e ſem ruido deu-ſe a ſenha ;
Da noite as ſombras tudo apadrinhavaõ ;
Do infeliz mez (*o*) a deſigual carreira

(*m*) Margarita de Valois irmã de Carlos IX. caſou com Henrique IV. em 1572 poucos dias antes dos Maſſacros.

(*n*) Joanna de Albret, Mãi de Henrique IV., foi attrahida a Pariz com o reſto dos Hugonotes, e morreu quaſi ſubitamente, entre o caſamento de ſeu filho , e o S. Bartholomeu, porém Cailard ſeu Medico, e Deſnœuds ſeu Cirurgiaõ , Proteſtantes apaixonados, que abriraõ o ſeu cadáver, naõ acharaõ n'elle algum ſignal de veneno.

(*o*) Na noite de 23 para 24 de Agoſto , veſpera de S. Bar-

A luz tremula como que escondia
De horror, e espanto; Coligny languente
Nos braços do repouso descançava,
E o somno enganador as dormideiras
Sobre elle repetia; de improviso
Mil gritos, e alaridos espantosos
D'este grato descanço seus sentidos
Vem arrancar; levanta-se turbado,
Repara, vê correr de toda a parte
A tropa de assassinos em tumulto,
Em torno vê luzir os fachos, e armas;
Seu Palacio abrazado, o mais do Povo
Em espantos, seus servos suffocados
Nas chammas, e de sangue todos tinctos;
Em chusmas os traidores, na carnagem
Enfurecidos, a alta voz levantaõ
=„ A ninguem se perdoe, he Deos que o manda,
„ He Medicis, he ElRei, que o determina =
De Coligny o nome spár ouve,
O moço Teligny (p) vê vir ao longo,
Teligny, cujo amor há merecido

Sua

tholomeu em 1572, foi que se executou esta sanguinolenta tragedia.

(p) O Conde de Teligny havia 10 mezes que se tinha recebido com a filha do Almirante, e era de taõ agradavel presença, que os primeiros, que chegaraõ para o matar, se deixaraõ enternecer á sua vista, porém depois outros mais barbaros o massacraraõ.

Sua filha, elle a unica eſperança
Do Partido, da ſua caſa a honra;
Que ferido, e arraſtrado dos malvados;
Do ſeu ſangue cuberto, lhe pedia
Vingança ſó, e lhe eſtendia os braços.

Mas o Heróe infeliz ſem ter defeza,
E ſem armas, penſando ſer preciſo
O morrer, e morrer ſem mais vingar-ſe;
Quiz ao menos morrer, como vivera,
Acabando com gloria, e com virtude.

Já a immenſa cohorte de aſſaſſinos
Do ſalaõ, em que eſtava, forçou a porta;
E a pertende quebrar, mas elle abrindo-a,
Se apreſenta a ſeus olhos com aquella
Viſta ſerena, e roſto mageſtoſo,
Tal quando nos combates mais violentos;
Senhor do ſeu valor, e bem tranquillo,
Inſtava, ou impedia a mortandade.

A eſte ár veneravel, ao auguſto
Aſpecto os matadores ſorprendidos,
De reſpeito ſe encherão: huma força
Deſconhecida as iras lhes ſuſpende;
Companheiros (lhes diz) findai a obra,

E do meu frio ſangue eſtes já brancos
Cabellos ſalpicai, que quarenta annos
Há reſpeitado a ſorte dos combates;
Ferí, nada temais, eu ſei, que a morte
Coligny vos perdoa; a minha vida
He pouca coiſa; ſim, eu vo-la entrego,
Já que em voſſo favor dalla naõ poſſo . . .

Ao dizer iſto os Tigres ſe lhe proſtraõ;
Hum lança fóra as armas ſó de eſpanto,
Outro lhe abraça os pés, e os humedece
Com lagrimas: cercado eſte grande homem
Aſſim dos aſſaſſinos, parecia
Rei potente adorado do ſeu Povo.

Béſme, (q) que a ſua victima eſperava
Na Corte, corre, avança-ſe indignado
Da móra do ſeu crime; a apreſſar ſobe
Anciofo os vagoroſos aſſaſſinos;
Elle aos pés deſte Heróe os vê tremendo;
A taõ tocante objecto elle ſómente
Inflexivel ſe moſtra; elle á piedade
He ſempre o que reſiſte; imaginava,
Que era traidor a Medicis, e que era
De-

(q) Béſme era hum Alemaõ, domeſtico da caſa de Guiza.

Delinquente, se acaso sorprendido
Fosse de algum remorso, e assim por meio
Rompe da immensa turba a passos largos:
Com hum semblante intrepido o esperava
Coligny; de improviso aquelle monstro,
Todo furias, no peito a dura espada
Lhe atraveça, voltando d'elle os olhos,
Receando este cruel, que o rosto augusto
Com hum golpe de vista naõ fizesse
Tremer-lhe o braço, e diminuir-lhe o esforço.

Do maior dos Francezes tal, Senhora,
A triste sorte foi; ainda o insultaõ,
E além da morte o ultrajaõ; (r) seu cadaver
Todo ferido a golpes, e privado
De sepultura, ás aves devorantes
Servio de indigno pasto; he transportada
De Medicis aos pés sua cabeça,
Digna conquista d'ella, e de seu filho;
Indifferente Medicis a attende,
Sem mostrar, que a alegrava aquelle fructo
De taõ cruel vingança, sem remorso,

Sem

(r) Penduraraõ ao Almirante de Coligny pelos pés com huma corrente de ferro na forca de Montfaucon. Carlos IX. foi com a sua Corte gozar d'este horrivel espectaculo; e dizendo-lhe hum dos Cortezaõs, que o corpo de Coligny cheirava mal, respondeu o Rei, como Vitellio, " O corpo de hum inimigo morto sempre cheira bem. "

Sem jubilo, dos seus sentidos livre,
E como a taes offensas costumada.

Quem pudera expressar agora as ruinas
De que esta cruel noite a nossos olhos
Presentou as imagens! Foi a morte
De Coligny preludio das desgraças,
Fraco ensaio de todos os mais damnos:
De hum Povo de assassinos grossas tropas
Por zelo, e por dever, enfurecidas
Na carnagem, sem tino assim marchavaõ,
Na maõ o ferro, os olhos scintillando,
Sobre os corpos, ou mortos, ou feridos,
De nossos irmaõs: Guiza (*s*) em frente d'elles
Em colera abrazado, como que a alma
De seu Pai sobre os meus vingar queria.
Nevers, (*t*) Gondy, (*u*) Tavanne (*x*) com a espada
Na maõ os animavaõ aos transportes
Do zelo mais cruel; dos criminosos

Mo-

(*s*) Era Henrique Duque de Guiza chamado o Balafré, filho do Duque Francisco, de que assima se fallou.

(*t*) Frederico Gonsaga da casa de Mantua, Duque de Nevers, hum dos auctores do S. Bartholomeu.

(*u*) Alberto de Gondy Marechal de Retz, favorecido de Catharina de Medicis.

(*x*) Gaspar de Tavanne pagem de Francisco I. Elle corria pelas ruas de Pariz na noite de S. Bartholomeu, clamando: sangrai, sangrai, porque a sangria he taõ boa no mez de Agosto, como no mez de Maio.

Moſtrando-lhes a liſta, lhes marcavaõ
As victimas, que ſaõ do ſacrificio.

Eu naõ vos pintarei, qual o tumulto;
Quaes os gritos, e o ſangue, que corria
Por toda a parte: o filho aſſaſſinado
Sobre o corpo do Pai; a Mãi co' a filha;
O irmaõ co' a irmã, e meſmo os eſpoſos,
Que abraçados nos leitos eſpiravaõ,
Eſmagados nos berços os filhinhos
Com duras pedras; nada em fim ſe eſtranha
Nos homens, quando mais enfurecidos;
Mas o que ſe fará para o futuro
Sómente incomprehenſivel, he, Rainha;
O que podeis apenas crêr vós meſma;
He, que os Monſtros fataes da tyrannia
Furioſos, excitados pelas vozes
Dos ſanguinarios Padres, (y) invocavaõ
O Senhor das alturas na carnagem
De ſeus irmaõs, e o braço aſſim manchado
Do ſangue d'innocentes ſe atrevia Of-

(y) O falſo zelo, e a ſuperſtiçaõ tem algumas vezes levado os meſmos Miniſtros do Sanctuario aos maiores exceſſos Nós o vimos ſucceder na França n'eſta occaſiaõ; em Portugal no tempo do grande Rei D. Manoel, e em todas as Naçoens em differentes épocas. Porém o crime d'huns pouco illuminados deve por ventura procurar a infamia á auguſta ordem Sacerdotal? He pois claro, que a cenſura do A. n'eſte lugar ſó deve recahir ſobre aquelles, que obraraõ taõ execranda maldade. (*Nota do Editor*)

Offertar ao bom Deos taõ impio incenso.

Oh! e quantos Heróes indignamente
Pereceraõ! Lá foraõ ter c'os mortos
Renel, (z) e Pardaillan; e vós valente
Guerchy, (aa) vós Lavardin sabio, e bem digno
De mais vida, e de haver melhor fortuna.
Dos infelices, que esta cruel noite
Aos horrores lançou da sombra escura,
Marsillac, (bb) e Soubise (cc) condemnados
A morrerem, defendem algum tempo
Seus dias desgraçados, té, que exangues
Com mil feridas respirando apenas,
Até as portas do Louvre conduzidos

Se

(z) Antonio de Clermont-Renel, querendo salvar-se em camisa, foi morto pelo filho do Baraõ des Adrets, e por seu proprio primo Bussy d'Amboise. O Marquez de Pardaillan morreu tambem ao lado d'elle.

(aa) Guerchy se defendeu na rua por muito tempo, e matou alguns assassinos antes de ser opprimido pelo número; mas o Marquez de Lavardin naõ teve tempo de arrancar pela espada.

(bb) Marsillac, Conde de la Rochefoucault, era favorecido de Carlos IX. com quem tinha passado huma parte da noite; Este Principe mostrando alguma vontade de o salvar, chegou a dizer-lhe, que dormisse no Louvre, porém a final o deixou ir, dizendo depois, já vejo que Deos quer, que elle morra.

(cc) Soubise tinha este nome por cazar com a herdeira d'aquella casa: elle se chamava Dupont-Quellenec. Defendeu-se por muito tempo, e cahio traspassado de golpes debaixo das janellas da Rainha. As Damas da Corte foraõ ver o seu cadaver nu, e ensanguentado por huma curiosidade barbara, e digna d'esta Corte abominavel.

Se viraõ, e arrastrados, com seu sangue
Tingindo-lhe as paredes mentirosas,
Clamando contra o Rei, que os enganára.

Do alto do Palacio a tempestade
Medibis excitando, contemplava
Com socego esta farça; os seus validos
Com hum curioso olhar desapiedado
Viaõ hum mar de sangue derramar-se
A seus olhos: da Corte em labaredas
As ruinas fataes eraõ com gosto
D'estes Heróes as pompas do triunfo.

Que digo! O' crime! O' pessima vergonha!
O' tu maior dos males! O Rei mesmo,
Carlos o Rei, (*dd*) no meio dos algozes,
Perseguindo os proscriptos, que fugiaõ,
Chega a manchar no sangue dos Vassallos
As suas mãos sagradas; Valois mesmo,
Este a quem hoje sirvo, este que implora
Por mim vosso soccorro, dos delictos
D'hum taõ barbaro irmaõ parcial se há feito;

El-

(*dd*) Ouvi dizer ao ultimo Marechal de Tessé, conhecera na sua mocidade hum velho, o qual lhe havia asseverado muitas vezes, que elle mesmo tinha carregado a espingarda, com que o Rei atirára sobre os seus Vassallos Protestantes na noite de S. Bartholomeu.

Elle o furor lhe excita á mortandade ;
Naõ que tenha Valois entranhas féras ,
Raras vezes no sangue humedecido
Tem a maõ , mas do crime o raro exemplo
Seus annos inda poucos assaltava ;
Sua mesma crueldade era fraqueza.

He verdade , que alguns na immensa turba
Dos mortos os esforços illudiraõ
Do ferro matador : (ee) Caumont hum d'elles ,
Infante juvenil , teve o successo ,
Que pelo assombro irá de boca em boca
A's geraçoens futuras : opprimido
Seu velho Pai c'o pezo de seus annos ,
Deitado entre dois filhos , se entregava
Ao somno ; unico leito os recebia :
Cégos de ira os furiosos assassinos
A golpes apressados encravavaõ
Sobre elles os punhaes ; entaõ a morte
Vóa á ventura sobre o infeliz leito !
Só o Eterno nas suas maõs possue
Nossos destinos ; sobre nossos annos
Elle sabe vigiar , quando lhe agrada :

Em

(ee) O Caumont , que escapou n'este massacre , he o famoso Marechal de la Force , que viveu depois até a idade de 84 annos.

Em quanto em seus furores o homicida
He illuso, Caumont de nenhum golpe,
De nenhum ferro foi já mais ferido;
Hum invisivel braço em defendello
Armado, a sua infancia libertava
Das maõs dos matadores: a seu lado
Seu Pai mesmo acabando com mil golpes,
C'o seu corpo o cubria todo inteiro,
E os barbaros assim sendo enganados,
Segunda vez ao filho deu a vida.

Eu entre tanto, n'estes espantosos
Momentos, que fazia? Ah! que eu seguro
Na fé dos juramentos, e tranquillo
Bem no centro do Louvre, onde ao estrondo
Das armas me occultaraõ, os encantos
De hum suave repouso inda sentia;
Noite funesta! Somno lastimoso!
Os despojos da morte em despertando
Me instruiraõ; eu vi sacrificados
Meus mais cáros domesticos; o sangue
Por toda a parte os porticos regava;
Quando os olhos abri, foi para o espanto
De ver, que sobre o marmore acabavaõ
De degolar os meus os assassinos;
De sangue estes cobertos ao meu leito

Se avançaraõ, e os braços parricidas
Diante de mim erguem, eu tocando
Da minha ſorte o ultimo momento,
Apreſento a cabeça, eſpero a morte.

Mas ſeja, que hum antigo alto reſpeito
Ao ſangue dos ſeus Reis inda fallaſſe
Por mim no coraçaõ d'eſtes traidores;
Ou ſeja, porque a colera engenhoſa
De Medicis achaſſe ſer-me a morte
Supplicio muito brando; ou em fim ſeja,
Que por ſe aſſegurar de hum porto, em quanto
Durava a tempeſtade, ſeu prudente
Furor para refens me conſervaſſe,
Guarda-me a vida para novas penas,
E logo aos ferros manda que me entregue.

Coligny mais feliz, de inveja digno,
Sim morreu, mas ao menos naõ perdera
Mais do que a vida, a ſua liberdade
Levou, e a ſua gloria á ſepultura....
Aeſta narraçaõ cheia de aſſombros
Eſtremeceis, Senhora? Vos ſorprende
Tanto horror? Mas de atroz barbaridade
Vos tenho a menor parte decifrado:
Já vos diſſe, que do alto do ſeu Louvre

Foi

Foi Medicis, que á França o ſignal dera;
Tudo a Pariz ſeguio; ſem reſiſtencia
Cubrio a morte em hum fatal momento
Toda a face da França; hum Rei, que eſtima
O delicto, he ſervido promptamente;
Por cem mil aſſaſſinos ſuas iras
Se viraõ reſpeitadas; teſtemunhas
Saõ os rios da França, cujas aguas,
Tinctas de ſangue, aos mares aſſombrados
Nada mais conduziaõ, ſenaõ mortos.

CAN-



CANTO III.

ARGUMENTO.

O Heróe continúa a historia das Guerras civis de França. Morte funesta de Carlos IX. Reinado de Henrique III. O seu caracter; o do famoso Duque de Guiza, conhecido pelo nome de Balafré. Batalha de Coutras: Morte do Duque de Guiza: Extremidades, a que Henrique se vê reduzido. Mayenne he o Chefe da Liga: D'Aumale he d'ella o Heróe. Reconciliaçaõ de Henrique, Rei de Navarra: Soccorro, que promette a Rainha Isabel: Sua resposta a Henrique de Bourbon.

QUando teve a sentença dos destinos,
Permittido no espaço de alguns dias
Hum livre curso a tantas crueldades,
E que dos seus delictos fatigados
Os monstros, embotadas as espadas,
Naõ tiveraõ mais victimas ao ferro;
O Povo, a quem o braço havia armado
A Rainha, por fim abrindo os olhos,
Seus attentados vio; sua piedade

Fa-

Facilmente succede á sua furia;
Elle ouve a voz gemer da sua Patria;
Carlos logo elle mesmo de horror forte
Se occupou; o remorso devorante
Penetrou a sua alma; a má cultura
De seus primeiros annos n'elle havia
Corrompido bastante a natureza;
Porém naõ suffocando a voz, que assusta,
E que os Reis horroriza sobre o Throno;
Pela Mãi educado, em seus costumes,
E maximas nutrido, naõ, como ella,
Carlos se endurecia nos delictos:
A flor de seus bons dias a tristeza
Veio em fim a murchar; hum languor forte
Lhe abbrevia a carreira; Deos sobre elle
Da vingança o furor descarregando,
Quiz que este Rei morresse, e quiz que o sello
Da sua ira em fim o assignalasse,
Servindo de terror o seu castigo
A qualquer, que imitallo pertendesse:
Eu o vi espirando; Oh' quanto a imagem
He espantosa! A' meus olhos, inda cheios
De ternura, parece estar presente:
O sangue, (a) que das veas lhe vem fóra

Com

(a) Foi sempre enfermo depois do S. Bartholomeu, e morreu quasi dois annos depois em 1574 a 30 de Maio, todo banhado em sangue, que lhe sahia pelos póros.

Com impetos mortaes, vingava o ſangue
Francez por ordem ſua derramado;
De huma inviſivel maõ elle conhece
Ser ferido, e de hum fim taõ laſtimoſo
Em ſuſpenſoens o Povo lamentava
Na flor da idade hum Rei rendido á morte,
Hum Rei, pelos malevolos no crime
Entranhado, e que á França promettia
Pelo arrependimento, de hum governo,
De hum Imperio pacifico a eſperança.

A' voz, de que era morto, de improviſo
O impaciente Valois a toda a preſſa
Vem do centro do Norte a eſtes lugares
(Que da carnagem vil inda fumavaõ)
De hum infeliz irmaõ occupar prompto
A triſte, quanto enſanguentada, herança.
N'eſte tempo a Polonia havia poſto,
De commũa eleiçaõ, o affortunado
Valois dos Jagellons (*b*) no Throno auguſto:
Seu nome mais temido, que o dos grandes
Principes poderoſos, já ganhado
Havia o coraçaõ a cem Provincias;
Hum nome taõ depreſſa aſſim famoſo

He

(*b*) Henrique III. ſucccedeu na Coroa a Sigiſmundo II. Rei de Polonia, ultimo Principe da raça dos Jagellons.

He carga mui pesada ; naõ sustenta
Valois este perigo. Em vaõ espere,
Que agora o justifique ; o meu repouso
Posso eu sacrificar-lhe , a minha vida ,
Tudo , excepto a verdade , pois só esta
Eu devo preferir-lhe ; eu o lastimo ,
Eu o amparo inda mesmo , quando o accuso.

Como sombra ligeira , a sua gloria
Passado havia ; he grande esta mudança ;
Porém muito ordinaria ; tem-se visto
Mais de hum Rei , das batalhas victorioso
Voltar , para ir a ser na Corte escravo :
No espirito , Rainha , he que se mostra
O valor verdadeiro ; repartidas
As virtudes Valois dos Céos obteve ;
He valente , mas fraco ; he na verdade
Menos Rei , que soldado ; elle constancia
Na occasiaõ dos combates só sustenta ;
Vergonhosos Validos lisonjeando
Sua indolencia , governavaõ sempre
Seu tibio coraçaõ , como queriaõ ;
Recolhidos com elle ao mais interno
Do Palacio , aos clamores lastimosos
Dos Povos opprimidos eraõ surdos.
Na voz do Rei dictavaõ Leis funestas ,

E quaes lhes comprazião; dos thesoiros
Da França elles os restos dissipavão,
E o Povo afflicto, dando vãos suspiros,
Com o luxo gemia já sem forças,
E pagava os seus divertimentos.

Em tanto que debaixo de hum tal jugo
De animos cubiçosos, com o pezo
Dos subsidios Valois carroga o Estado,
Guiza apparece; e o Povo, que he mudavel,
Para este astro brilhante bem depressa
Voltou os olhos; seu valor supremo,
A gloria de seu Pai, suas emprezas,
A graça, o aspecto, o dom inimitavel
De agradar (que melhor, do que a virtude,
Os coraçoens domina) erão encantos,
Com que os votos de todos attrahia;
Ninguem melhor do que elle a feliz arte
Possuhio de enganar; maior imperio
Sobre suas paixoens nenhum obteve;
Debaixo de apparencias enganosas
Nenhum soube melhor ter encubertas
De seus vastos designios as escuras
Profundidades; aspero, soberbo,
Mas docil, popular; elle dos Povos
As oppressoens em publico sentia,

Dos

Dos tributos o pezo rigoroſo
Moſtrava abominar: Quaõ ſatisfeito
O pobre, que o buſcou, d'elle ſe aparta!
Elle ſabia a timida indigencia
Prevenir, em Pariz ſeus beneficios
Sua preſença ao Povo annunciavaõ;
Dos grandes, que inda meſmo aborrecia,
Soube fazer-ſe amar; era terrivel
No ſeu nojo, tenaz quando offendido;
Temerario nos votos, nas idéas
Sempre ſabio, brilhante nas virtudes,
E nos vicios; á viſta dos perigos
Animoſo, guerreiro, affortunado,
Principe grande, Cidadão perverſo.

Quando por algum tempo de experiencia
Seu poder conheceu, e vio que tinha
A inconſtancia do Povo ſujeitado,
Mais ſe naõ disfarçou; já ſem rebuço
Do Throno do ſeu Rei o fundamento
Procura deſtruir; em Pariz fórma
Aquella fatal Liga, que da França
Inficionou depreſſa todo o reſto;
Monſtro eſpantoſo, que há nutrido os Póvos;
E os Grandes, que cevados na carnagem
Tem feito hum Paiz fertil em tyrannos.

Dois Monarchas a França no seu seio
Entaõ vio, mas hum d'elles naõ gozava
Mais que de Rei as frivolas insignias;
Outro porém levando a toda a parte
A esperança, e o assombro, dava indicios
De que o titulo vaõ lhe era escusado.

Do seu lethargo em fim Valois desperta;
O ruido, o apparato, a mesma força
Do perigo, que o incita, entaõ lhe abriraõ
Hum momento seus olhos carregados;
Mas, da importuna luz turbada a vista,
Naõ distingue na força da tormenta
O raio ameaçador, que sintillava
Sobre sua cabeça; e bem depressa
Cançado de hum instante só de acórdo;
Froxo outra vez lançando-se nos braços
Do somno, entre as dilicias, e os dilectos;
Dorme tranquillo junto aos precipicios.

Eu lhe restava ainda, e tudo prompto
Se via a perecer; elle naõ tinha
Mais do que eu, quem pudesse dar-lhe auxilio;
Eu herdeiro do Throno depois d'elle,
Sem vacilar meu braço já dispunha
A ajudallo; hum arrimo bem preciso.

Eu à sua fraqueza offerecia,
Vou salvallo, ou com elle vou perder-me.

Porém Guiza muito habil, muito destro
Em offender, cuidava occultamente
Hum por hum destruir-nos; eu que digo!
Obrigou a Valois, que se privasse
Do seu unico amparo, em que podia
Fundar as esperanças; o pretexto
Commum da Religiaõ foi hum honroso
Véo a este misterio abominavel;
Só por esta virtude, que fingia,
Enfurecido o Povo, reanimava
A colera inda n'elle mal extincta;
O culto de seus Pais Guiza lhes lembra,
E os ultimos enormes attentados
Das Seitas Estrangeiras; inimigo
De Deos, da Igreja a todos me pintava,
Bourbon leva (lhes diz) a toda a parte
Os seus erros, seguindo os perigosos
Exemplos de Isabel; elle os seus templos
Vai fundar sobre os vossos destruidos;
Vós vereis em Pariz as criminosas
Infames pregaçoens dos seus Sectarios,

Ah! que a estas palavras todo o Povo

Estremeceu por bem dos seus altares ;
Té onde habita o Rei foi conduzido
Hum tal assombro ; a Liga , que fingia
Ser d'isso espavorida , dá-lhe o annuncio
Vem da parte de Roma , em voz de que esta
O ligar-se comigo lhe prohibe.
Ah ! o Rei muito fraco condescende
Sem resistir , e quando me apressava
Eu unico a vingar-lhe a sua injuria ,
O irmaõ de minha Esposa submettido
A' vontade da Liga , por perder-me
Se une a seus inimigos ; de soldados
A seu pezar em fim enchendo os campos ,
Por timidêz a guerra me declara.

De huma fraqueza tal eu me condôo ;
Se o havia de ir vingar , a combatello
Já parto sem demora ; em cem lugares
As Cidades , revoltas pela Liga ,
Se me oppôem , mil exercitos levantaõ ;
Joyeuse com ardor vem atacar-me ,
Das fraquezas do Rei Ministro activo ;
Guiza , cuja prudencia competia
Co' seu valor , separa os meus sequazes ,
A passagem lhes toma ; eu apertado
Por toda a parte , de armas , de inimigos ,

A todos desafio, e tento as sortes.

Com o soberbo Joyeuse envisto logo
Em Coutras, vós sabeis sua derrota,
E o seu fim desgraçado; assim, Rainha,
Poupar-vos devo narraçoens superfluas.

Naõ, naõ posso acceitar vossas escuzas
(Diz a augusta Princeza) naõ consinto,
Que de huma narraçaõ seja privada,
Que ao passo que me instrue, me interessa;
Naõ deixeis este dia, o grande dia
De Coutras; dizei, sim, vossos trabalhos,
Vossas virtudes, Joyeuse, e a sua morte;
Emprezas foraõ vossas, he bem justo,
Que o Auctor d'ellas deva só contar-mas,
E talvez de as ouvir eu seja digna.
Assim fallou: e o Heróe ao lisonjeiro
Discurso sentio logo, que seu rosto
De hum illustre pudôr se lhe cubria,
E obrigado a fallar da sua gloria,
A narraçaõ fatal assim prosegue.


TAYLOR INST. OXFORD

De todos os validos, que em seu peito
Valois idolatrava, e que rendiaõ
Incensos á moleza de hum Rei froxo,

Que

Que em fim lhe davaõ leis, Joyeuse (c) oriundo
De hum ſangue bem illuſtre entre os Francezes,
De taõ alto favor era o mais digno.
Elle tinha virtudes; e ſe a Parca
De ſeus bons dias naõ lhe abbreviaſſe
N'eſte combate a proſpera carreira,
Sem duvida, que, a emprezas ſempre grandes
Sua alma coſtumada, inda algum dia
De Guiza igualaria a gloria, e o nome;
Mas no meio da Corte elle nutrido
Em maõs do amor, no ſeio dos prazeres,
Naõ teve que me oppor mais que hum exceſſo
De valentia, em hum Heróe taõ moço
Perigoſa ventagem. A' ſua ſorte
Os bravos Cortezaons em chuſma unidos,
Das delicias á morte ſe avançavaõ;
Nas cifras amoroſas, que traziaõ,
Por penhor das ternuras, nos veſtidos,
Suas Senhoras deraõ-lhe ſeus nomes;
As armas com o fogo dos diamantes
Reſplandeciaõ; bem affeminados

Mo-

(c) Anne Duque de Joyeuſe caſou com a irmã da mulher de Henrique III, e na ſua embaixada a Roma foi tratado como irmaõ do Rei: elle tinha hum coraçaõ digno da ſua grande fortuna, e combateu em Coutras contra Henrique IV. entaõ Rei de Navarra. Comparava-ſe o ſeu exercito ao de Dario, e o de Henrique ao de Alexandre. Foi morto na batalha por dois Capitaens de Infantaria chamados Bordeaux, é Deſcentiers.

Mostravaõ ser os braços, em que vinhaõ
Taõ frivolos ornatos. Tumultuosos,
Ardentes, pouco expertos na milicia,
A arrogante imprudencia conduziaõ
Ao combate; soberbos com tal pompa,
Féros co' a multidaõ de immensas gentes;
Impetuosos, sem ordem se avançavaõ.

De esplendor differente a ver se dava
O meu campo; em silencio á vista d'elles
O exercito estendido, a qualquer parte
Offerecia só soldados fortes,
No trabalho, e na guerra endurecidos,
A's feridas, e ao sangue costumados;
Era o mosquete, e a espada o que compunha
Sómente seus adornos; eu com elles
Trajava a mesma pompa, vinha armado
Tambem do mesmo ferro; de pó cheio
Os esquadrœens aos golpes conduzia,
Eu, como elles, a morte desprezava,
E era o meu distinctivo taõ sómente
Marchar na frente d'elles. Destroçados,
E vencidos eu vi meus inimigos;
Que horror! huns espirando, outros dispersos;
A espada lhes cravava nos seus seios,
Mas muito a meu pezar, que antes quizera,

Que

Que no sangue Hespanhol fosse ensopada.

Dos Cortezaons, a quem cortou o ferro
Na flor da idade, (he força confessallo)
Com feridas honrosas nenhum houve,
Que naõ morresse; firmes nos seus póstos
Viaõ diante de si accommetellos
A morte, sem que o rosto algum voltasse,
Sem recuar hum só passo; este o caracter
Dos Cortezaons Francezes; a paz n'elles
O ordinario valor naõ debilita,
Da sombra do repouso voár sabem
A's emprezas; na Corte lisonjeiros,
Mas no Campo de Marte Heróes valentes.

Eu no meio do horror de huma espantosa
Confuzaõ, sim mandava se perdoasse
A Joyeuse, mas em vaõ; pois bem depressa
O vi pelos soldados conduzido
Pallido, e já cuberto das escuras
Sombras da morte; tal como a flor tenra,
Que na manhã se vê romper formosa
Com os sopros do Zefiro suave,
Co' as lagrimas da Aurora; brilha á vista
Poucos instantes, cahe antes de tempo,
Ou já sinta do ferro o duro golpe,

Ou

Ou a força do vento enfurecido.

Mas para que recordo, e naõ me esqueço
De taõ triste victoria! que naõ possa
Abandonar eu antes da lembrança
Os crueis monumentos de espantosos
Preteritos successos! o meu braço
Só do sangue Francez se tinge ainda;
A tal preço huma gloria assim comprada
Naõ me póde encantar; se a frente cinjo
De ensanguentados loiros, seraõ sempre
De minhas tristes lagrimas banhados.

D'este infeliz combate, d'esta perda
Resultou profundar-se mais o abysmo,
De que Valois em vaõ sahir queria;
Quando a sua desgraça foi patente,
Mais desprezado foi; Pariz foi menos
Submissa, a Liga teve mais audacia;
E a grandeza de Guiza, que accendia
Suas dores, e affrontas igualmente,
Dobrou seus infortunios. Guiza (d) soube

Em

(d) No mesmo tempo que o exercito do Rei foi derrotado em Coutras, obrava o Duque de Guiza acçoens de hum destro General, contra hum Corpo de Cavallaria, que vinha em soccorro de Henrique IV., e depois de o haver cançado, e accommettido por muito tempo, o desfez junto d'Aunau.

Em Vimori com maõ mais venturosa
Vingar sobre os Germanos derrotados
De Joyeuse a perda ; o mesmo mal sentiraõ
Em Aunau meus alliados sorprendidos :
Entra em fim em Pariz cheio de loiros
O grande vencedor ; alli se mostra ,
Como hum Deos Tutelar : Valois admira
Os triunfos do seu rival soberbo ,
Que sempre no insultar com vigor forte
Ao Principe abatido , parecia ,
Que o naõ fora a servir , mas a vencello.

A vergonha por fim he quem accende
O mais fraco valor , Valois sensivel
He já no resentir-se d'esta affronta ;
Reprimindo a fereza de hum vassallo ;
Quiz provar sua fraca auctoridade ;
Mais que esperar naõ tinha , estava extincta
Nos coraçoens de todos a ternura ,
Naõ havia temor para com elle ;
Todo o Povo atrevido a sublevar-se
Se dispunha ; o seu Rei por hum Tyranno ,
Desde que quiz reinar , reconheciaõ ;
Ajuntaõ-se , conspiraõ-se , os rebates
Se multiplicaõ , passa a ser soldado
Qualquer Paizano , em armas se poem logo

To-

Todo o Pariz, se formaõ n'um instante
Mil muralhas nascentes, (e) que ameaçaõ
Contra as guardas do Rei postas em sitio.

Guiza (f) no horror maior da tempestade
Tranquillo, e féro, já precipitando,
Já fazendo conter o ardor da plebe,
Da sediçaõ as maquinas regia;
Por elle se agitava, e a seu imperio,
Este taõ vasto corpo; ardendo em furia
Ao Palacio corria a chusma toda;
Se Guiza huma palavra só dissesse,
Era morto Valois; mas quando mesmo
De hum só golpe de vista elle o podia
Destruir, pareceu satisfazer-se
Com fazello tremer; e os sediciosos
Impedindo elle mesmo em seus progressos;
Por piedade deixou o passo livre,
Porque Valois pudesse haver a fuga.
Em fim (qualquer que fosse o seu projecto)
Guiza para tyranno emprehendeu pouco,
Muito para Vassallo. Todo aquelle,
Que há podido forçar o seu Monarcha

(e) As barricadas.

(f) O Duque de Guiza nas barricadas, contentou-se de reenviar a Henrique III. as suas guardas, depois de havellas desarmado.

A temello ; se naõ se arrisca a tudo ;
Tudo deve recear ; desde este dia ,
Nos seus grandes designios Guiza firme ;
Conheceu , que naõ era já mais tempo
De ser meio offensivo , e que elevado
A taõ alto , mas sobre hum precipicio ,
Se ao Throno com triunfo naõ subia ,
Ao supplicio marchava ; elle absoluto
Senhor em fim de hum Povo rebelado ,
O coraçaõ bem cheio de esperança ,
E de temeridade ; dos Iberos
Soccorrido , apoiado dos Romanos ,
Amado dos Francezes , protegido
De seus irmaõs , suppoz este orgulhoso
Vassallo revocar aquelles tempos
Dos nossos Reis primeiros , em que os fracos
Seus descendentes sendo decahidos
Quasi ao nascer , do seu poder supremo ,
Debaixo de hum burel , que aborreciaõ ,
O diadêma occultavaõ ; e nas sombras
De hum claustro , (g) alli gemendo só comsigo ,
Viaõ

(g) O Cardeal de Guiza, irmaõ do Duque, havia dito muitas vezes, que elle esperava ter bem cedo a cabeça de Henrique III. entre as suas pernas para lhe abrir huma Coroa de Monge; este designio era taõ publico, que se affixaraõ estes dois versos latinos nas portas do Louvre

Qui dedit antè duas, unam abscidit, altera nutat
Tertia Tonsoris est facienda manu.

Viaõ reger o Imperio seus tyrannos

Valois sua vingança differindo,
Os Estados de França em Blois erguia;
Talvez vos hajaõ dicto estes Estados
Quaes foraõ; Leis alli se propuzeraõ,
Que naõ se executaraõ; a eloquencia
De Deputados mil tornou-se esteril;
Largamente propoz nossos abusos,
Mas sem fructo; que o mais commum effeito
De tantos, e diversos pareceres,
He vermos sem allivio os nossos males.

No meio dos Estados, arrogante
Vem Guiza do seu Principe offendido
Injuriar a presença; junto ao Throno
Se sentou, e nos seus projectos firme,
Bem creu, que tinha n'estes Deputados
Outros tantos Vassallos. Já a traidora
Vil cohorte, vendida ao seu tyranno,
Hia a por-lhe na maõs o poder summo,
E absoluto dos Reis, quando cançado
De o temer, de o poupar, Valois vingar-se
Quiz em fim, e reinar. O rival sempre
Attento em desgostallo, desprezava
Desdenhoso inimigo as suas iras,

No

No Principe irritado naõ ſuppondo
Haver valor baſtante a deſtruillo:
Seu deſtino o cegava, eraõ já cheios
Seus dias, o Rei meſmo á ſua viſta
O fez ſacrificar; (*h*) cem punhaladas
O ferem cruelmente, inda eſpirando
Naõ ſe abateu por iſſo o ſeu orgulho,
E o roſto, que talvez ainda temia
Valois, pallido, e todo enſanguentado
Inſultar o ſeu Rei inda moſtrava:
D'eſta ſorte acabou hum tal Vaſſallo
Poderoſo entre todos, admiravel
Compendio de virtudes, e de vicios;
O Rei, cuja ſuprema auctoridade
Elle havia uſurpado, froxamente
O ſoffreu, té que d'elle houve vingança.

A fama do ſucceſſo ſem demora
Vóa a Pariz, o Povo ſorprendido
Com gritos enche o ar, logo as mulheres
Conſternadas, os velhos ſuſpirando,
Partiraõ a abraçar do infeliz Guiza
As eſtatuas. Pariz todo ſuppunha

Per-

(*h*) Elle foi aſſaſſinado na antecamara do Rei, no Caſtello de Blois, por Lognac, Gentil homem Gaſcon, e por alguns dos guardas de Henrique III., que ſe chamavaõ os quarenta e ſinco a 23 de Dezembro de 1588.

Pertencer-lhe n'este ultimo perigo
Vingar o Pai, e defender a Igreja.
De Guiza o irmaõ, o intrepido Mayenne, (i)
Posto no meio d'elles lhes incita
O furor á vingança; era o interesse,
Mais que o resentimento, quem o obriga
A accender em mil partes a desordem.

Nos temores nutrido há muito tempo
Mayenne, militou subdito sempre
Ao mando do soberbo Chefe Guiza;
Elle he seu successor naõ só na gloria,
Mas tambem nos designios. Se há passado
A's suas maõs da Liga o impio sceptro,
Esta grandeza immensa, e taõ amavel
Ao seu desejo, em breve o fortalece
Na perda de hum irmaõ, que elle obrigado
Servio sempre: Mayenne antes estima
Vingallo, que marchar ás suas ordens.

Tem Mayenne hum valor assás heroico;
(Eu confesso) por huma affortunada
Bem experta politica elle sabe
Ter debaixo das suas leis unidos
Espiritos diversos, sempre oppostos

E Ao

(i) O Duque de Mayenne, irmaõ mais moço do Balafré

Ao ſeu Rei, quando eſcravos dos Tyrannos;
Como conhece d'elles os talentos,
Aſſim ſabe uſar d'elles; muitas vezes
De hum infortunio tira huma ventagem:
Com mais eſtrondo, mais magnificencia
Guiza os allucinava; foi mais grande,
Mais Heróe, mas naõ foi mais pernicioſo.
Eiſ-aqui em rigor quem he Mayenne,
E qual o ſeu poder; a Liga altiva
Quer da ſua prudencia eſperar tudo:
O mancebo d'Aumale preſumido
De hum forte coraçaõ, ſeu orgulhoſo
Valor pelos eſpiritos derrama:
D'Aumale he do Partido hum formidavel
Eſcudo; elle até hoje de invencivel
O titulo poſſue; em fim Mayenne,
Que ao meio dos combates o dirige,
Alma he da Liga, e he d'Aumale o braço.

No em tanto dos Flamengos o funeſto
Politico oppreſſor, eſſe viſinho
Pernicioſo, o Catholico tyranno,
O Rei, que no artificio ſó ſe firma;
O Rei voſſo inimigo, e na verdade
Meu inda mais, Filippe, (*l*) a ſi tomando
De

(*l*) Filipe II. Rei d'Heſpanha, filho de Carlos V, chama-

De Mayenne a defeza, elle fomenta
A causa dos rivaes. A mesma Roma, (m)
Que suffocar devera tantos males,
Roma as chamas accende da discordia: (n)
Aquelle que tambem Pai se intitula
Dos Christaons, huma espada sanguinosa
Nas maõs dos filhos poem; dos dois limites
Da Europa, de me verem assombrados,
A Pariz correm todas as desgraças:
Rei em fim sem Vassallos, sem defeza
Perseguido, Valois vê-se obrigado
A implorar meu poder; imaginou-me

E 2 Ge-

va-se *Dæmonium meridianum*, porque turbava toda a Europa, ao meio dia da qual se situa a Hespanha.

(m) He verdade que Roma se introduzia muitas vezes nas dissensoens temporaes dos Principes, mas devemos confessar, que o mais dellas o fazia, porque os mesmos Principes a interessavaõ nas suas disputas. Os principios do Direito publico Ecclesiastico, taõ ruinosos como foraõ nos Seculos antecedentes, conduziaõ muito a que os Pontifices olhassem similhantes discordias, como coisa sobre que tinhaõ huma legitima inspecçaõ; e d'aqui se seguio arrogarem a si podêres, que justamente lhe foraõ depois contestados. O Patrocinio, e soccorro que Roma dava nesta occasiaõ aos da Liga era bem fundamentado, porque temia ver pela entronizaçaõ de Henrique IV., alguma mudança de Religiaõ, n'hum Reino, onde a verdade achára sempre o seu mais firme apoio. Accuzem-se pois os tempos, e naõ as sagradas pessoas dos Pontifices. (*Nota do Editor*)

(n A Corte de Roma ganhada pelos Guizas, e submettida entaõ á Hespanha, fez quanto póde, para aruinar a França. Gregorio XIII. soccorreu a Liga com homens, e dinheiro: e Sixto V. começou o seu Pontificado pelos maiores excessos, que felizmente foraõ os mais inuteis contra a casa Real.

Generoso, e naõ teve pezar d'isso;
Meu coraçaõ se occupa das miserias
Do Estado; em hum perigo taõ urgente
De todo se aplacaraõ minhas iras;
Naõ respeito em Valois mais que da Esposa
O irmaõ; o meu dever assim o ordena,
Com a sua lei cumpro; a auctoridade
De hum Rei, eu Rei defendo; a Valois busco
Sem mais trato ou refens, (o) e entaõ lhe digo:
No vosso animo está vossa fortuna,
A morrer, ou vencer vinde, apressai-vos
Aos muros de Pariz. Hum nobre orgulho
Seu espirito entaõ encheu de todo:
Lisonjearme naõ sei de haver podido
Na sua alma infundir com meu exemplo
Huma taõ bella chama: Há dispertado
Sua desgraça em fim sua virtude;
A froxidaõ lamenta, que abatido
O havia tanto tempo; precisava
Valois de hum tal destino assim adverso;
Muitas vezes aos Reis he necessario.

Taes eraõ de Bourbon os bem sinceros

Dis-

(o) Henrique IV. teve a generosidade de ir a Tours, ter com Henrique III., seguido sómente de hum page, sem embargo das desconfianças, e rogativas de seus velhos Officiaes, que temiaõ por elle hum segundo massacre.

Diſcurſos ; entre tanto dos Inglezes
Inſta o ſoccorro ; já dos altos muros
Da Cidade rebelde a voz, que clama
Victoria, para o Campo o eſtá chamando:
Mil mancebos Inglezes partem logo
Sobre ſeus paſſos a cortar o ſeio
Dos mares ambicioſos dos combates.

Eſſex lhes vai na frente ; (p) Eſſex aquelle ;
Cujo valor aos féros Caſtelhanos
Confundio a prudencia, e que naõ cria,
Que hum infauſto deſtino lhe murchaſſe
Os loiros pela ſua maõ colhidos.

Naõ ſe demora Henrique ; áquelle Chefe
Nada tambem o impede, elle ſe apreſſa
A partir, impaciente da victoria.
Ide pois, digno Heróe (dizlhe a Rainha)
Ide, que os meus guerreiros já vos ſeguem,
Atraveſſando as ondas ; porém certo,
Que naõ he a Valois, mas ſim a Henrique,
A quem querem ſeguir ; ao ſeu cuidado

Ge-

(p) Roberto de Evreux, Conde de Eſſex famoſo pela tomadia de Cadiz aos Heſpanhoes, pela ternura de Iſabel para com elle, e pela ſua morte tragica em 1601. Eſta Rainha o envioú com effeito na teſta de ſinco mil homens em ſoccorro de Henrique IV.

Generoso os confia a minha alliança;
Vellos-heis ir ao meio dos combates,
Mais por vos imitar, do que em soccorro;
Na grande arte da guerra elles formados
A vosso exemplo, aprenderão comvosco
A servir a Inglaterra: possa a Liga
Bem depressa acabar aos vossos golpes.
Serve Hespanha a Mayenne; oppoem-se Roma
Contra vós; ide pois vencer a Hespanha,
E sabei, que naõ deve hum homem grande
Já mais temer de Roma os debeis raios.

Vindicai das Naçoens a liberdade;
A fereza de Sixto, e de Filippe,
Abatei; de seu Pai Filippe há sido
Hum tyrannico herdeiro, menos grande,
Menos forte, e politico naõ menos;
Desunindo os visinhos, dando a todos
Armas, do fundo crê do seu Palacio,
Que póde subjugar o mundo inteiro.

Do seio do pó, Sixto (q) hoje elevado (r)
Ao

(q) Sixto V. nascido nas grutas da Marca de Ancona, homem cuja turbulencia igualou a sua dissimulação. Esse com tudo estimava a Rainha Isabel, e appellidava-a por *un gran cervello de Principessa*.

(r) O nascimento humilde e obscuro de Sixto naõ he na verdade hum titulo justo para a sua censura; Tem-se vis-

Ao Throno com poder mais diminuto
Tem alma inda mais féra ; o Paſtorinho
De Montalto rival dos Reis ſe oſtenta ;
Em Pariz , como em Roma , elle pertende
Dar ſuas leis ; debaixo do pomposo
Eſplendor de huma Coroa triplicada ,
Só penſa ter a ſi tudo ſujeito ,
Inda o meſmo Filippe : Sixto he ardente ;
Mas deſtro , enganador , diſſimulado ,
Inimigo fatal dos poderoſos ,
Dos fracos oppreſſor ; na minha Corte ,
Em Londres há formado ſeus Partidos ,
E o mundo , a quem engana , ſem que o penſe ;
He das ſuas intrigas perturbado.

Saõ eſtes os mais habeis inimigos ,
Que deveis deſtruir ; ambos ouſaraõ
Contra mim levantar ſuas bandeiras ;
Hum combatendo o Inglez , e as tempeſtades ,
Fez

to em todas as differentes Jeraquias da ſociedade civil, nos meſmos lugares mais eminentes, Heróes tirados do pó da terra. Os talentos, e a virtude naõ eſtaõ annexos á nobreza. Com effeito ſe Sixo V. naõ tiveſſe paſſado talvez neſtes tumultos da França, além dos ſagrados limites do ſeu poder, elle deveria ſer olhado como o modelo dos Pontifices; a ſua juſtiça teve, em que ſe exercitar, durante o ſeu Pontificado, e he por iſſo que pareceu cruel, quando n'huns tempos em que Roma nadava nos maiores inſultos, elle naõ foi mais que juſticeiro. A invectiva de Iſabel em todo eſte lugar, he mais naſcida da averſaõ, e do rancor, que da candura, e da verdade. (*Nota do Editor*)

Fez o Oceáno ver ſua fugida, (ſ)
E o ſeu triſte naufragio; inda eſtas praias
Tinctas de ſangue eſtaõ dos ſeus guerreiros;
Outro ſe cala em Roma, ahi me eſtima,
E mete-me: ſegui á viſta d'elles
A voſſa nobre empreza; ſe he vencido
Mayenne, ſe verá Roma ſujeita;
Só vós podeis reger o odio de Roma,
Ou ſeus favores; ſei, que he inflexivel
Com os vencidos, mas condeſcendente
C'os vencedores; prompta em condenar-vos,
Em abſolver-vos facil; a vós toca
Accender o ſeu raio, ou extinguillo.

CAN-

(ſ) A grande armada de Filippe II. deſtinada para a conquiſta de Inglaterra, foi batida pelo Almirante Drake, e desbaratada por huma grande tempeſtade.

CANTO IV.

ARGUMENTO.

D'Aumale estava quasi a fazer-se Senhor do Campo de Henrique III., quando o Heróe voltando de Inglaterra, combate os rebeldes, e faz mudar a fortuna. A Discordia consola a Mayenne, e vóa a Roma a pedir-lhe soccorro. Descripçaõ de Roma, onde reinava entaõ Sixto V. A Discordia ahi achou a Politica, e volta com ella a Pariz; subleva a Sorbona, anima os Desaseis contra o Parlamento, e arma os Religiosos. Entregaõ-se nas maõs dos Algozes os Magistrados, que sustentavaõ o Partido dos Reis. Turbaçaõ, e confuzaõ horrivel em Pariz.

EM quanto proseguindo em conferencias
Particulares, ambos ponderavaõ
Com mais socego os grandes interesses,
Exhaurindo a sciencia ventajosa
Do modo, por que o mundo se combate;
Se dóma, e rege; o Sena com assombro
Sobre suas ensanguentadas margens
Vê da Liga as bandeiras despregadas.

Vai

Valois longe de Henrique absorto, inquieto;
A incerteza temia do destino
Dos combates; de apoio precisava,
Em seus designios froxo, e vacillante;
Espera por Bourbon, pois que o seguro
Tem de vencer com elle; mas em tantas
Demoras os da Liga se animáraõ:
Das portas de Pariz vem já sahindo
Os esquadroens. D'Aumale vem soberbo;
Nemours, Brissac, o intrepido S. Paulo,
Canillac, Chatre, todos de hum Partido
Culpavel animosos defensores:
Nos seus successos rapidos causavaõ
A Valois grande susto; o Rei ao ponto
Muitas vezes chegou de arrepender-se
De haver feito partir o Heróe sublime.

Entre os taes combatentes inimigos
Do seu Rei, hum irmaõ de Joyeuse armado
Se anima a apparecer; (a) foi este aquelle,
Que successivamente viraõ todos

(a) Henrique, Conde de Bouchage, irmaõ mais moço do Duque de Joyeuse, morto em Coutras, por hum toque do Céo se fez frade capuchinho, mas depois largou o habito, e tomou as armas contra Henrique IV. O Duque de Mayenne o fez Governador do Languedoc, Duque Par, e Marechal de França. Depois resolveu-se a tornar para o seu Convento onde morreu.

Do seculo passar para o retiro
De hum claustro, e já do claustro para a Corte;
Vicioso, penitente; altivo, humilde;
Cortezaõ, solitario; elle inconstante
Tomou, deixou, de novo a vestir torna
A couraça, e o cilicio; dos altares
Sacrosantos, com lagrimas regados,
Corre a animar da Liga a furia ardente;
E no sangue da França lacrimosa
A ensopar suas maõs, aquellas mesmas,
Que ao Eterno elle havia consagrado.

Mas de tantos guerreiros, quem sómente
Inspirou valeroso mais assombros,
Infundio mais horror, de quem mais féro
Foi sempre o coraçaõ, fatal o braço,
Fostes vós juvenil Principe, forte,
Impetuoso D'Aumale; (*b*) vós nascido
Do sangue dos Lorenas taõ fecundo
Em Heróes, vós dos Reis bravo inimigo;
Das leis, e do repouso. Em todo o tempo
O seguio toda a flor da mocidade,
Sahio sempre com elles á campanha

Já

(*b*) O Cavalheiro d'Aumale, irmaõ do Duque do mesmo apellido, da casa de Lotena, era hum mancebo impetuoso dotado de brilhantes qualidades, que durante o sitio de Pa-riz estava sempre á frente das sortidas, e inspirava aos habitantes o seu valor, e a sua confiança.

Já em ſilencio, já com grande eſtrondo
Na clara luz do dia, ou já nas ſombras
Da noite, aó inimigo ſurprendido
Por toda a parte conduzindo a guerra,
Do ſangue dos ferozes ſitiadores
O ſeu braço regava o campo todo.
Taes da altura do Caucaſo ſublime,
Ou do cume do Athos, donde a viſta
Deſcobre ao longe o ár, a terra, as ondas;
As Aguias, e os Abutres, com as azas
Eſtendidas de hum vôo arrebatado,
Raſgando as vaſtas nuvens, vaõ famintas
Roubar nos campos do ár as triſtes aves,
No prado, e boſque os miſeros rebanhos;
E voltaõ ſaciados para o centro
Medonho das enſanguentadas rochas,
Os deſpojos trazendo a grandes gritos.

Em hum d'eſtes combates elle cheio
Da ſua gloria, havia penetrado
As tendas de Valois: a noite, o ruido;
O repentino aſſalto augmenta o eſpanto:
Eis que tudo tremia, fraquejava,
E á ſua força em fim cedia tudo;
A impetuoſa torrente era já prompta
A derramar-ſe; e quaſi que ſe via

Tu-

Tudo inundar o choque tenebroſo;
A eſtrella da manhá vinha naſcendo;
Mornay, que em retirada com ſeu amo
Lhe precedia, já diviſa as torres
Da ſoberba Pariz: de hum grande eſtrondo,
Mixto de horror, he logo ſurprendido;
Elle corre, em total deſordem acha
De Valois os ſoldados, e inda os meſmos
De Bourbon = Juſtos Céos! He deſte modo;
Que vós nos eſperais? A defender-vos
Chega Henrique, vem já: ſerá poſſivel,
Que vos veja em fugida companheiros?
E vós fugis? = Ao ſom das ſuas vozes,
Como lá ſe vio junto ao Capitolio
Em outro tempo o fundador de Roma,
Opprimido das armas dos Sabinos,
Conter os ſeus Romanos com o nome
De Jupiter; ao nome ſó de Henrique
Se detem os Francezes; já ſe inflammaõ
De pejo, retrocedem, marchaõ, gritaõ:
= He vindo o noſſo Heróe, nós venceremos
A' ſua viſta. = Henrique de improviſo
Entre elles apparece, e taõ brilhante,
Qual brilha a luz na força da tormenta:
Aos eſquadroens primeiros já ſe paſſa,
Poem-ſe d'elles na frente, elle combate:

Se-

Seguem-no, e faz se mudem os destinos;
Em seus olhos o raio se está vendo,
A morte em suas maõs; todos os Chefes
Junto a elle animados se fatigaõ;
Chega a victoria, em fim, desapparecem
Os rebeldes; bem como aos claros raios
Do dia; que se avança, se dissipa
D'esses astros da noite a luz brilhante.

Em vaõ D'Aumale intenta se demorem
Sobre as margens as tropas fugitivas
Dos seus amedrontados; se aos combates
A sua voz por hum momento os chama,
A voz do grande Henrique precipita
Fortemente seus passos; de seu rosto
Ameaçante o terror os affugenta,
O Chefe os torna a unir, porém o susto
Os desbarata, em fim precipitado
He com elles D'Aumale na fugida:
Como do alto do monte, que de nevoas
Se vè todo cercado, pelo meio
Dos gelos, e das neves derretidas,
Cahe, e róla o rochedo, que elevado
As nuvens ameaçava; mas que digo?
D'Aumale se suspende, e aos fitiantes
Mostra inda aquelle rosto, que temivel

Foi

Foi sempre, elle dos seus, que á força o levaõ;
Se liberta animoso, e por hum pouco
Detem o vencedor, que o admirava;
Mas de inimigos logo alli rodeado,
Hia a morte a punir sua ousadia.

Eis a Discordia o vio, e por D'Aumale
Tremeu; posto que barbara, precisa
Dos seus dias; ao ár ella se eleva,
E vóa em seu soccorro; alli chegando
Oppõe á multidaõ, que já o opprime;
De ferro o escudo immenso, impenetravel;
Que manda sobre a morte, que accompanha
O horror, e cuja vista sempre inspira
Ou raiva, ou susto: Oh tu filha do Inferno;
Discordia inexoravel, defensora
Pela primeira vez appareceste;
Tu salvaste hum Heróe, tu prolongaste
Seu destino com essa maõ, ministra
Que foi sempre da morte; sim, com essa
Barbara maõ aos crimes costumada,
E que nunca até entaõ poupado havia
Victimas, que eraõ suas. Conduz ella
A's portas de Pariz cheio de golpes,
Que naõ sentira, e todo ensanguentado
A D'Aumale; ella applica ás suas chagas

Hu-

Huma maõ ſalutar, ella lhe véda
O ſangue derramado a ſeu reſpeito:
Mas em quanto a ſeu corpo reſtitue
Todo o vigor, dos ſeus mortaes venenos
Lhe infecta o coraçaõ; como o Tyranno,
Que na meſma piedade ſer intenta
Cruel, e aſſim ſuſpende ao deſgraçado
A ſentença mortal, a ſeus occultos
Delictos elle faz ſervir ſeu braço,
E logo que os comette, o entrega á morte.

Henrique aproveitar ſabe prudente
Eſta grande ventagem, com que a ſorte
Dos combates o ſeu valor honrára;
Dos momentos na guerra elle conhece
Todo o preço; os rebeldes ſurprendidos
No meſmo inſtante aperta, pertendendo,
Que ás batalhas ſuccedaõ os aſſaltos;
Quer traçar-lhes a perda meſmo em torno
Dos ſeus muros; Valois já de eſperanças
Todo cheio, e com tal apoio forte,
Aos ſoldados dá aquelle meſmo exemplo,
Que de Bourbon recebe; elle os trabalhos
Suſtenta com valor, deſpreza os medos.
Tem tambem ſeus deleites o perigo,
A afflicçaõ ſeus prazeres: logo os Chefes

Se unem todos, ſuccedem as emprezas
Segundo os ſeus deſejos; ſem demora
O terror, que na frente d'elles marcha,
Diſſipando dos timidos ſitiados
Os eſquadroens, lhes vai quebrar as portas
A' viſta meſmo d'elles ſorprendidos:
Mayenne, em hum perigo taõ urgente,
Que poderá fazer? Tem por ſoldados
Todo hum Povo, que geme; aqui a filha
O morto Pai com lagrimas lhe pede,
Eſpavorido alli o irmaõ ſoluça
Sobre as cinzas do irmaõ; todos lamentaõ
O mal preſente, temem o futuro;
O grande corpo attonito naõ póde
Já mais reunir-ſe, ajuntaõ-ſe, conſultaõ,
Ou fugir, ou renderem-ſe pertendem;
Irreſolutos todos, a defeza
Nenhum quer; tanto a fraca plebe varia
Troca a temeridade pelo ſuſto.

Impaciente Mayenne vê perdida
A ſua tropa, mais de cem deſignios
Dividiaõ ſua alma irreſoluta;
Eis que entaõ a Diſcordia, de improviſo,
Vem buſcar eſte Heróe, faz que ſibillem
Suas ſerpentes, diz-lhe d'eſta ſorte:

= Digno herdeiro de hum nome formidavel
A' França ; tu , que ao meu cuidado uniste
O da tua vingança , tu , nutrido
A meus olhos , ás minhas leis formado ,
Ouve a quem te protege , e reconhece
A minha voz : Hum Povo naõ te assuste
De si fraco , e inconstante ; huma pequena
Desgraça seu valor há entibiado ,
Animallos me toca , a meu imperio
Estaõ seus coraçoens ; verás pois logo ,
Como nossos designios auxiliando ,
Cheios da minha colera , e em despojo
A meus furores , partem atrevidos
A combater , e a dar a vida alegres. =

De improviso a Discordia mais ligeira ,
Que hum relampago , do ár abre as campanhas
Com hum seguro vôo : Entre os Francezes
O assombro , e a turbaçaõ por toda a parte
A seus olhos presentaõ mil objectos
Espantosos ; seu halito derrama
Huma aridez fatal por cem lugares ;
Morre o fructo ao nascer na plánta infecta ,
As espigas voltadas vaõ murchando
Sobre a terra ; escurece-se o Céo todo ,
Tornaõ-se os astros pallidos , e o raio

De-

Debaixo de ſeus pés eſtala, e grita,
Parece annunciar a morte aos Póvos
Aſſombrados. Hum turbilhaõ a leva,
Onde o Eridano rapido as fecundas
Margens ſe vê regar com ſuas aguas.

Roma em fim ſe deſcobre ás ſuas viſtas;
Roma algum dia o templo, o objecto, o aſſombro,
Dos mortaes; Roma, ſim, cujo deſtino
He na guerra, ou na paz, o ſer ſenhora
Do mundo em qualquer tempo: Pela ſorte
Dos combates ſe há viſto antigamente
Ao ſeu throno ſoberbo, e ſanguinario,
Sujeitarem-ſe os Reis; ao duro imperio
Da ſua Aguia terrivel ſe curvava
Todo o univerſo. Mas nos noſſos dias
Exercita hum poder com mais ſocego;
Debaixo do ſeu jugo ella há ſabido
Domar ſeus vencedores, ter nas almas
Dominio, os coraçoens ter a ſeu mando:
Os ſeus votos ſaõ leis impreteriveis,
E as ſuas armas ſaõ os ſeus decretos.

Junto do Capitolio, onde reinaraõ
Tanto Heróes famoſos, ſobre as ruinas
De Bellona, e de Marte, no alto throno

Dos Cezares ſe ſenta hum venerando
Pontifice ; felices os ſeus Padres
Com pé tranquillo calcaõ os ſepulchros
Dos Catoens , e de Emilio as cinzas nobres ;
O throno ſobre o altar he collocado ,
E o poder abſoluto faz , que aperte
A meſma maõ o Sceptro , e o Incenſorio.

Deos meſmo alli fundou a ſua Igreja
Naſcente , ſe humas vezes perſeguida ,
Outras triunfante ; alli o ſeu primeiro
Apoſtolo regeu com ſingeleza
A verdade , e a candura ; os ſeus veſtigios
Algum tempo ſeguiraõ ſeus ditoſos
Succeſſores , que quanto mais humildes ,
Tanto mais reſpeitados ; ſuas frentes
Naõ de hum falſo brilhante reveſtiaõ ;
Era a pobreza , ſobre que fundavaõ
Huma auſtera virtude ; elles zeloſos
Só dos bens , que deſeja hum verdadeiro
Chriſtaõ , era do fundo das choupanas ,
Que ao martyrio paſſavaõ. Bem depreſſa
O tempo (que por fim tudo corrompe)
Seus coſtumes mudou ; para punir-nos
O Céo lhes deu grandezas ; poderoſa

Deſ-

Desde este tempo Roma, (c) e profanada,
Aos conselhos dos máos se vio sujeita;
O veneno, a traiçaõ, o assassinato
Foi do novo poder o fundamento
Horroroso; de Christo os successores
Collocaraõ no centro do sanctuario,
Sem pejo algum, o incesto, e o adulterio;
Roma em fim opprimida do dominio
Odioso de Tyrannos taõ sagrados,
Pelos seus falsos Deozes suspirava;
Maximas mais prudentes se fizeraõ
Depois ouvir; os crimes se evitavaõ,
Ou melhor, se encubriaõ; já da Igreja,
E do Povo os direitos confundidos,
Melhor se regulavaõ; fez-se Roma

Ar-

(c) Derivando o Summo Pontifice o seu poder do primeiro Chefe da Igreja Jesus Christo, he certo, que o seu poder he o mais augusto, pois essencialmente versa sobre os coraçoens dos fieis. Se a pobreza, e as virtudes fizeraõ o caracter dos Bispos de Roma no espaço dos tres primeiros seculos, ainda depois das doaçoens do grande Constantino, e das liberaes mercês de seus pios Successores, se viraõ brilhar alli, aquella constancia de fé Apostolica, aquellas virtudes heroicas, que fazem a honra do Christianismo, e que immortalizaraõ em todo o tempo a memoria de tantos Padres Sanctos, que no decurso dos seculos a tem governado, e que foraõ elles mesmos hum fiel retracto dos seus primitivos Pastores. Se alguns d'elles porém se fizeraõ notaveis pelos seus vicios (oxalá que a historia nos naõ fornecesse taõ irrefragaveis testemunhos!) nisto nos daõ hum argumento da sua fragilidade, e nos lembraõ, que eraõ homens: Assim os seus costumes nada prejudicaõ á pureza da fé, e da Religiaõ, que elles já mais contaminaraõ, no meio dos seus mesmos crimes. (*Nota do Editor*)

Arbitra ſó dos Reis, mas naõ o eſpanto;
Debaixo já do orgulho reſpeitavel
Do triplice diadema he reſtituida
A modeſta virtude; mas a idéa,
A arte de moldar-ſe aos de mais homens,
Hoje he o dom mais ſublime dos Romanos.

Rei da Igreja, e de Roma era entaõ Sixto: (*d*)
Se para obter o titulo de grande
Baſta ſer falſo, auſtero, e formidavel,
No lugar dos maiores Reis contado
Será Sixto; a quinze annos de artificio
Elle a ſua grandeza dever ſoube;
Elle ſoube occultar ſuas virtudes,
E vicios, por tres luſtros; moſtrou ſempre
Fugir á dignidade, ao meſmo tempo
Que ardia por obtella; fez-ſe indigno
A fim de poſſuir melhor o throno.

Ao poderoſo abrigo do ſeu braço
Diſpotico, a Politica reinava
Dentro do Vaticano, filha que era
Da ambiçaõ torpe, do intereſſe avaro,

Mái

(*d*) Sixto V. ſendo Cardeal de Montalto, ſoube fazer bem o papel de ſimples, e tonto, por eſpaço de 15 annos, de ſorte que lhe chamavaõ commummente o Aſno de Ancona. He notorio o artificio, com que obteve o Pontificado, e a altivez, com que reinou.

Mãi da fraude, da seducçaõ, do invento:
Este engenhoso monstro, em subtilezas
Taõ fertil, de mil penas combatido,
Sereno, e soccegado entaõ se mostra;
Seus olhos fundos, na agudeza linces,
Do repouso inimigos, naõ sentiraõ
Já mais do doce somno as dormideiras:
Com seus enganos ella a toda a hora
Abusa dos aspectos perturbados
Da Europa confundida; reina sempre
A mentira subtil em seus discursos,
E por mais encubrir seus artificios,
Com a voz da verdade he que se expressa.

Ella divisa apenas a Discordia,
Quando corre a seus braços, logo a afaga,
A obsequía com hum maligno riso,
Com hum ár mysterioso; e de repente
Tomando hum tom bem cheio de tristeza,
= Naõ estou mais (diz ella) n'esses tempos
Felices, em que os Póvos enganados
Me offertavaõ seus votos; em que a Europa
Credula, ao meu poder toda sujeita,
As leis da sua Igreja confundia
Co' as minhas leis; bastava, que eu fallasse,
Para que logo os Reis, estremecendo,

A meus pés ſe humilhaſſem ; ſe eu queria ;
A' minha voz a guerra ſe excitava
Sobre o mundo , os trovoens eraõ lançados
Do alto do Vaticano ; em fim a vida ,
E a morte ſó nas minhas maõs eſtava ;
Dar os Reinos , tirallos , reſtituillos ,
A mim me pertencia : eſſe bom tempo
Acabou ; o Senado hoje de França (e)
Quaſi extingue nas minhas maõs os raios ,
Que eu lanço ; de amor cheio pela Igreja ,
Cheio de horror por mim , ás Naçoens todas
O véo do erro lhes tira ; elle he o primeiro ,
Que , a maſcara arrancando-me do roſto ,
A verdade vingou , da qual a imagem
Tomei ſempre : Diſcordia , e que naõ poſſa
(Eu que ardo em te ſervir) ou enganallo ,
Ou ao menos punillo ! Mas andemos ,
Que os teus fachos o meu trovaõ de novo
Accender tornaõ ; pela meſma França
A deſtruiçaõ da terra ſe comece ,

Os

(e) Durante as guerras do 13 Seculo entre os Imperadores, e Pontifices de Roma, Gregorio IX. teve o valor naõ ſó de excommungar o Imperador Frederico II. , mas tambem de offerecer a Coroa Imperial a Roberto irmaõ de S. Luiz: O Parlamento de França reſpondeu em nome do Rei , que naõ pertencia ao Papa o deſenthronizar hum Soberano, nem ao irmaõ de hum Rei de França , o receber da maõ de hum Papa huma Coroa , ſobre a qual nem elle, nem o Sancto Padre tinhaõ algum direito. Em 1570 deu tambem o Parlamento a famoſa ſentença contra a Bulla da Cea.

Os ſeus ſoberbos Reis a buſcar tornem
Os noſſos ferros = Diſſe, e de improviſo,
Aos ares ſe arrojou aquelle monſtro.

Longe de Roma, longe do ſeu fauſto;
Das pompas vans do mundo, d'eſſes Templos
A' vaidade dos homens conſagrados,
Cujo altivo apparato o mundo engana,
A humilde Religiaõ nos ſeus deſertos
Se eſconde, em paz profunda ella ahi vive
Co' ſeu Deos, entre tanto que o ſeu nome,
Profanado no mundo, ha ſido ſempre
Sancto pretexto ás iras dos Tyrannos,
Dos Póvos ſeducçaõ, ruina dos Grandes:
Soffrer, he o ſeu deſtino; abençoar tudo,
He o que lhe toca; occultamente roga
Pelo ingrato, que a ultraja; ella ſem arte,
Sem enfeite; nos ſeus encantos bella,
Sempre a ſua modeſta formoſura
D'eſſes olhos hypocritas eſconde,
Que em tropel importuno aos ſeus altares
Correm ſó a adorar as vans riquezas.

Por Henrique a ſua alma em amor ſancto
Se abrazava; eſta filha dos Céos ſabe,

Que

Que ella de ſeus altares, algum dia,
O legitimo Culto reſtaurando,
Por ſeu filho eſte Heróe adoptar deve:
Ella o tinha por digno, e os ſeus ſuſpiros
Ardentes appreſſavaõ eſſe tempo
Feliz, mas vagaroſo aos ſeus deſejos:
De improviſo, a Politica, e a Diſcordia,
Impiamente a inimiga ſempre auguſta
Sorprendem em ſegredo; ella levanta
Para Deos os ſeus olhos lacrimoſos;
O ſeu Deos, por provalla, quiz que foſſe
Entregue ao furor d'ellas; eſtes monſtros,
De quem a Religiaõ há ſupportado
Muitas vezes a injuria, d'ella tomaõ
Os véos ſagrados, ſeus impuros roſtos
Com elles cobrem, tomaõ-lhe os veſtidos
Reſpeitados dos homens; em fim correm
A Pariz a cumprir os ſeus projectos.

De hum ár inſinuante a ſempre deſtra
Politica buſcou introduzir-ſe
No centro da Sorbona antiga, e vaſta:
Era alli, onde os Sabios reſpeitoſos
Se juntavaõ, interpretes ſagrados
Das verdades do Céo; que eraõ modello,
E arbitros dos Chriſtaõs, e que ao ſeu culto

Unidos, aos feus Principes attentos,
Guardavaõ até entaõ hum vigor forte
A's flexas do erro fempre impenetravel:
Mas que poucas virtudes faõ aquellas,
Que fem ceffar refiftem! Do encuberto
Monftro a voz venenofa, e encantadora,
Lhes commove os efpiritos com falfos
Lifonjeiros difcurfos. Ella offerece
Grandezas ao que vê ambiciofo,
E que do efplendor grave de huma mitra
Se deixa allucinar: foi-lhe vendida
Em fegredo a palavra do avarento:
Com hum deftro elogio o Sabio encanta,
E a preço de hum incenfo vaõ lhe compra
A eftimavel verdade: Se intimida
Ameaçado da fua voz o fraco;
Em tumulto fe ajuntaõ, em tumulto
Se decide tambem. Por entre os gritos
Da confufaõ, do ruido, e da difputa,
A virtude de hum tal lugar fe aufenta
Banhada em pranto. Em nome entaõ de todos
Hum dos velhos exclama = Os Reis a Igreja
Os faz, ella os abfolve, ella os caftiga;
Em nós eftá a Igreja, em nós fómente
A fua lei eftá, nós reprovamos
A Valois, que naõ he já mais Rei noffo;

Sa-

Sagrados juramentos, (*f*) nós rompemos
Vossas cadèas = Logo que há fallado,
A inhumana Discordia determina,
Que com letras de sangue se transcreva
O odioso decreto; todos juraõ
De estar por elle, e á sua vista assignaõ.

De improviso ella vôa; ella de Igreja
Em Igreja annuncia aos do Partido
Esta grande interpreza; revestida
Do habito de Agostinho, e do Capello
De Francisco, nos claustros mais sagrados
Faz sua voz ouvir-se; a grandes gritos
Ella chama alli todos os espectros
Austeros, de seu jugo rigoroso
Voluntarios escravos = Ora vede
(Lhes diz) da Religiaõ a formidavel
Sentença, vede bem, reconhecei-a,
Do Altissimo vingai os interesses:
A vós venho, sou eu a que vos chamo;
Este ferro, que em minhas maõs scintilla
A vossos olhos, esta aguda espada
Fatal a nossos féros inimigos,

Da

(*f*) Em 17 de Janeiro de 1589 a faculdade de Theologia de Pariz deu o famoso Decreto, que declarava ficarem os Vassallos desobrigados do juramento de fidelidade, e que podiaõ legitimamente fazer guerra ao Rei. A Sorbona depois, vendo-se livre da tyrannia da Liga, revogou este Decreto.

Da maõ do meſmo Deos ſe há trasladado
A' minha; e he já tempo que das ſombras
Sahaes d'eſſes retiros; que de hum ſancto
Zelo vós eſpalheis voſſos exemplos:
Enſinai aos Francezes, duvidoſos
Na fé, quanto ſe dá Deos por ſervido
Da victima de hum Rei; em fim lembrai-vos;
Que a caſa de Leví, que ſempre honrada
Fora por Deos no ſancto miniſterio,
A honra mereceu de que chegaſſe
Ao altar com as maõs tinctas de ſangue
Dos filhos de Iſrael: Porém que digo?
Onde os tempos eſtaõ, aonde os dias
Proſperos, em que eu vi tantos Francezes
Mortos por ſeus irmaõs! Vós foſtes meſmos,
Sagrados Sacerdotes, que ſeus braços
Conduziſtes; por vós há recebido
A morte Coligny; eu meſma em ſangue
Nadei; ah! que inda corre; ide, moſtrai-vos;
E incitareis o Povo, que me adora.

No meſmo inſtante o monſtro deu a todos
O ſignal; foraõ todos corrompidos
Do ſeu fatal veneno; a Pariz marcha,
Onde conduz a prociſſaõ ſolemne:

O eſtendarte da Cruz (g) no meio d'ella
Se arvorava; elles cantaõ, e os clamores
Devotos, e furioſos bem moſtravaõ
Quererem aſſociar o meſmo Empyreo
Na ſua rebelliaõ; ouve-ſe, que elles
Nos ſeus votos fanaticos ajuntaõ
As maldiçoens ás preces, que faziaõ:
Sacerdotes audazes, porém fracos
Soldados para a guerra; elles do alfange,
E da eſpada ſeus braços encarregaõ,
Groſſa coiraça ſeus cilicios cobre;
Aos muros de Pariz eſta milicia
Infame, entre o tumulto de huma plebe
Impetuoſa, aſſim marcha, e vai ſeguindo
O Deos da paz, que diante de ſi leva.

Mayenne, que de longe a louca empreza
Eſtá vendo, no publico a auctoriza,
Mas comſigo a deſdenha; bem conhece,
Quanto o Povo ſubmiſſo aſſim confunde
O Culto, e o Fanatiſmo; naõ ignora
A grande arte, aos Principes preciſa,

De

(g) Deſde que Henrique III., e o Rei de Navarra, ſe apreſentaraõ em armas á viſta de Pariz, a maior parte dos Frades veſtiraõ a coiraça, e mettiaõ guarda com os Paizanos. Eſte lugar deſigna a Prociſſaõ da Liga, na qual mil, e duzentos Frades armados fizeraõ reviſta em Pariz, tendo a Guilherme Roſe, Biſpo de Senlis, na frente d'elles.

De nutrir a fraqueza, e o erro ao vulgo;
O escandalo piedoso em fim applaude;
O que he sabio o maldiz, ri-se o soldado;
Mas o Povo excitado aos Céos envia
Os gritos do alvoroço, e da esperança;
E como á sua audacia sempre o susto
Costuma succeder, em hum momento,
O receio ao furor fez entaõ praça.
Assim o Anjo dos mares sobre o seio
De Amphitrite, se quer, acalma as ondas,
Ou as irrita, quando lhe parece.

Dezeseis sediciosos (*h*) a Discordia
Há escolhido, assignalados estes
Pelo crime entre os mais do seu Partido;
Ministros insolentes d'esta sua
Nova Rainha; ao seu sanguinolento
Carro sobem com ella; o orgulho, a morte;
A traiçaõ, o furor vaõ diante d'elles
Por arroios de sangue; elles nascidos
Na escuridaõ, nutridos na baixeza,
Para com os seus Reis o odio sómente
Por nobreza avaliaõ; conduzidos
Té baixo do docel pelo seu Povo,

A

(*h*) Assim chamados por causa dos 16 bairros de Pariz, que elles governavaõ pelas suas intelligencias.

A Mayenne, que os vè junto ao ſeu lado;
Daõ que temer; dos jogos da Diſcordia
Ordinarios caprichos; (i) muitas vezes
Aquelles, que ella cumplices há feito,
Os faz iguaes; aſſim ſe vè, que irados
Os ventos, que o flagello ſaõ das aguas,
Do Rhodano, ou do Sena as ondas movem;
Nas profundas cavernas encharcado
O lodo entaõ ſe eleva, e vem acima
Sobre a face das ondas; aſſim como
No furor dos incendios, que as Cidades
Iguala aos campos razos, e funeſtos;
O chumbo, o bronze, o ferro derretido
Pelas chammas, ao oiro ſe miſturaõ,
Ao oiro ſim, que entaõ ſe torna eſcuro.

N'eſtes de ſediçaõ, e de tumulto
Dias triſtes, ſó Themis ao contagio
Reſiſtia; de engrandecer-ſe a ſede,
A eſperança, e o temor já mais puderaõ
Inclinar-lhe nas maõs a fiel balança,
Sem macula ſeu Templo ſempre eſteve;
Correndo a ella a ſimples equidade,

Buſ-

(i) Os dezeſeis foraõ muito tempo independentes do Duque de Mayenne: hum d'elles chamado Normand diſſe hum dia na Camara do Duque = Aquelles, que o fizeraõ, poderiaõ tambem desfazello. =

Buſcava á ſua ſombra eſtar ſegura.

N'eſte ſagrado Templo há hum Senado
Venerando, propicio á innocencia,
Ao crime formidavel; elle o apoio,
He das leis do ſeu Principe; elle he o orgaõ;
Entre eſte, e o Povo, marcha de igual paſſo:
A juſta confiança, que conſerva,
Da equidade dos Reis, faz muitas vezes,
Que dirija a ſeus pés da França as queixas;
Sua ambiçaõ ſómente ao bem do Eſtado
Se encaminha; aborrece a tyrannia,
A rebelliaõ o enfada; cheio ſempre
De reſpeito, e valor, prudente, è ſabio,
A ſubmiſſaõ da eſcravidaõ diſtingue,
E em defender as noſſas liberdades
ſempre prompto, elle a Roma reconhece,
Sabe honralla, e tambem ſabe contella.

Dos tyrannos da Liga o eſquadraõ féro
Eis do Templo de Themis cerca as portas;
Buſſy (*l*) os conduzia, eſſe vil meſtre
De armas, ſubido pela ſua audacia
A taõ culpavel honra; entra, e profere

(*l*) Buſſy le Clerc, que de jogador de armas paſſou a Governador da Baſtilha, e a Chefe d'eſta facçaõ.

Estas palavras á Assemblea augusta,
Por quem dos Cidadaõs se rege a sorte:
= Mercenarias columnas de hum confuso
Labyrinto de leis, plebeos infames,
Que tutores dos Reis pensais ser sempre,
Froxos, que collocais a vergonhosa
Vangloria das venaes grandezas vossas
Na facçaõ, na desordem, na caballa;
Na paz tyrannos, timidos na guerra,
Ao Povo obedecei, e aos seus decretos:
Antes dos Reis, já Cidadãos havia:
Os direitos perdidos pelos nossos
Antepassados, hoje recobramos;
D'este Povo abusastes muito tempo,
Elle do Sceptro se acha aborrecido,
E o Sceptro se há quebrado: os grandes nomes
Riscai, que vos molestaõ certamente;
Sim, = *de pleno poder* = essas palavras,
Que temem todos, todos aborrecem:
Se julgais, seja em nome só do Povo;
Naõ o lugar do Rei, mas sim do Estado
Sustentai entre vós, imitai sempre
A Sorbona, ou temei minha vingança. =

Respondeu o Senado com hum nobre
Silencio a tudo; assim se vio de Roma
Nos muros abatidos, e abrazados, Que

Que os Senadores curvos com o pezo
De seus annos, intrepidos, e immoveis
Em seus assentos, d'hum olhar tranquillo;
Os Gaulos esperavaõ, e inda a morte:
Colerico Bussy, naõ sem assombro,
= Obedecei, tyrannos, ou segui-me =
(lhes diz) Entaõ Harlay primeiro se ergue;
Harlay nobre exemplar, de hum Parlamento
O Chefe, justo, quanto destemido:
Elle á cohorte logo se apresenta,
Pede os ferros, guardando o mesmo aspecto;
Com que os máos haveria condemnado:
Os Chefes da justiça a Harlay unidos,
Desejando, que a honra dos tormentos
Com elles repartisse, e fossem todos
Victimas de huma fé, que aos Soberanos
Se deve, as maõs estendem generosas
Aos ferros dos algozes, que lhas prendem.

Repeti-me vós, Musas, esses nomes
Taõ amaveis á França; vós eternos
Fazei esses Heróes, a quem a força
Da licença opprimio; o virtuoso
De Thou, Molé, Scaron, Bayeul, e o sempre
Justo Potier, e vós Longueil mancebo,
Em quem por apressar vossos destinos,

O eſpirito, e a virtude os annos bellos
Adiantaraõ; em fim todo o Senado
Pelos dezeſeis prezo, entre a turba
De hum vil Povo em triunfo he conduzido
Ao Caſtello, (*m*) Palacio da vingança,
Que encerra as mais das vezes tanto o crime,
Como a innocencia. He d'eſte infame modo,
Que os rebeldes mudaraõ todo o Eſtado;
A Sorbona he cahida; o Parlamento
Acabou: Mas porque hum tal concurſo?
Gritos taõ lamentaveis? Que inſtrumentos
Da morte dos culpados ſaõ aquelles,
Que ſe aprompraõ! Quem ſaõ os Magiſtrados,
Que a maõ do algoz infame no ſepulchro
Por ordem dos tyrannos precipita?
Ah! que em Pariz ſe vê, que hum ſó deſtino
Tem a virtude, e o crime. Briſſon (*n*) guapo;
Tardif, e Larcher, victimas honroſas,
Injuriados naõ ſois por eſta morte
Cheia de affrontas: Generoſos Manes
Naõ vos envergonheis, que os voſſos nomes
Na memoria feraõ ſempre famoſos,
Quem morre pelo Rei, morre com gloria.

No

(*m*) A Baſtilha.
(*n*) Em 15 de Novembro de 1591. Eſtes grandes Sabios, e Conſelheiros foraõ enforcados por ordem dos dezeſeis.

No meio dos rebeldes a Discordia
Se applaude do successo dos seus torpes
Designios, de hum ár féro, e bem contente;
Na sua crueldade então tranquilla;
Os effeitos observa perniciosos
De huma guerra civil n'aquelles muros
Todos ensanguentados, entre huns Póvos
Miseraveis, que contra o seu Monarcha
Sómente unidos, entre si discordes,
(Jogo infeliz das intestinas furias)
Da triste Patria apressaõ as ruinas;
O tumulto por dentro, insta por fóra
O perigo, e se vê por toda a parte
O destroço, a carnagem, o pranto, a morte.

CANTO V.

ARGUMENTO.

Os sitiados saõ fortemente opprimidos. A Discordia excita a Jacques Clemente a sahir de Pariz para assassinar o Rei. Ella chama do fundo dos Infernos o Demonio do Fanatismo, que conduz este Parricidio. Sacrificio dos da Liga aos Espiritos Infernaes. Henrique III. he assassinado. Sentimentos de Henrique IV. Elle he reconhecido Rei pelo Exercito.

NO em tanto as grandes maquinas chegavaõ,
Que em seus seios traziaõ dos rebeldes
A perdiçaõ ; de toda a parte o ferro ,
E o fogo ao ár voando , por cem bocas
De bronze lhes prostravaõ as muralhas :
Dos dezeseis a ira ; de Mayenne
A prudencia ; de hum Povo sedicioso
A feroz arrogancia ; dos Doutores
Da lei as decisoens escandalosas ;
Era tudo naõ mais que hum vaõ esforço
Contra o Heróe , a victoria a grandes passos
se aproximava sobre seus vestigios :

Six-

Sixto, Filippe, e Roma em améaças
Rebentavaõ, mas Roma ao Universo
Naõ era já terrivel, que nos ares
Seus raios debeis todos se perdiaõ;
E o velho Castelhano costumado
Aos vagares, privava do soccorro
Preciso aos sitiados: pela França
Seus soldados vagando a toda a parte,
A Pariz naõ valiaõ, e assolavaõ
Nossas Cidades; era todo o intento
Do pérfido, que a Liga, por cançada,
Pudesse offerecer facil conquista
Ao seu braço; este pois taõ perigoso
Arrimo, e huma amisade em si taõ falsa,
Hum Senhor, em lugar de hum Alliado,
Lhes preparava, quando a resoluta
Maõ d'hum furioso aquelles vaõs projectos
Pareceu suspender por algum tempo.

Vós de Pariz tranquillos habitantes,
Que em dias mais felices vos permitte
O Céo nascer, perdoai se hoje de novo
Minha maõ á lembrança vos presenta
A historia criminal dos seduzidos
Vossos antepassados; naõ se estende
A vós o horror fatal de suas culpas;
Pelos Reis vossos vosso amor he tanto,

Que

Que basta a restaurar-lhes toda a gloria.

Em todo o tempo a Igreja ha produzido
Solitarios, que unidos em hum corpo,
Debaixo de severos institutos,
Bem distinctos do resto dos mais homens,
A Deos se consagraraõ por seus votos
Solemnes: D'estes huns permaneceraõ
Em huma paz profunda, inaccessivel
Sempre aos encantos frivolos do mundo;
Zelosos do repouso, que roubar-lhes
Ninguem póde, fugiraõ ao Commercio.
Dos humanos, a quem servir podiaõ:
Outros porém, fazendo-se precisos
Ao Estado, illustraraõ sempre a Igreja,
Subiraõ ás cadeiras; mas que importa;
Se allucinados logo por huns genios
Lisonjeiros, no seculo espalhados,
D'elles tem abraçado muitas vezes
Os costumes! A surda ambiçaõ sabe
A's suas pertençoens dispôr os meios;
Mais de hum Paiz se há visto das intrigas
D'elles queixoso; assim entre os humanos
O mais perfeito bem, por hum abuso
Do maior mal se há feito toda a origem.

Os que a vida abraçaraõ de Domingos
Viraõ por muito tempo a sua gloria
Firmar-se nas Hespanhas; dos escuros,
Quanto humildes empregos, de repente
Aos Palacios dos Reis elles passaraõ:
Naõ com menos poder, nem menos zelo;
Florecia na França respeitada
Esta ordem dos Reis favorecida,
Tranquilla, e em fim feliz, se do seu seio
Naõ sahisse hum traidor como Clemente.

Clemente (*a*) no retiro desde a sua
Menor idade, havia produzido
Escuros movimentos de huma inerte;
E rustica virtude; elle mui fraco
Espirito, e assim credulo bastante
Na sua devoçaõ, segue a torrente
Dos rebeldes: foi sobre este mancebo
Estulto, que a Discordia há derramado
O veneno infernal da sua boca:
Aos pés do sancto Altar, todos os dias,
Elle prostrado, aos Céos era importuno
Nos seus criminaes votos. Diz-se, que elle,

De

(*a*) Jacques Clemente da Ordem dos Dominicos era de idade de 24 annos e meio, e pouco antes se havia ordenado de Sacerdote quando commetteu este Regicidio.

De cinza, e pó cuberto, pronunciára
Huma vez esta supplica tremenda:
= Deos, que vingas a Igreja, e que castigas
Os tyrannos, ver-se-há continuamente,
Que opprimes a teus filhos? que proteges
Os damnos de hum Monarcha, que te ultraja?
Que as maõs impuras lhe armas? que abençôas
Os seus perjurios? Grande Deos, já cessa
De provar-nos em fim por teus flagellos;
Contra os teus inimigos te levanta,
Para longe de nós aparta a morte,
E a miseria; de hum Rei, que nos he dado
Pela colera tua, já nos livra;
Vem, dos Céos abrazados essa altura
Faze humilhar, que diante de ti marche
O Anjo exterminador; arma-te, desce,
E hum raio ardente prostre a nossos olhos
O sacrilego exercito, e o destrúa;
Que os dois Reis espirando, os seus soldados
E Chefes cáiaõ, como cahe a folha
Pelo vento espalhada, e que em fim salvos
Por ti os teus Catholicos da Liga,
Sobre os ensanguentados corpos possaõ
Dirigir-te seus canticos perennes. =

Atravessando os ares a Discordia

Di-

Ouve attenta os clamores espantosos;
E aos Infernos os leva; n'hum instante
Dos seus Reinos sombrios faz que venha
O mais cruel Tyranno d'esse Imperio
Das sombras; elle chega, o Fanatismo
Seu nome horrivel he, filho inhumano
Da Religiaõ; armado em defendella,
Só cuida em destruilla, e recebido
No seu seio, elle a abraça, elle a arruina.

Elle foi em Rabá (*b*) quem sobre as praias
Do Arnon os descendentes conduzia
Do desgraçado Ammon, e as Máis chorosas,
Que a Moloc, ó seu Deos, apresentavaõ
As fumantes entranhas de seus filhos:
Elle o que fez dictar o juramento
De Jepthé inhumano, e temerario,
Para no coraçaõ da tenra filha
Conduzir-lhe o punhal: Elle o que abrindo
De Calcas a impia bocca, a cruel morte
Por sua voz pedira de Ifigenia:
Há muito tempo, França, que elle assiste
Nos teus bosques, que o teu sagrado incenso,
Ao terrivel Teutates (*c*) elle offerece,   Tu

(*b*) Paiz dos Ammonitas, os quaes lançavaõ seus filhos nas chammas ao som de tambores, e de trombetas em honra da Divindade, que adoravaõ com o nome de Moloc.

(*c*) Teutates era hum dos Deozes dos Gaulos, a quem se sacrificavaõ homens.

Tu naõ te hás esquecido d'esses sanctos
Homicidios, que aos vaõs indignos Deozes
Presentavaõ os teus antigos Druidas;
Do alto do Capitolio elle bradava
Aos idolatras, que os Christaõs punissem;
Que os destruissem, e que os atormentassem;
Porém, quando em fim Roma submettida
Foi ao filho de Deos, do Capitolio
Desfeito em cinza, se há passado á Igreja;
E entaõ nos coraçoens, que eraõ de Christo,
As furias inspirando, sem demora
De Martyres os fez perseguidores.
Elle em Londres, formou a turbulenta
Seita, (*d*) que sobre hum Rei, de si mui fraco,
Com sanguinosa maõ se vio erguida.
Em Lisboa, e Madrid, (*e*) elle he o que accende
As fogueiras solemnes, onde em pompa,

Por

(*d*) Os Enthusiastas (chamados independentes) foraõ os que tiveraõ a maior parte na morte de Carlos I. Rei de Inglaterra.

(*e*) O estabelecimento da Inquisiçaõ he filho do zelo, com que o Senhor D. Joaõ III. quiz se mantivesse a pureza da Religiaõ nos seus Estados, e naõ obra do Fanatismo como licenciosamente, diz aqui o A. Todos sabem o recto procedimento d'este supremo Tribunal para com os intitulados Judeos, os quaes nunca se castigaraõ por seguir a Moyses, mas sim pelo seguirem depois de ter abraçado o Christianismo, e commetterem huma horrivel profanaçaõ de todos os Sacramentos: Além de que, os actos da fé, que a Inquisiçaõ celebrava n'este Reino nem todos se faziaõ solemnemente e por costume todos os annos; mas só quando a pertinacia dos delinquentes se ensurdecia ás vozes da razaõ, e a luz

Por Padres em cada anno, se conduzem
Os Judeos infelices, por naõ terem
Deixado a fé de seus antepassados.

Elle por disfarçar-se, se vestia
Sempre d'esses sagrados ornamentos
Dos Ministros do Céo; d'esta vez passa
A' eterna escuridaõ a tomar n'ella
Para novos delictos nova fórma:
A audacia, e o artificio, os seus aprestos
Foraõ; elle de Guiza toma o talhe,
E as feiçoens; do soberbo Guiza, aquelle,
Que tyranno do Estado se descobre,
E Rei de seu Senhor; quem por ser sempre
Poderoso, inda além da morte a França
Arrastrava aos combates. A cabeça
Elle cobre de hum casco formidavel,
Na maõ se vê a espada, aquella espada
A' morte sempre prompta; traz o peito
Traspassado dos golpes, com que hum dia
Este Heróe sedicioso assassinado
Fora em Blois; os clamores do seu sangue,

Que

da fé, a que fechavaõ os olhos. Este Tribunal he hoje com mais justiça digno de respeito, porque á inspecçaõ dos seus Juizes, se unio por lei dos nossos Principes a sua augusta decisaõ, para poderem ter execuçaõ os seus processos. Os estrangeiros fallaõ n'esta materia com odio e ignorancia crassa; o que basta para naõ serem accreditados. (*Nota do Editor*)

Que abundante inda corre, pareciaõ
A Valois accuzar, pedir vingança.

N'este terrivel lugubre apparato,
Por entre as dormideiras, que costuma
O somno derramar, elle a Clemente
Vem procurar no centro do retiro:
Era a superstiçaõ, era a inquieta
Facçaõ, o falso zelo, sempre acceso
De huma brilhante colera, que estavaõ
Velando á sua porta; de repente
Elles abrem, elle entra, (f) e entaõ com huma
Voz magestosa, e fêra, assim lhe falla:
= Deos teus votos acceita, e rogativas;
Mas de ti naõ terá por culto, e incenso,
Mais que huma eterna queixa, huns fracos votos?
A Deos, que serve á Liga, saõ precisas
Outras offrendas; elle de ti exige
Os dons, que tu lhe pedes: Judith (g) forte,
Se em outro tempo, por salvar seu Povo,

A

(f) Imprimio-se em Pariz, e sahio ao publico em 1589 huma relaçaõ do martyrio de Fr. Jacques Clemente, na qual se segurava, que hum Anjo lhe tinha aparecido, e lhe havia mostrado huma espada nua, e ordenado, que matasse o tyranno.

(g) Estando já em S. Cloud Jacques Clemente, algumas pessoas q̃ desconfiavaõ d'elle, o espiaraõ durante a noite, e o acharaõ dormindo profundamente com o Breviario ao pé de si aberto no artigo Judith.

A Deos naõ offertasse mais que os gritos;
E as lagrimas, se pelos seus temendo,
Tambem por si temesse, cahir vira
Judith por terra os muros de Bethulia;
Eis aqui as emprezas, que tu deves,
Por sanctas, imitar, he esta a offerta;
Que presentar a Deos és obrigado;
Mas tu mesmo, já vejo, te envergonhas
De a haveres differido, corre, vôa,
E a tua maõ no sangue consagrado,
Libertando os Franceces de hum Monarcha
Indigno, a Pariz vingue, vingue a Roma;
A mim, e o Universo. A minha vida
Cortou Valois por hum assassinato;
Punir co' mesmo golpe te he preciso
Sua perfidia; naõ te embargue o susto
Do nome de Assassino; se foi n'elle
Cruel delicto, em ti será virtude;
Tudo he licito a quem a Igreja vinga,
A morte he justa entaõ; e o Céo naõ menos
A auctorisa; que digo? Deos o manda,
E pela minha voz elle te instrue;
Para a morte de Henrique elle o teu braço
Há eleito; feliz tu se pudesses,
Consumando a vingança, o de Navarra
Juntar na mesma acçaõ a hum tal Tyranno;
E se d'estes dois Reis, livres de todo


TAYLOR INST. OXFORD

Teu

Teus Cidadaõs, pudessem ..... mas os tempos
Naõ saõ inda chegados; Bourbon deve
Viver, e Deos, ao qual se oppoem seu braço,
Para outras maõs reserva toda a gloria
Da sua ruina; tu que és taõ zeloso
D'este Deos, enche os seus grandes designios,
E o mimo acceita, que por mim te envia.

O fantasma entaõ faz a estas palavras
Hum punhal reluzir, que havia o odio
Nas agüas infernaes humedecido;
A dadiva fatal na maõ do incauto
Clemente deposita, foge, e torna
Na morada infernal a submergir-se.

Facilmente enganado o Religioso
Mancebo, creu, que o Céo seus interesses
Sómente em suas maõs depositára:
Ao funesto presente elle prostrado
Os osculos duplica; elle de joelhos
Do Omnipotente o braço humilde implora;
E cheio em fim do monstro, de quem sempre
O furor o dirige, de hum ár sancto
Ao fatal parricidio já se aprompta.

Quanto ao erro se humilha com presteza
O humano coraçaõ! Eis já Clemente Gos-

Goſtando huma feliz ſerenidade ;
Elle eſtava animado, ſim d'aquella
Audacia, que no coraçaõ dos Sanctos
Firma a innocencia ; no furor tranquillo ;
Os olhos baixos, marcha ; elle ſeus votos
Sacrilegos ao Céo ſempre dirige, (*b*)
De huma auſtera virtude em ſeu ſemblante
Reluz a eſtampa ; e o ferro parricida
Debaixo do cilicio leva occulto :
Elle parte ; os parciaes logo inſtruidos
Do projecto, os caminhos alcatifaõ
De odoriferas flores a ſeus paſſos ;
E de hum ſancto reſpeito todos cheios ;
A's portas o conduzem ; abençoaõ
Seu intento ; eſte o inſtrue ; aquelle o anima ;
O nome de Clemente já numeraõ
Entre os nomes ſagrados, que em ſeus faſtos
Roma por immortaes tanto reſpeita ;
Em altas vozes vingador da França
O appellidaõ, na maõ tendo os incenſos
Se daõ preſſa a invocallo. No tranſporte,
Ou no ardor, nunca foraõ taõ activos
Os primeiros Chriſtaõs, que de morrerem
Deſejoſos, intrepidas columnas

(*b*) Elle jejuou, confeſſou-ſe, e commungou, antes de partir a ir aſſaſſinar o Rei.

Da crença de seus Pais, em outro tempo
Seus irmaõs, ao martyrio accompanhavaõ;
As doçuras de morte taõ ditosa
Inveja lhes faziaõ, e os vestigios
De seus passos com lagrimas beijavaõ:
O fanatico cégo muitas vezes
No caracter se naõ diversifica
Do sincero Christaõ; hum mesmo esforço
Tem ambos, tem os mesmos sentimentos;
Tem seus Martyres o erro, Heróes o crime;
Do zelo verdadeiro, e do que he falso
Vaõs Juizes que somos! parecidos
Muitos malvados saõ aos grandes homens.

Mayenne, cujos olhos tudo observaõ,
Bem está vendo o golpe preparar-se,
Finge porém que o ignora; o seu prudente
Artificio de hum crime taõ odioso
Cuida em colher o fructo, sem que n'elle
Tenha parte; elle deixa com industria
Para os mais sediciosos o cuidado
De esforçar o valor d'este furioso.

Em tanto que huma turba sanguinaria,
De rebeldes ás portas conduzia
De Pariz este infiel, ao mesmo tempo

O sacrilego esforço da assemblea
Dos dezeseis examinava a sorte
Sobre o successo. Antigamente (i) a audacia
Cuidadosa de Medicis havia
Penetrado a sciencia detestavel
D'estes segredos; ella muito tempo
Esta arte profundou em si suprema,
Váa, chimerica, e sempre criminosa;
Seguio-se o seu exemplo, e o Povo rude,
Servil imitador dos fataes vicios
Da Corte, amante só de novidades,
Captivo de prodigios, a taõ impias
Desordens de tropel se abandonava.

Nas sombras da alta noite ao centro horrivel
De huma abobeda escura, esta malvada
Assemblea o silencio há conduzido;
Ao pálido claraõ de huma lanterna
Magica, hum Altar vil sobre hum sepulchro
Se erigio; dos dois Reis logo as imagens
Alli se collocaraõ, sendo o objecto
Para elles de terror, o saõ agora
De seus ultrages; suas maõs impuras

(i) Catherina de Medicis havia posto a magica muito em moda na França. Achavaõ-se por toda a parte homens assás loucos por se crerem Magicos, e Juizes supersticiosos, que os puniaõ de boa fé, como taes.

Sobre o funesto Altar tem confundido
Os nomes infernaes com o do Eterno :
Dispostas pelas funebres paredes
Estaõ cem lanças , todas tem as pontas
Em vazilhas de sangue mergulhadas ,
Ameaçante apparato , que inventaraõ
De hum mysterio horroroso : o Sacerdote
Do escuro Templo hum d'esses Hebreos era ;
Que sobre a terra vagaõ , que proscriptos ,
E Cidadaõs do mundo , vaõ levando
De mar em mar a erratica miseria ,
E que tem cheio desde muito tempo
Os Póvos de huma antiga immensidade
De superstiçoens : ao redor d'elle
Os da Liga furiosos principiaõ
A grandes gritos o impio sacrificio :
Lavaõ no sangue os braços parricidas ;
De Valois , sobre o Altar , passaõ o peito ;
Com mais terror ainda , com mais furia
De Henrique a imagem prostraõ , e debaixo
A calcaõ de seus pés ; (l) pensaõ que a morte
Fiel á sua colera vai logo

Trans-

(l) Muitos Sacerdotes da Liga haviaõ mandado fazer pequenas imagens de cera , que representavaõ Henrique III. e o Rei de Navarra ; punhaõ-as sobre o Altar, e durante a Missa as feriaõ ; isto por espaço de 40 dias consecutivos , e no fim d'elles as feriaõ no coraçaõ.

Transmittir a estes Reis o ferimento
Dos seus golpes ; (*m*) o Hebreo junta entre tanto
As preces ás blasfemias ; elle invoca
O abysmo , os Céos , o mesmo Deos Eterno ,
Todos esses espiritos immundos ,
Que turbaõ o Universo , assim o fogo
Do raio , como as chammas dos Infernos.

Igual foi em Gelboé o sacrificio ,
Que Pythoniza aos seus infernaes Deozes
Offertou , quando fez vir á presença
De hum Rei cruel a imagem espantosa
De Samuel Sacerdote : assim naõ menos
Do alto de Samariá trovejava
A impia voz dos Profetas mentirosos
Contra Judá ; ou tal entre os Romanos
O cruel Ateyo (*n*) amaldiçoando as armas
De Crasso pela invocaçaõ dos Deoses.

Aos magicos accentos , que lhe sahem

Da

(*m*) De ordinario serviaõ-se dos Judeos para fazerem as operaçoens magicas. Esta antiga superstiçaõ vem dos segredos da Cabala, dos quaes os Judeos se diziaõ sómente os depositarios.

(*n*) Ateyo Tribuno do Povo naõ podendo impedir a Crasso a partida contra os Parthos, trouxe hum brazeiro ardente para a porta da Cidade por onde Crasso havia de sahir, e lançando-lhe certas hervas, amaldiçoou a expediçaõ de Crasso invocando para isso as Divindades infernaes.

Da boca, os Dezeſeis tem a confiança
De eſperar, que do Céo ſe lhes reſponda;
Obrigallo elles penſaõ, a que a ſorte
Se lhes deſcubra: o Céo pára punillos
Quiz entaõ eſcutallos, quiz por elles
Interromper as leis da natureza:
Hum lugubre murmureo das cavernas
Mudas ſahe, os relampagos continuos
Lhes daõ a ver na mais profunda noite,
Hum horroroſo dia, que renaſce,
E que foge; no meio d'eſtes fogos
Reſplandecendo em gloria elles divizaõ
A Henrique, ſobre hum carro de victoria;
Os loiros lhe c'roavaõ toda a frènte
Nobre, e ſerena; em fim brilhava o Sceptro
Dos Reis nas ſuas maõs: o ár de improviſo
Aos tiros do trovaõ paſſa a abrazar-ſe;
Chelo de fogo o Altar, ſe arruina, e logo
Se ſubmerge na terra: conſternados
Os Dezeſeis, de horror o Hebreo cuberto,
Vaõ eſconder na noite tanto o crime,
Como a perturbaçaõ, que os affugenta.

Eſtes trovoens, e fogos, eſte ruido
Eſpantoſo a Valois annunciavaõ
A perda inevitavel; os ſeus dias

Tem

Tem Deos contado do alto do seu Throno,
Havia longe d'elle retirado
O seu soccorro; a morte era impaciente
Em aguardar a victima, que he sua,
E Deos como que hum crime permittia
Por perder a Valois. Sem sobre salto
Ao campo real marchou o impio Clemente;
Elle chega, e requer, que ao Rei os guardas
Lhe permittaõ fallar; diz que Deos mesmo
Faz, que áquelles lugares conduzido
Venha, porque os direitos do diadema
Por elle se restaurem; que ao Rei proprio
Quer revelar segredos importantes;
Duvidaõ, por bastante tempo o observaõ,
E he perguntado; teme-se debaixo
D'aquelle habito algum fatal mysterio;
Elle passa por hum severo exame
Sem já mais se assustar, responde a tudo
Com bem simplicidade, quem creria,
Que a verdade naõ via bem patente
Em seus discursos? faz em fim o guarda,
Com que á vista do Rei elle appareça.

Naõ assustou o aspecto Soberano
Ao traidor; com hum ár tranquillo, e humilde;
Elle dobra os joelhos, elle observa

O lugar, onde bem empregue o golpe;
E a mentira sagaz, que a sua lingua
Conduzia, dictou-lhe n'este instante
Taõ pérfido discurso; elle assim falla:
= Grande Rei, permitti, que ao Deos Supremo,
Que faz reinar os Reis, eu encaminhe
Minha timida voz, antes de tudo
Meu coraçaõ deixai que o louve, e cante,
Pelos bens, que hoje vai sua Justiça
Derramar sobre vós; Potier virtuoso, (o)
E Villeroi prudente a fé intacta
Vos guardaõ entre os vossos inimigos;
Harlay, (p) o grande Harlay, de cujo zelo
Intrepido, assustado se vio sempre
O infiel Povo; do centro de huma escura
Prizaõ, os coraçoens vai reunindo
De todos; junta os vossos fieis Vassallos;
E confunde os da Liga: Deos, que, sempre
Sabios, e poderosos abatendo,
Pela maõ, que he mais fraca, cumprir soube
As suas obras, fez, com que á presença

Do

(o) Potier, Presidente do Parlamento, de que assima se fallou. Villeroi que havia sido Secretario d'Estado de Henrique III.

(p) Achilles de Harlay estava entaõ recluso na Bastilha por Bussy le Clerc. Jacques Clemente apresentou ao Rei huma carta da parte d'este Magistrado, porém ignora-se se era, ou naõ fingida.

Do grande Harlay eu fosse conduzido ;
Cheio da sua luz , e pela sua
Mesma boca instruido , diligente
Ao meu Principe vôo , e vos entrego
Esta carta , que Harlay acaba há pouco ,
Como a subdito fiel , de encarregar-me. =

Impaciente Valois recebe a carta ,
E as maõs levanta aos Céos , que lhe permittem
Taõ suave mudança ; = Oh se eu pudesse
(Diz elle) este teu zelo , e bom serviço
Remunerar-te já pelo meu gosto ,
E da minha justiça ! = Estas palavras
Dizendo , elle lhe estende os Reaes braços ;
No mesmo instante o monstro o punhal tira ,
E ouzadamente o peito lhe atravessa ;
O sangue corre , e todos assombrados
Se avançaõ dando gritos ; eis já se erguem
Mil braços a punir este assassino ;
Mas sem baixar os olhos , com desprezo
Elle os attende ; a França satisfeita ,
E do seu parricidio vanglorioso ,
Em recompensa a dura morte espera
De joelhos ; em fim , elle de Roma ,
E da França se crê ser o refugio ;
Pensa, que os Céos vê já, que estes se lhe abrem ;

E

E a Deos pedindo a palma do martyrio,
Cahe, abençoando os golpes, com que espira.

Torpe illuzaõ, fantastica cegueira,
De horror, de compaixaõ mil vezes digna;
E da morte do Rei menos culpavel
Talvez, do que esses laxos, vaõs Doutores
Do seu Rei inimigos, que espalhando
O veneno fatal com suas vozes,
O fraco Religioso allucinaraõ.

Estava já Valois tocando aquella
Triste, e ultima hora, nem seus olhos
Viaõ de luz apenas mais, que hum resto;
Seus Cortezaõs, chorando ao redor d'elle,
Por designios diversos divididos
Em segredo, com huma voz commua;
Formando as mesmas queixas, expressavaõ
As dores, ou sinceras, ou fingidas;
Os que se esperançavaõ na mudança,
Froxamente se affligem do perigo
Do seu Principe; cheios entaõ outros
Do temor, do interesse, naõ choravaõ
O Rei, mas a fortuna decahida.

Entre o confuso ruido de clamores,
E de queixas, sómente vós, Henrique,

Lagrimas derramastes verdadeiras;
Vosso inimigo foi, mas os que nascem
De coraçoens sensiveis, facilmente
Se commovem nos horridos momentos;
Só da sua amisade entaõ se lembra
Henrique, e o interesse em vaõ combate
Contra a sua piedade; o Heròe virtuoso
A si mesmo occultava o pensamento,
De que esta morte a C'roa lhe trazia.

Por hum ultimo esforço entaõ voltando
Valois para elle os olhos já pezados,
Que a morte hia a fechar, e ao mesmo tempo
Com suas maõs tocando nas de Henrique,
= Maõs vencedoras, diz-lhe d'esta sorte:
As generosas lagrimas detende,
O Universo indignado á sua conta
Toma o compadecer-se: reinar deve
Bourbon, e combater, por fim vingar-me;
Eu morro; e vós no meio das tormentas
Ficais só; assentado sobre o escolho
Cheio dos meus naufragios; porém ide;
Henrique, que o meu Throno vos espera;
Pertence-vos, gozai de hum bem, que sempre
Foi pelo vosso braço defendido;
Mas attendei, que o raio em todo o tempo

O rodeia ; temei, subindo ao Throno,
O Deos, que vo-lo dá ; oh se pudesses
De hum dogma criminal desenganado,
Restaurar-lhe o Altar, repor-lhe o culto !
A Deos ; reinai feliz ; mais poderoso
He o genio tutelar, que vos defende
De crueis assassinos : vós a Liga
Conheceis, e bem vedes os seus golpes ;
Elles por mim passaraõ, porque possaõ
Ir depois para vós : talvez que hum dia
Huma maõ mais infiel .... Céos, que sois justos,
Favorecei virtude, que he taõ rara ;
Permiti ..... n'este ponto a morte impia
Sobre a sua cabeça vem render-se,
E de todo acabou o seu destino. (q)

A' noticia da morte Pariz toda
Aos odiosos transportes se sujeita
De huma iniqua alegria ; de cem gritos
De victoria o seu Povo encheu os ares ;
Suspende-se o trabalho, saõ abertos
Os Templos ; de grinaldas de mil flores
Ornaõ suas cabeças ; este dia

He

(q) Henrique III. morreu a 3 de Agôsto pelas duas horas da manhã em S. Cloud ; mas naõ na mesma casa, onde tinha abraçado com seu irmaõ a resoluçaõ do S. Bartholomeu, como asseveraõ muitos Historiadores.

He dedicado ſó a immenſas feſtas :
Inſenſatos que ſaõ ! Elles naõ olhaõ
Os profundos abyſmos , que aſſim cavaõ
Debaixo de ſeus pés ; deveraõ antes ,
Seus trabalhos prevendo , mudar logo
Em amargoſo pranto o vaõ triunfo ;
O vencedor , o Heróe , que elles ſe atrevem
A provocar , Henrique do alto Throno
He quem vai arruinallos ; mais terrivel
Na ſua maõ o Sceptro , vaticina
Aos rebeldes a perda inevitavel ;
Eis que já diante d'elle os Chefes todos
Dobraõ os joelhos , todos reconhecem
Por legitimo Rei ſómente a Henrique ;
E como ſe eſtiveſſem já bem certos
Do deſtino da guerra , accompanhallo
Até os dois fins da terra elles promettem.

CANTO VI.

ARGUMENTO.

Depois da morte de Henrique III., os Eſtados da Liga ſe juntaõ em Pariz para eleger hum Rei. Em quanto elles ſe occupaõ nas ſuas deliberaçoens, Henrique IV. dá hum aſſalto á Cidade. A Aſſemblea dos Eſtados ſe ſepara; aquelles, que a compunhaõ, vaõ combater ſobre os muros. Deſcreve-ſe eſte combate. Appariçaõ de S. Luiz a Henrique IV.

UZo antigo, e ſagrado ſe pratica
Entre nós; quando a morte ſobre o Throno
Eſtende o fatal golpe, e entaõ do ſangue
Dos Reis, cáros á Patria, toda a fonte
Nos ultimos canaes ſe há eſgotado,
No meſmo inſtante o Povo aos ſeus primeiros
Direitos torna; hum Rei eleger póde,
Póde mudar as leis: os ſeus Eſtados
Juntos, que ficaõ ſendo o orgaõ da França,
Hum ſupremo nomeaõ; os poderes
Lhe limitaõ: aſſim ſe decidira
Pelos noſſos avós, que a CarlosMagno

No

No Throno succedessem os Capetos.

Intenta pois a Liga audaz, e forte
Ordenar dos Estados (*a*) a assemblea:
Por hum assassinato ella suppunha
O direito adquirir, porque pudesse
Eleger Rei, e dar mudança ao Estado:
Elles criaõ, que postos ao abrigo
De hum Throno imaginario, assim podiaõ
Expulsar a Bourbon mais facilmente,
E melhor enganar a plebe rude:
Pensavaõ, que hum Monarcha os seus designios
Firmaria, que á sombra d'este nome
Taõ sagrado, seriaõ seus direitos
Mais honestos; que eleito injustamente,
Bastava para o ser; em fim que a França
Pertendia hum Senhor fosse qual fosse.

Correm pois para logo a hum conselho
Com alvoroço os Chefes obstinados,
A quem conduz o orgulho; eis os Lorenas;
Os Nemours, e naõ menos os furiosos
Sacerdotes, o Embaixador de Roma,

Jun-

(*a*) Como n'hum Poema Epico se attende mais á ordem do dezenho, que a Chronologia, introduzem-se immediatos á morte de Henrique III. os Estados de Pariz, que só se effectuaraõ quatro annos depois.

Juntamente o de Iberia, que caminhaõ
Ao Louvre, onde por huma elciçaõ nova,
Dos nossos Reis os Manes mais illustres
Elles vaõ insultar: o luxo sempre
Mantendo-se das publicas miserias,
Com esplendor prepara estes Estados
Tyrannicos: alli naõ apparecem
Os Senhores, e os Principes, dos nossos
Antigos Pares nobres Successores,
Que junto aos Reis hum tempo se sentavaõ,
Que da França eraõ Juizes, que a apparencia
Conservaõ do poder, que já naõ lograõ;
Naõ vaõ alli dos nossos Parlamentos
Os Sabios Deputados, que defendaõ
As nossas decahidas liberdades.
Nem dos Lyrios alli já mais se observa
O apparato ordinario; sim se admira
O Louvre pela sua pompa estranha;
O Legado de Roma em hum assento
Honroso alli se mostra; junto d'elle
A Mayenne hum docel se há erigido,
Que cobre juntamente estas horriveis
Palavras, que se liaõ = Reis, que a terra
Julgais, e cujas maõs facinorosas
Ouzaõ tudo emprehender, perdoar a nada,
A reinar vos ensine Valois morto. =

Jun-

Juntos elles, já fazem os partidos
E as facçoens, com que n'este lugar soem
Suas infernaes vozes; o véo do erro
A todos céga os olhos: hum, que espera
Escravo ambicioso haver de Roma
As mercês, ao Legado se dirige;
Declara diante d'elle, que he já tempo
De que á Thiara os Lyrios se sujeitem;
De que se erga em Pariz (b) o sanguinario
Tribunal, (c) esse horrivel monumento
Do poder Monacal; que há recebido
Hespanha, e que ella mesma hoje detesta,
Que os Altares vindica, e que os deshonra,
Que cercado de chammas, e cuberto
De sangue opprime os homens, e os degola
Com hum ferro sagrado; como se inda
Vivessemos n'aquelles tristes tempos,
Em que a terra adorava os Deozes impios,
Esses, que os mentirosos Sacerdotes,
Mais cheios de crueldade, se gloriavaõ
De aplacar pelo sangue dos humanos.

(b) A Inquisiçaõ, que os Duques de Guiza quizeraõ estabelecer em França.

(c) Todos os homens, que vivem n'hum paiz, onde se permitte a liberdade de consciencia, declamaõ contra a Inquisiçaõ, porque os faz conter na unica, e verdadeira Religiaõ do Christianismo. Veja-se a nota (e) do V. Canto. (*Nota do Editor*).

Pelo oiro Ibéro est'outro corrompido,
Naõ duvida vender a cára Patria
Ao Hespanhol, que mesmo elle aborrece:
Mas hum Partido, em si mais poderoso,
Já no Throno dos Reis; de voz commua,
Collocava a Mayenne; inda faltava
Ao seu vasto poder taõ grande cargo;
Na esperança orgulhosa, a que atrevidos
Sentimentos o levaõ, a arriscada
Honra do grande nome de Rei era
A chamma devorante, que em segredo
O avaro coraçaõ lhe consumia.

De improviso Potier se ergue, e demanda
Ser ouvido; a rigida virtude
Faz a sua eloquencia; n'estes tempos
Infelices, de todo corrompidos
Pelo crime, Potier (*d*) foi sempre justo,
Por tanto respeitado; muitas vezes
Elle se havia visto pela sua
Nobre constancia reprimir a grande
Licença escandalosa dos rebeldes,
E sobre elles a antiga auctoridade

Con-

(*d*) Potier pedio publicamente ao Duque de Mayenne a permissaõ de se retirar para Henrique IV. Eu vos respeitarei toda a minha vida, como meu bemfeitor, lhe disse elle, mas naõ posso reconhecer-vos, como meu *Soberano*.

Conservando, mostrar-lhes com prudencia,
O que era de justiça. Elle levanta
Por fim a voz; agitaõ-se, murmuraõ,
Elles o cercaõ, e ouvem; o tumulto,
E o rumor cessa. Assim como acontece
Em Náo, que os grossos mares agitaraõ,
Onde dos gritos já dos marinheiros
Nem o ár se altera; nem já mais se escuta;
Que da prôa espumante o doce ruido,
Quando com feliz curso vai rompendo
O mar, que lhe he sujeito; tal se via
Potier dictando as suas leis mais justas,
E á sua voz calava-se o congresso.

= Vós destinais Mayenne (lhes diz elle)
Ao supremo lugar; assás comprehendo
Toda a vossa intençaõ, eu vos desculpo:
Mayenne tem virtudes, que naõ podem
Encarecer-se bem; eu o elegera,
Se elegello pudesse; mas nós temes
Nossas leis, e este mesmo Heróe insigne;
Quando o imperio pertende, se accredita
D'elle entaõ menos digno. = Ao dizer isto;
Mayenne de repente vem entrando
Com aquelle apparato, que costuma
Seguir hum Soberano, sem que mude

Potier de aſpecto, quando o reconhece :
= Sim, Principe (proſegue de hum tom cheio
De firmeza,) eu vos amo aſſás, e eſtimo
Para emprehender, que a minha falla agora
Contra vós ſe dirija pela França,
E por nós: o direito ſe pertende
De eleger Rei, em vaõ o pertendemos;
A França tem Bourbons; Deos vos há feito
Naſcer junto ao lugar, e emprego auguſto,
Que occupar elles devem, porque o Throno
Lhes defendeſſes, naõ porque o uſurpaſſes:
Lá do ſeio dos mortos naõ tem Guiza,
Que pertender mais nada; baſtar deve
A' ſua cinza o ſangue Soberano;
Se elle perdeu a vida injuſtamente,
Vingado o tem tambem outra injuſtiça:
E pois o Céo mudou agora o Eſtado,
Mudai-vos vós tambem; de todo acabem
Com Valois juntamente as voſſas iras;
Derramado naõ tem Bourbon o ſangue
De voſſo irmaõ; o Céo, que ſempre juſto
A vós ambos amou, muito virtuoſos
Vos fez para inimigos: mas já ſôa
O publico clamor, oiço o ſuſurro,
E os nomes eſpantoſos de relapſo,
E de herege; de hum falſo zelo eu vejo
Que

Que enfurecidos nossos Sacerdotes,
Com o ferro na maõ ..... ah! desgraçados!
Detende-vos; que lei, que exemplo, ou antes
Que furia sanguinosa roubar póde
Ao ungido do Senhor vossa homenagem?
O filho de S. Luiz feito perjuro
Aos juramentos seus? Elle dos nossos
Altares vem prostrar os fundamentos?
Aos pés d'estes Altares instruir-se
Elle pertende; as leis, das quaes o imperio
Desprezais, elle segue, elle as abraça;
As virtudes honrar de qualquer Seita
Elle sabe; venera o vosso culto,
E ainda o vosso abuso; a Deos sómente
(Que he quem vê o que somos) o cuidado
De condemnar os homens elle entrega.
Como Rei, como Pai a governar-vos
Elle vem; mais Christaõ, do que vós mesmos,
Vem dar-vos o perdaõ; tudo com elle
He livre, e só o naõ póde ser Henrique?
Quem Juizes vos faz, porque direito,
Do vosso Rei? vós sois infieis Pastores,
Indignos Cidadãos. Que mal com esses
Christaõs primeiros tendes similhança,
Que desprezando todos esse Deozes
De gesso, ou de metal, se conduziaõ,

Sem murmurar, debaixo de hum tyranno,
Ou de hum Principe idolatra; espiravaõ
Sem nunca se queixarem; antes cheios
De golpes, sobre infames cadafalsos,
Os Algozes honravaõ: ah! só estes
Eraõ Christaõs, eu outros naõ conheço;
Pelos seus Reis morriaõ, vós os vossos
Assassinais; e Deos, que quereis seja
Implacavel, zeloso, se procura
Vingar-se, he só de vós, barbaros homens. =

A taõ livre discurso naõ ouzava
Outro algum responder, pois pelos toques
Mais poderosos todos se sentiaõ
Cheios de confusaõ; de balde intentaõ
Affugentar de seus coraçoens fortes
O temor, que nos máos causa a verdade;
A raiva, e o medo a hum tempo perturbavaõ
Seus pensamentos, quando de repente
Mil vozes até os ares impellidas
Com hum confuso estrondo a toda a parte
Ressoar fazem = Cidadãos ás armas,
Ou nós somos perdidos = as espêssas
Nuvens, que o pó formava, do Sol claro
No campo toda a luz tornava escura;
Das caixas, e clarins o som horrendo
Era annuncio da perda, que os espera: Taes

Taes das grutas do Norte desatadas
Sobre a terra as furiosas tempestades,
Precedidas dos ventos, e seguidas
Do trovaõ, todo o ár escurecendo
De hum turbilhaõ de pó, que a vista assombra,
Vaõ discorrendo assim pelo Universo.

He o espantoso exercito de Henrique,
Que de tanto repouso já cançado,
E de sangue faminto fórma ao longe
Os formidaveis gritos: elle immenso
Cobre toda a campanha, e a Pariz marcha:
Naõ emprega Bourbon os seus saudaveis
Momentos em render as ordinarias
Honras ao Rei defuncto, em distinguir-lhe
O sepulchro c'os titulos brilhantes,
Que recebem os mortos, quando o orgulho
Dos vivos o protege; naõ opprimem
Suas maõs as ribeiras desoladas
Com o pezo dos Mauzoléos inuteis,
Pelos quaes (a pezar da injuria certa
Dos tempos, e da sorte) quer dos grandes
A vaidade triunfar da iniqua Parca;
Elle a Valois na habitaçaõ escura
Outros feudos pertende envíar mais dignos
Da sua sombra; quer punir valente

Seus assassinos, vencer quer furioso
Seus inimigos, té que feliz torne
Seu Povo, quando o houver já submettido.

Ao improviso estrendo dos assaltos,
Que elle dispõe, separa-se o conselho
Dos Estados, de susto sorprendido;
No mesmo instante ao alto das muralhas
Corre Mayenne; unida a soldadesca
Vóa a seus estendartes; ella insulta,
A desmarcados gritos o Heróe forte,
Que se avança; está prompto para o ataque
Tudo, e tudo tambem para a defeza.

Naõ era tal Pariz lá n'esses tempos
Calamitosos, qual em nossos dias
Ao Francez mais feliz ella se mostra;
Cem fortes, que o furor, e o medo havia
Levantado, seu circulo encerravaõ
Em mais pequeno espaço; seus suburbios,
Que hoje taõ grandes saõ, e magestosos,
E que abertos a maõ da paz tem sempre,
Para a immensa Cidade elles servindo
De soberbas entradas, com Palacios
Magnificos, que até ás nuvens sobem;
Eraõ longas Aldéas, que cingia

Huma muralha em roda, e por hum fosso
Profundo de Pariz se separavaõ:
Da parte do Levante sem demora
Bourbon se avança; e apenas elle chega,
A morte lhe precede; o ferro, e o fogo
De toda a parte vóa, dos friantes,
E do alto das muralhas; em fim estas,
Soberbas até alli com suas torres,
E fortificaçoens, já se desfazem,
Já cedem ás procellas abrazadas
De tiros repetidos; vem-se rotos
Os grandes batalhoens, e destroçados;
Pelo campo dispersos longe d'elles
Seus membros; tudo aonde chega o ferro
Cahe, e a pó se reduz; em fim peleja
Com os raios qualquer dos dois Partidos.

Com menos arte, ao meio dos combates
Se avançavaõ á morte antigamente
Os miseraveis homens; á carnagem,
Naõ com tanto apparato, elles corriaõ;
Nas suas maõs o ferro ás suas iras
Era bastante; mas o industrioso
Esforço dos tyrannos descendentes
Até dos Céos o fogo tem roubado;
Ouviaõ-se zunir as espantosas
Bombas, filhas que saõ abominaveis

Das

Das turbaçoens de Flandes. (*e*) N'estes globos
De bronze, o nitro apenas inflammado,
Vóa com a prizaõ, que o tem recluzo;
Elle a rompe, e entaõ sahe furiosa a morte.

Em profundas cavernas com mais arte,
E mais barbaridade, se há sabido
Encerrar de mil raios subterraneos,
'As chammas a incender-se sempre promptas:
Debaixo de hum caminho muito facil
De enganar, e por onde vêa á morte
O soldado, que em seu valor confia:
De repente os abysmos vem-se abertos,
Do pó sulfureo vaõ negras torrentes
Pelos ares dispersas, por hum novo
Trovaõ, com batalhoens, em hum instante,
Saõ na terra absorbidos, e submersos:
'A taes perigos vai offerecer-se
Bourbon; he por aqui que elle deseja
Ao seu Throno subir: os seus guerreiros
Se expõem tambem com elle ás tempestades;
Tem o Inferno a seus pés, e o raio ardente
Sobre suas cabeças; mas a gloria

An-

(*e*) Nas guerres de Flandes, reinando Filippe II. de Hespanha, he que hum Engenheiro Italiano fez uso das bombas a primeira vez.

Anda ao lado do Rei; elles a observaõ,
E como a attendem só, sem pavor marchaõ.

Mornay, por entre as ondas da torrente
Impetuosa, se avança, com hum passo
Grave sim; porém sempre destemido;
Nem capaz de furor, nem de haver susto;
Ao ruido dos canhoens inalteravel;
No horror maior tranquillo; de hum aspecto
Insensivel, e firme: elle na guerra
Naõ vê mais, que hum castigo dos horriveis
Crimes da terra; em fim Mornay só marcha
(Qual Filosofo) aonde a honra o leva;
Aos combates naõ vai, segue a seu Amo.

Finalmente elles descem ao caminho
Terrivel, que huma altissima explanada,
Tincta de sangue, faz inaccessivel;
He alli que o perigo suas forças
Torna a animar; de mortos, e fachinas
Elles enchem os fossos; sobre montes
De cadaveres marchaõ, e se avançaõ;
Com hum precipitado curso á brexa
Se arremeçaõ; do ferro sanguinoso
Armado Henrique, e do luzente escudo
Cuberto, elle he o primeiro, que na fronte

D'ellas

D'elles se arroja ; sobe , e já arvorado
Nas suas maõs triunfantes de seus Lyrios
Tem as bandeiras : tornaõ-se entaõ cheios
De pavor os da Liga diante d'elle ;
Seu vencedor , e Rei bem pareciaõ
Respeitar. Já cediaõ ; mas Mayenne
Os esforça de novo ; elle lhes mostra
O exemplo ; ao crime torna a convocallos ;
Seus esquadroens cerrados opprimiaõ
Por toda a parte o Rei , de quem as vistas
Naõ se atrevem suster. A cruel Discordia
Com elles sobre os muros se revolve
No sangue , que por ella se derrama.
O soldado a seu gosto combatendo
De mais perto nos muros infelices ,
Leva com isso a morte mais segura.

Já naõ se ouvem da guerra os impios raios ;
Com que as bocas do bronze taõ funestas
O Universo assustaraõ ; hum silencio ,
Que he filho do furor , he que succede
Com mais horror aos écos estrondosos ;
Com braço destemido , em ira accésos
Os olhos , cada qual entaõ procura
O passo abrir por entre os inimigos.
Saõ repellidos ; hum contrario esforço

Faz ;

Faz, com que se restaure a alta muralha
De sangue tincta, theatro que he da morte;
Duvidosa a victoria tem ainda
Nas suas fataes maõs, junto dos Lyrios,
De Lorena o estendarte. Os sitiantes
Sorprendidos, por toda a parte se achaõ
Destroçados; cem vezes victoriosos,
Cem vezes consternados; similhantes
Ao mar, que das tormentas impellido,
De momento em momento innunda as praias;
E ao mesmo tempo d'ellas se retira.

Já mais o Rei, já mais o seu illustre
Rival foraõ taõ grandes, como n'este
Taõ horroroso assalto. Pelo meio
Da carnagem, e do sangue, qualquer d'elles;
Senhor do seu espirito, e naõ menos
Do seu valor, dispõe, manda, executa,
Vè tudo ao mesmo tempo, e de hum só golpe
De vista ordena os fortes movimentos.

A formidavel tropa dos Inglezes;
Pelo valente Essex ao duro assalto
Conduzida, marchava a vez primeira
Debaixo só dos nossos estendartes,
Admirados talvez de que servissem

Aos nossos Reis sujeitos. Elles vinhaõ
A honra sustentar da sua Patria,
Por combater ardiaõ; e orgelhosos
Por dar a vida sobre os mesmos muros;
N'esses mesmos lugares, onde o Sena
Vio reinar seus Avós em outro tempo.
Essex avança á brexa, onde d'Aumale
Combatia; ambos moços, e briosos,
Cheios de igual ardor; quaes lá nos muros
De Troia os Semideoses se pintavaõ.
De tropel seus amigos logo acodem
Ensanguentados todos junto a elles;
Os Francezes, Inglezes, e os Lorenas,
A quem une o furor, assim avançaõ,
Combatem, ferem, morrem todos juntos.

Anjo, que conduzis d'elles a furia,
E o braço, protector d'estes combates,
Anjo exterminador, alma da guerra,
De qual Heróe em fim tomais a causa?
Por quem dos Céos inclina a favoravel
Sempre eterna balança? Muito tempo
Bourbon, Mayenne, Essex, e o seu contrario,
Sitiantes, e sitiados fazem huma
Carnagem igual; em fim, teve aventagem
O Partido mais justo; Bourbon venceo,

El-

Elle aos seus abre o passo; fatigados
Os da Liga mais tempo naõ resistem;
Elles deixaõ os muros, elles ficaõ
Consternados. Assim huma torrente
Do alto dos Pyrineos se vê, que ameaça
As Ninfas pelo valle espavoridas;
Os diques, que se oppoem ás suas ondas
Procellosas, sustentaõ algum tempo
O seu violento choque, porém logo,
Esta barreira fraca destroçada,
Conduz ao longe o estrondo, a morte, o espanto;
Arranca de passagem os mais soberbos
Carvalhos, que os invernos insultavaõ,
E que aos Céos se erguiaõ; ella força
Os rochedos das faldas das montanhas,
E atropella os rebanhos fugitivos,
Que vagaõ pelos campos. Tal desfeia
O destro Henrique, a passos apressados,
Dos fumegantes muros, que ganhara;
Tal de hum terrivel braço elle cahindo
Sobre os rebeldes, vence na carreira
As tropas criminosas. Com espanto
Os Dezeseis confusos já fugiaõ
Ao braço vingador; o medo os deixa
Turbados, e dispersos. Em fim manda
Mayenne abrir as portas, e seguido

Dos seus soldados, elle em Pariz entra:
Os vencedores fortes, e furiosos,
Com os fachos na maõ, sobre os suburbios
Ensanguentados voltaõ de repente.
Da milicia o valor precipitado
Se torna em raiva; tudo entrega ao ferro,
Tudo á chamma, e á pilhagem. Mas Henrique
Nada vê, que o seu vóo se remonta
Em seguir o inimigo, que fugia
A' vista d'elle; seu valor o eleva,
Sua victoria o inflamma; os arrabaldes
Elle deixa, elle só se avança á porta;
= Companheiros sobre estes altos muros
Vinde, subí, trazei o ferro, e o fogo. =

Quando elle isto dizia, lá do centro
De huma nuvem se mostra á sua vista
Hum fantasma brilhante; era seu corpo
Cheio de magestade, os elementos
Dominava, a Bourbon elle descia
Sobre as azas dos ventos; as mais vivas
Luzes da Divindade bem mostravaõ
As immortaes bellezas do seu rosto;
Seus olhos pareciaõ todos cheios
De ternura, e de horror; = Detem-te (grita
Elle entaõ) desgraçado victorioso;

Vas

Vas entregar ás chammas, e á pilhagem
De cem Reis teus Avós a eterna herança?
Roubar o teu paiz, saquear meus Templos,
Destruir teus Thesoiros, teus vassallos
Degolar, e reinar só sobre os mortos?
Detem-te: = A esta voz inda mais forte,
Que o trovaõ, o soldado se horrorisa,
Abraça a terra, e naõ attende ao saque;
Bourbon, cheio do ardor, que inda a peleja
Em seu peito inflammava, igual ao Oceano;
Que murmura, inda quando já se aplaca;
= O' fatal habitante do invisivel
Mundo (diz) que vens tu nesta morada
De horrores annunciar-me? = Elle entaõ ouve
Estas palavras cheias de doçura.
= Eu sou o feliz Rei, a quem respeita
A França, dos Bourbons sou Pai, sou d'elles
Protector; sou Luiz, que em outro tempo,
Como tu, pelejei; de quem tu sempre
A fé em teu coraçaõ hás desprezado;
Luiz que te lastima, que te admira,
E que te ama: algum dia sobre o Throno
Deos te há de conduzir, e tu, meu filho,
Em Pariz vencedor terás entrada
Naõ por preço do teu valor, Henrique,
Mas da tua piedade. He Deos sómente

O que d'isto me instrue, e quem me envia. =

O Heróe, a estas palavras, de seus olhos
Lagrimas de alegria foi vertendo;
A paz se vê de todo haver extincto
A ira em seu coraçaõ; elle prostrado
Clama, suspira, adora; de hum divino
Horror sua alma se acha penetrada;
Tres vezes á sagrada sombra estende
Os braços, e outras tantas se desvia
Seu Pai, de que elle o abraçe: qual ligeira
Nuvem, que se dissipa pelos ventos.

Do mais alto do muro formidavel,
Entre tanto os da Liga, armados todos,
Todo hum Povo sem numero, Estrangeiros,
Francezes, Cidadãos, Chefes, Soldados,
Sobre Bourbon o ferro, e a morte fazem
Chover; brilha do Altissimo a virtude
Sobre sua cabeça; ella he que aparta
A forte tempestade, em que se via,
Dos tiros que lhe lançaõ; elle observa;
Elle entaõ vê, de que perigo horrivel
Chega o Pai dos Bourbons a libertallo:
Voltando-se a Pariz com huma vista
Triste, e tranquilla, diz = Crueis Francezes,
E tu, fatal Cidade, desgraçados Ci-

Cidadãos, Povo infiel, gente cobarde;
Até quando quereis fazer a guerra
Ao vosso Rei? = Entaõ do mesmo modo;
Que o astro, auctor da luz, havendo dado
Fim á ardente carreira, resplandece
Nas margens do Horisonte com hum fogo
Mais brando, e parecendo á nossa vista
Maior, tambem parece que se auzenta
Longe de nós; assim longe dos muros
De Pariz se retira o bravo Henrique,
Cheio seu coraçaõ do seu Rei sancto,
Cheio de Deos, que o illustra. Elle a Vincennes
Marcha, aonde Luiz em outro tempo,
Ao pé de huma azinheira entaõ sentado,
Dictou suas leis justas. Que mudança,
Morada antigamente deliciosa,
He esta, em que te vejo! Tu, Vincennes;
Naõ és mais, que huma torre abominavel,
Huma prizaõ de Estado, hum lugar forte
De desesperaçaõ, em que he frequente
O cahirem do seu poder mais alto
Os Ministros, e os Grandes, que trovejaõ
Sobre nossas cabeças; que na Corte
Superiores saõ sempre ás tempestades;
Que vivem de opprimir, e ao mesmo tempo
Saõ opprimidos; férozes, e submissos

Juntamente ; humas vezes saõ do Povo
O odio , e outras o amor. Já do Occidente ;
Em que as sombras se formaõ , vem a noite
Trazer sobre Pariz seu manto escuro ,
E esconder aos mortaes n'esta morada ,
Toda de sangue , os mortos , e os combates
Funestos , que há mostrado a luz do dia.

CAN-



CANTO VII.

ARGUMENTO.

S. Luiz transporta a Henrique IV. em espirito ao Céo, e aos Infernos, e lhe faz ver no Palacio dos Destinos a sua posteridade, e os grandes homens, que a França deve produzir.

A Clemencia infinita do Deos vivo,
Que nos creou, por adoçar os males
D'esta vida taõ curta, em nós há posto
Duas coisas bem uteis, que saõ ambas,
Amaveis habitantes para sempre
Da terra, saõ arrimo nos trabalhos,
Na indigencia thesoiros: Huma he o somno;
Outra a esperança; quando de opprimido
Em languores seu corpo sente o homem,
Os orgaõs sem vigor, sem resistencia,
O primeiro, por huma doce calma,
Vem soccorrer a afflicta natureza,
E trazer-lhe hum total esquecimento
Das penas, que supporta: a outra anima
Os nossos coraçoens; nossos desejos
Ella accende; e inda quando nos engana,

Pra-

Prazeres verdadeiros nos dá sempre ;
Mas aos cáros mortaes , aos seus amados ;
A quem o Céo a envía , fabuloso
Naõ he o contentamento , que ella inspira ;
De Deos he que ella traz tanto a promessa ,
Como o conforto ; em fim , ella he constante ,
Perfeita , pura , tal qual elle mesmo.

Luiz , junto a Bourbon , chama por ambas ,
= Chegai-vos a meu filho (lhes diz elle)
Vinde fiel parelha = Ouvio-o o somno ;
Desde o retiro lá das suas grutas ,
Para estas sombras frescas brandamente
Vem marchando ; demoraõ-se em silencio
A' sua vista os ventos ; eis os sonhos
Affortunados , filhos da esperança ,
Para o Principe voltaõ , e sobre elle
Vaõ espalhando os Loiros , e as Olivas .
Juntamente co' as suas dormideiras.

Luiz , n'este momento , a maõ lançando
Do seu diadema , o poem sobre a cabeça
Do Vencedor , e diz-lhe = Reina , e triunfa ;
E em tudo sê meu filho ; em ti sómente
Se restaura da minha descendencia
Toda a esperança ; sim ; porém o Throno

Naõ

Naõ te basta, Bourbon; dos dons sublimes
De Luiz, o menor he o seu Imperio;
Heróe, Conquistador, e Rei, que importa
Que tu sejas? Se o Céo te naõ illustra,
Entaõ nada te há feito; essas mundanas
Honras nada mais saõ, que hum bem esteril;
Saõ da virtude fragil recompensa,
Perigoso relampago, que passa,
Hum bem de turbaçoens sempre affligido,
Que a morte em fim destróe; eu quero agora
Descubrir-te hum Imperio mais duravel,
Por te recompensar naõ tanto, como
Por te instruir: vem, segue-me, pois deves
Ir por novos caminhos; vóa ao seio
De Deos mesmo, e completa os teus destinos.

Isto dizendo, eis que ambos, em hum carro
De luzes, atravessaõ a carreira
Dos Céos em hum momento: taes na noite
Os raios, e os relampagos se observaõ
Correr de hum pólo a outro, dividindo
Os densos ares; tal aquella nuvem
Abrazada se eleva, que roubando
Aos olhos de Elizeo seu grande Mestre,
Em hum carro de fogo o arrebata
Longe das margens d'este nosso globo.

No

No centro refulgente d'esses orbes
Immensos, que esconder-nos naõ puderaõ
Sua marcha, e distancias, resplandece
O astro do dia accezo por Deos mesmo,
O qual, sobre seu eixo luminoso,
Gira aó redor de si; d'elle procedem
As torrentes de luz interminaveis;
Logo que elle se mostra, he o que dá vida
A' materia; elle os dias distribue,
As estaçoens, e os annos aos diversos
Mundos ao redor d'elle fluctuantes;
Obedecendo á Lei Divina imposta,
Os mais astros se attrahem (*a*) no seu curso;
E sem interrupçaõ elles se alongaõ;
E servindo hum ao outro já de regra,
Já de apoio, se emprestaõ essas mesmas
Luzes brilhantes, que recebem d'elle.
Da outra parte do giro, que elles fazem,
E longe, n'esse espaço, em que he nadante
A materia, e que Des sómente abraça,
Estaõ os Sóes sem numero, estaõ Mundos
Infinitos; he n'este abysmo immenso,

Que

(*a*) Ou se admitta, ou naõ a attracçaõ de Monsieur Newton, sempre he certo, que os globos celestes se approximaõ, e se desviaõ successivamente, parecendo, que se attrahem, e se separaõ.

Que lhe abre hum caminho. Da outra parte
Dos Céos todos, o Deos dos Céos reside.

He ahi, que seguio o Heróe famoso
O conductor celeste, ahi se ordenaõ
Todos esses espiritos diversos,
Que povoaõ o mundo, e os corpos enchem;
Ahi depois da morte se profundaõ
Livres já para sempre nossas almas
Da grosseira prizaõ, em que habitavaõ;
Ahi junta hum Juiz incorruptivel
A seus pés os espiritos eternos,
Que o seu sopro há creado. Este infinito
Ente, he a quem se obedece, e que se ignora;
Com differentes nomes respeitado
Se vê do mundo inteiro; do alto Empyreo
Nossos clamores ouve, e se lastima
Da grande multidaõ de nossos erros,
Da ignorancia dos homens, que assim formaõ
Com piedade figuras insensatas
Do seu saber immenso, e inaccessivel.

Junto a elle conduz a horrivel morte,
Filha do tempo, os habitantes todos
D'este triste Universo; ora os Bracmanes,
Ora os Bonzos, discípulos profanos

Do seu grande Confucio; ella alli leva;
Os que aos Persas antigos succederaõ,
Inda cégos sectarios, (*b*) bem que occultos,
De Zoroastre; os moradores fracos
D'essas frias regioens, a quem de gello
Cercaõ, e inundaõ mares dilatados;
Aquelles, que da America povoaõ
Os densos bosques, do invencivel erro
Innumeraveis subditos; o Turco
Admirado, e com huma vista anciosa,
A' direita de Deos em vaõ procura
O seu Profeta; o Bonzo com os olhos
Penitentes, sombrios, em vaõ chega
A exaggerar seus votos, e tormentos.

N'hum instante illustrados esses mortos,
Tremendo esperaõ todos em silencio
Huma eterna sentença; Deos, que tudo
Em hum momento vê, ouve, e conhece,
De hum golpe de olho os pune, e tambem d'outro
Os absolve: Bourbon para o invizivel
Throno senaõ chegou, de donde mana
A cada instante o Juizo de horror cheio,
Em que Deos pronuncia aos homens todos

Seus

(*b*) Na Persia os Guebres tem Religiaõ á parte, e pertendem, que esta seja, a que fundou Zoroastre.

Seus eternos destinos, que em vaõ muitos
Orgulhosos, a prevenir se atrevem:
= Qual he (dizia Henrique, perguntando
A si mesmo) Qual he de Deos (c) sobre estes
A justiça suprema? Deos castiga
Os homens por cerrarem tanto os olhos
A's luzes, que elle mesmo apartou d'elles?
Como injusto senhor póde julgallos
Sobre a lei dos Christaõs, lei, que elles mesmos
Conhecer naõ puderaõ? Naõ he crivel,
Naõ, Deos nos há creado, Deos a todos
Quer salvar, nos instrue em toda a parte:
Sim, e em todo o lugar elle nos falla;
No coraçaõ de todos há gravado
A lei da natureza, essa, que he sempre
A mesma, e sempre pura; he pois por ella
Que Deos julga os Gentios certamente,
E se o coraçaõ d'estes justo há sido, (d)
Naõ se póde negar, que Christaõs foraõ.

Em

(c) O argumento, que aqui faz o A. na pessoa de Henrique IV. he bem futil. Deos naõ nos castiga, nem nos julga se, naõ conforme as luzes, que d'elle temos recebido. Aquelles, que gozaraõ do beneficio da revelaçaõ, devem ser julgados pela lei positiva: os que porém d'ella naõ tiveraõ conhecimento, e invencivelmente a ignoraraõ (se isto póde acontecer) por aquella da natureza. (*Nota do Editor*)

(*d*) He isto huma hypothesi nunca praticavel: porque a natureza corrupta pelo peccado original naõ tem forças para a observancia da lei, sem o adjutorio da graça. (*Nota do Editor*.)

Em tanto que do Heróe a perturbada
Razaõ lançava sobre hum tal mysterio
Huma vista indiscreta, aos pés do Throno
Eis que sôa huma voz; o Céo se abala,
Treme todo o Universo; seus accentos
Eraõ quaes do trovaõ, aquelles, quando
Deos do Monte Sinay fallava á terra:
Dos immortaes o côro por ouvilla
Se calou, e cada astro no seu curso
Foi repetilla = *A' tua razaõ fraca*
Naõ te queiras render, Deos te há creado
Para o amar, naõ para o comprehenderes;
Inda quando invizivel a teus olhos
Reine em teu coraçaõ; elle confunde
A injustiça, elle o erro sim perdoa,
Naõ o que he voluntario; os olhos abre,
O' mortal, quando a sua luz te illustre. =
N'este momento Henrique eis já se sente
De hum apressado vóo arrebatar-se,
E por hum turbilhaõ ser n'esse espaço
Transportado para huma informe, horrenda,
Feroz habitaçaõ, do antigo Cáos
Imagem horrorosa, impenetravel
Aos raios dos seus Sóes resplandecentes,
Chefes de obra das maõs do Deos Supremo;
E como elle beneficos: sobre esta

Ter-

Terra horrivel, aos Anjos sempre odiosa;
Naõ lançou Deos a prodiga semente
Da vida; a morte, sim, a horrivel morte;
E a confusaõ parece, que assentaraõ
Seus dominios alli: Oh que clamores!
Que gritos espantosos! que torrentes
De fumo, e fogo! = N'estes climas (grita
Bourbon) que monstros voaõ! que voragens
De chammas a meus pés se vaõ abrindo! =
Saõ, filho, essas que vês do abysmo as portas;
Que a justiça fundou, e que habitado
Pelo crime se vê; segue-me, Henrique,
Que abertos estaõ sempre seus caminhos:
A's portas dos Infernos (*e*) marchaõ logo.

A escura Inveja alli se manifesta,
No olhar timida, e vesga; sobre os loiros
Sua boca se vê lançar venenos,
A luz fere seus olhos, que scintillaõ
Nas sombras; triste amante ella dos mortos;
Os vivos aborrece; percebendo
A Henrique, se desvia, e entaõ suspira.
Logo se vê o Orgulho, que se queixa,

E

(*e*) Os Theologos naõ tem decidido, como artigo de fé, que o Inferno fosse no centro da terra, alguns o tem posto no Sol; aqui se poem em hum globo destinado unicamente a este uso.

E se admira. Com pallido semblante
A Fraqueza, e os olhos abatidos,
Tyranno, que se molda com os crimes;
E as virtudes destróe. A sanguinosa
Ambiçaõ perturbada, e sem socego,
Cercada está de thronos, de sepulchros,
E de escravos. A terna Hypocrisia,
Os olhos brandos, cheios de doçura,
Tem no semblante o Céo, mas tem o Inferno
Dentro em seu coraçaõ. O Zelo falso
Suas barbaras maximas expondo;
E por fim o Interesse entaõ se mostra,
Pai de todos os crimes, Pai infame.

Dos corruptos mortaes estes Tyrannos
Impetuosos, ao verem longe a Henrique,
Consternados se mostraõ; já mais elles
O haviaõ visto, nem taõ impia tropa
Se avisinhou já mais a taõ bella alma,
Nutrida da virtude. Quem he este
Mortal (diziaõ elles) conduzido
Por este Justo, e Sancto, que aqui mesmo
Nos vem perseguir n'esta noite eterna?

Por entre estes espiritos immundos
O Heróe se adiantava a passos lentos

De-

Debaixo das abobadas extensas;
He Luiz, quem o guia: = Céos, que vejo!
De Valois o assassino! A mim presente
Este monstro! Meu Pai, elle tem inda
O ferro parricida, que o conselho
Dos Dezeseis lhe poz na maõ infame;
Em tanto que em Pariz (*f*) os Sacerdotes
Impios ousaõ manchar c'o seu retrato
Os sagrados Altares, e que a Liga
O invoca, Roma o exalta, aqui o Inferno,
Pelos tormentos, vejo que o reprova. =

Filho (tornou Luiz) com mais severas
Leis castigados saõ n'estes lugares
Os Principes, e os Reis; vede esses impios,
E inhumanos, que foraõ adorados
Em quanto vivos: sim, quanto elles eraõ
Mais poderosos, hoje mais se humilhaõ;
N'elles castiga Deos naõ só os delictos,
Que por suas maõs impias cometteraõ,
Mas aquelles tambem, que naõ vingaraõ,
E outros, que permittiraõ. Foi a morte,
Quem lhes roubou das maõs essas grandezas

Trans-

(*f*) O Parricida Jacques Clemente foi louvado em Roma, na Cadêira, em que se devera pronunciar a Oraçaõ funebre de Henrique III. Em Pariz se poz a sua imagem nos Altares junto com a Eucharistia.

Transitorias, o fausto, os vaõs prazeres,
Esses aduladores mercenarios,
Cuja mais que industriosa complacencia
A vista lhes turbava, porque occulta
A verdade lhes fosse; hoje a verdade
Mais terriveis lhes faz os seus supplicios;
A seus olhos presente ella lhes mostra
Todos os crimes; vêde como tremem
A' sua voz huns taes Conquistadores
Havidos por Heróes, mas que nos olhos
De Deos só saõ Tyrannos, pois flagellos
Foraõ do mundo inteiro, que abrazado
Se vio dos seus furores; esse mesmo
Raio, que elles vibraraõ, já se volta
Contra elles, e os destróe; alli prostrados
Junto d'elles estaõ os negligentes,
Que o Throno envileceraõ, e que foraõ
Fantasmas froxos. Junto aos Reis Henrique
Os seus impios Ministros já divisa,
Sobre tudo os injustos Conselheiros,
Que avaros corruptores dos costumes,
E das leis, tem vendido sempre as honras
De Themis, e de Marte, e que primeiros
Puzeraõ sem pudôr a indignos lanços
O preço inestimavel das virtudes
De nossos Pais: Tambem n'estes lugares

Estaes vós coraçoens fracos, e tenros,
Que entregues ás delicias, recostados
Sobre flores, sem fel, e sem orgulho,
Sempre em ocio passastes vossos dias
Inuteis, e nutridos na moleza!
E sereis vós aos réprobos unidos,
Vós, mortaes bemfeitores, vós, amantes
Da virtude, que só por hum momento
De duvida, ou fraqueza, haveis murchado
Os fructos de trinta annos de prudencia!
O generoso Henrique entaõ naõ póde
As lagrimas conter. Ah! (g) Se he verdade

(g) Os argumentos, com que Henrique IV. ataca n'este lugar a Eternidade das penas infernaes, pelos prazeres momentaneos da fraqueza, saõ desfeitos pela reposta de S. Luiz nos seguintes versos . . . . nos quais quer dizer, que se esses prazeres saõ culpas leves, se castigaõ no Purgatorio, como adverte a nota seguinte. (h) Para justificar a conducta do Eterno a respeito dos réprobos, basta lembrarmo-nos do peccado original, pelo qual nós nascemos filhos da ira por natureza, e destinados ao fogo eterno, assim como por qualquer peccado grave, que em qualquer momento se póde commetter. Deos naõ castiga delictos leves com penas graves; como he justo, elle sabe proporcionar os castigos ás culpas. Mas se o homem devia abusar da liberdade, porque lhe foi esta concedida? Deos dando ao homem a liberdade (e que seria o homem sem ella?) Constituio-o hum ente perfeito, em cujo poder estava, ou merecer pelo seu bom uso, ou sujeitar-se a infinitas desgraças pelo abuso, que d'ella fizesse na infracçaõ dos seus preceitos; e eis-aqui o principio da sua infelicidade. Com tudo elle julgou melhor (diz S. Agostinho) tirar dos males algum bem, do que naõ permittir mal algum no Universo. = *melius judicavit de malis bona facere, quam mala nulla esse permittere.* = E que bem naõ foi para o Universo a Encarnaçaõ do Verbo? (*Nota do Editor*)

(Diz elle entaõ) que a raça dos humanos
Se há de em chusma absorver n'esta profunda
Habitaçaõ de horrores. Ah ! Se os dias
De huma taõ triste vida , e transitoria ,
De hum eterno tormento sem remedio
Saõ seguidos , melhor naõ lhes seria
Naõ ver já mais a luz ? Oh ! Que ditosos ,
Se nos ventres das Máis logo espirassem ,
Ou se este Deos ao menos taõ severo ,
O grande Deos ao homem muito livre
Se dignasse roubar o desgraçado
Poder de assim lhe ser desobediente !

Naõ tenhaes para vós (Luiz lhe torna)
Que estas victimas tristes se castiguem
Com excesso aos seus crimes , nem que o Justo
Deos , Creador dos humanos , se glorie
De anniquilar das suas maõs a obra ;
Naõ , filho , elle he infinito , e o he naõ menos
Nas suas recompensas ; as vinganças
Prodigo dos seus dons elle limita :
Embora sobre a terra elle se pinte
Exemplo de Tyrannos ; Pai amavel
He , quando os filhos pune ; elle adoçando
Sempre os raios está da vingadora
Maõ sua ; elle naõ sabe da fraqueza

Cas-

Castigar os momentos, nem os leves
Passageiros prazeres, associados
De desgosto, e de enfado, com tormentos (*b*)
Como elle eternos, para sempre horriveis.

Disse, e logo ambos elles n'hum instante
Se passaõ aos lugares venturosos,
Em que habita a innocencia. Dos Infernos
A escuridaõ terrivel já naõ viaõ,
Mas sim a luz mais pura, a claridade
Immortal: logo pois, que Henrique attende
A' bella habitaçaõ, eis de improviso
Sente, ao vêlla, espalhar-se na sua alma
Huma estranha alegria; alli os cuidados,
As paixoens, naõ se vê que turbar possaõ
Os coraçoens; alli tranquillo o gosto
As doçuras derrama. N'estes climas
Sentem todos, Amor, o teu imperio;
Naõ porém esse amor, que infausto inspira
A moleza, mas sim Divina chamma,
Fogo sancto, e sagrado, casto filho
Dos Céos, que sobre a terra inda se ignora;
D'elle só para sempre se enchem todos
Os coraçoens, que sem cessar desejaõ,

(*b*) He facil, e se deve entender por este lugar, as culpas Veniaes, e o Purgatorio.

E gozaõ ſem ceſſar, e que poſſuem
Sem pezares o goſto, ſem languores
O repouſo: alli vivem, alli reinaõ
Os bons Reis, que as idades produziraõ;
Os perfeitos Heróes, os verdadeiros
Sabios; alli ſe vê n'hum Throno de oiro
Carlos Magno, e Clovis, velando ſempre
Sobre o Imperio dos Lyrios; os maiores
Inimigos, os fortes adverſarios
Reunidos todos como irmaõs ſe portaõ:
O ſabio Luiz doze (*i*) entre os Monarchas
Como cedro ſe eleva, e as leis diſpende:
Quando a noſſos Avós o Céo propicio
Eſte Rei concedeu, fez que a Juſtiça
Sobre o Throno com elle ſe ſentaſſe;
Muitas vezes perdoou, dominou ſempre
Os coraçoens; dos olhos do ſeu Povo
Elle o pranto enxugou. D'Amboiſe (*l*) he aquelle,
Que a ſeus pés ſe diviſa, fiel Miniſtro,
Quem ſó amou a França, e quem ſó d'ella
Foi ſummamente amado; amigo terno
Do ſeu Rei, e que na alta dignidade
Suas maõs naõ manchara com rapinas,

Nem

(*i*) Luiz XII, he o unico Rei, que ſe appellidou Pai do Povo.
(*l*) Jorge d'Amboiſe foi juſtamente eſtimado da *França*, e do Rei; porque igualmente os amava a ambos.

Nem com sangue. Que bellos dias esses!
Que costumes! Que tempo perduravel
Para a memoria! O Povo era ditoso,
Cheio de gloria o Rei, os doces fructos
De suas sabias leis gostavaõ todos;
Reinando outro Luiz, tornai ó tempos!

Mais distantes estaõ esses guerreiros,
Que a vida desprezaraõ inflammados
Do seu dever, e naõ da sua furia;
Clisson, (m) Montmorenci, (n) de Foix, (o)
(Trimouille, (p))
Guesclin (q) o destruidor, e ao mesmo tempo
O vingador dos Reis, Bayard (r) virtuoso,
E vós brava Amazona, (ſ) dos Inglezes

(m) Clisson (o Condestavel) no reinado de Carlos VI.

(n) (Montmorenci) Saõ infinitos os serviços, que esta casa tem feito ao Estado.

(o) De Foix (Gastaõ) Duque de Nemours, sobrinho de Luiz XII. foi morto na celebre batalha de Ravenna, que elle tinha ganhado.

(p) Gui de la Trimouille appellidado o valente he, quem aqui se teve em vista.

(q) O Condestavel du Guesclin, salvou a França no reinado de Carlos V., conquistou Hespanha, e collocou Henrique de Transtamara sobre o Throno de Pedro cruel, razaõ porque foi ao mesmo tempo Condestavel de Castella.

(r) Bayard (Pedro du Terrail) chamado o Cavalleiro sem medo, e sem nota. Elle armou Francisco I. Cavalleiro na batalha de Marignan, e foi morto em 1523. na retirada de Rebec em Italia.

(ſ) Joanna do Arco conhecida pelo nome de Donzella d'Orleans.

A vergonha, do throno o apoio firme.

Os Herões (diz Luiz) que aqui estás vendo
Nos Céos, tem, como tu, da terra os olhos
Apartados; amavel lhes foi sempre,
Como a ti, a virtude; mas da Igreja
Elles bons filhos sua Mãi prezaraõ;
D'elles o coraçaõ simples, e docil,
Estimava a verdade, em fim seu Culto
Era o meu, que tu sem razaõ deixaste.

Dizendo enternecido estas palavras,
Se apresenta o Palacio dos Destinos
Diante d'elle; elle faz marchar Henrique
A estes muros sagrados, e cem portas
De bronze ás suas vistas entaõ se abrem.

Com hum vôo insensivel diligente
O tempo sem cessar já se retira,
Já volta a este Palacio portentoso,
E dahi sobre a terra elle ás maõs cheias
Lança os bens, lança os males, que aos humanos
Se destinaõ; sobre hum Altar de ferro
Hum livro mysterioso do futuro
Toda a historia contém irrevogavel:
A maõ do Eterno nelle há signalado

Nest

Nossos desejos, nossas sempre tristes
Afflicçoens, nossos fracos, vaõs prazeres;
A liberdade alli se vê captiva
Por invizivejs laços prisioneira;
Debaixo de hum desconhecido jugo,
Que ninguem quebrar póde, sujeitalla
Sabe o Supremo, sem que a tyrannize;
A's Leis Divinas tanto mais ligada,
Quanto a sua cadeia he para sempre
A seus olhos occulta; submettida,
He por sua eleiçaõ inda assim mesmo
Quanto ella faz, e muitas vezes pensa
Dar as leis, e preceitos aos destinos.

Cáro filho, he d'alli (Luiz lhe adverte)
Que a graça faz sentir aos homens todos
Seu favor efficaz; d'estes lugares
Sagrados algum dia partir deve
O raio vencedor; esse, que abraze
Teu forte coraçaõ; mas tu naõ podes
Differir, apressar; nem menos, filho,
Conhecer os momentos estimaveis,
De que he Deos só Senhor. Mas quanto longe
Inda os tempos estaõ! Esses ditosos
Tempos, em que serás tu numerado
Entre os filhos de Deos! O' quantas deves

Pas-

Passar inda fraquezas vergonhosas!
Quanto tens de andar inda nos caminhos
Do engano! Eterno Deos, os dias d'este
Grande Rei diminue, pois saõ dias,
Quando de ti o apartaõ, desgraçados.

Mas que turba se apressa n'estas vastas
Estancias? sem cessar a todo o instante
Ella entra, e sahe. Vós vedes (Luiz responde)
Meu filho, n'esta habitaçaõ sagrada
Os retractos dos homens, que algum dia
Devem nascer. Dos seculos futuros
Estas vivas imagens representaõ
Os lugares unidos, as idades
Adiantadas; dos homens certamente
Os dias todos, inda que contados
Antes dos tempos, saõ (ó filho) aos olhos
De Deos sempre presentes. O destino
Aqui signala o instante, em que elles devem
Nascer no mundo; de huns o abatimento,
A grandeza dos outros, as diversas
Mudanças á fortuna vinculadas,
Seus vicios, ou virtudes, suas mortes.

Chegue-mo-nos; o Céo te há permittido
O conhecer os Reis, e Heróes, que hum dia
De

De ti haõ de naſcer : eſſe primeiro
Que apparece, he teu filho auguſto, aquelle;
Que há de bem ſuſtentar por muito tempo
Toda a gloria dos Lyrios; ſim, do Belga,
E do Ibéro o verá triunfante o mundo,
Mas nunca igual ao Pai, nem a ſeu filho.

Deſcobre Henrique entaõ por entre as flores
De Lys dois homens cheios de arrogancia
Junto ao Throno ſentados; tem debaixo
De ſeus pés todo hum Povo atado, e prezo;
Da Purpura Romana reveſtidos
Saõ ambos; elles guardas, e ſoldados
Tem á roda de ſi. Henrique attende-os
Como a Reis. Naõ te enganas (Luiz proſegue)
Elles o ſaõ ſem terem já mais d'iſſo
O titulo. Do Principe, e do Eſtado
Ambos arbitros ſaõ, Richelieu eſſe,
Eſt'outro Mazarin, Miniſtros ambos
Immortaes, até o Throno conduzidos
Da ſombra dos Altares; da fortuna
Filhos, e da politica; ſaõ elles,
Os que ao poder diſpotico marchando
Iraõ a grandes paſſos; ſerá grande
Richelieu, e ſublime, ao meſmo tempo
Inimigo implacavel: recto, e brando

Ma-

Mazarin, mas amigo perigoso;
Hum com arte fugindo, (t) cede ao forte
Da tormenta; outro, ás ondas irritadas
Oppoem todas as forças; inimigos
Declarados dos Principes famosos
Do meu sangue, do Povo aborrecidos;
E admirados; em fim, pela violencia,
E pela industria aos Reis seus Amos uteis,
Quando á Patria crueis. ¡O' tu, que és menos
Poderoso do que elles, menos vasto
Nos teus designios; tu, que no segundo
Lugar és o primeiro entre os humanos;
Colbert, (u) sobre teus passos a ditosa
Abundancia, dos teus trabalhos filha,
Toda a França enriquece; tu, de hum Povo
Ardente em te ultrajar, bemfeitor sempre,
Com fazello feliz he que te vingas;
Similhante ao Heróe, ao confidente
De Deos, o qual a preço das blasfemias,
Nutrio sempre os Hebreos, inda que ingratos.

Que

(t) O Cardeal Mazarin foi obrigado a sahir do Reino em 1651. contra a vontade da Rainha Regente, a quem elle governava: mas o Cardeal Rechelieu se conservou sempre, a pezar dos seus inimigos, e do mesmo Rei, que estava d'elle desgostoso.

(u) O Povo, esse monstro feroz, e cégo, detestava o grande Colbert até o ponto de querer desenterrar o seu corpo; porém a voz das gentes cordatas, que prevê ao longe, tem feito a sua memoria para sempre amavel, e cheia de respeito.

Que pomposo montaõ de escravos vejo
De joelhos aos pés de hum Rei, (x) que a todos
Faz tremer! Que respeitos! Que honras! Nunca
Rei algum costumou já mais na França
A taõ grande obediencia os seus vassallos:
Eu o vejo animado pela gloria,
Como vós, e melhor obedecido,
Mais temido, e talvez menos amado:
Eu o vejo provando mui diversas
Fortunas, nas emprezas sempre forte;
Constante nas desgraças, desprezando
Tanto esforço violento, com que o investem
Vinte Povos ligados; admiravel
Na sua vida, mas maior na morte:
Seculo de Luiz afortunado!
Seculo, que promette a natureza
Encher dos dons melhores sem medida;
Es tu, que as boas artes pela França
Vás levar: tudo vai daqui em diante
Sobre ti dirigir as suas vistas;
As Musas para sempre o seu imperio
Alli firmaõ; entaõ se anima a teia,
E o marmore respira. Oh quantos sabios
Eu vejo, que alli juntos (y) nos excelsos

Lu-

(x) Luiz XIV.
(y) A Academia das Sciencias, cujas memorias saõ estimadas de toda a Europa.

Lugares o Universo estaõ medindo,
E lendo pelos Céos! Na escura noite
Levaõ a luz, e entaõ da natureza
Penetraõ todo o fundo; á vista d'elles
O erro presumido se desterra,
A duvida os conduz para a verdade:
E tu, filha do Céo, tu, poderosa
Harmonia, das artes a admiravel,
Que a Grecia, e Italia illustras, teu estylo
Encantador eu oiço em toda a parte,
E os teus sons soberanos, que dominaõ
O coraçaõ, e ouvido. Vós Francezes,
Quando venceis, cantaes vossas conquistas;
Já mais haveraõ loiros, que naõ cubraõ
Vossas cabeças; sim, eu n'estes climas
Vejo hum Povo de Heróes, que vai nascendo;
Eu vejo os Bourbons todos, que se apressaõ
Aos combates; por entre horrendos fogos
Vejo vir a Condé, (z) Condé valente
Já o terror, já o apoio de seu Amo.
Turenna de Condé rival augusto,

Me-

(z) Luiz de Bourbon, chamado commummente o grande Condé, e Henrique Visconde de Turenna, saõ respeitados como os maiores Capitaens do seu tempo. Ambos ganharaõ grandes victorias, e adquiriraõ gloria ainda mesmo nas suas derrotas. O genio do Principe de Condé parecia, segundo se tem dicto, mais proprio para hum dia de batalha, e o de Monsieur de Turenna para toda huma campanha.

Menos brilhante sim, porém mais sabio;
E ao menos seu igual. Por huma rara
Uniaõ Catinat (*aa*) junta os talentos
De guerreiro ás virtudes de prudente.
Este que assim sustenta os nossos muros
Com seu braço he Vauban; (*bb*) he das virtudes
E das artes o amigo. Esse invencivel
Na guerra, se na Corte desgraçado,
He Luxembourg, (*cc*) que faz tremer o Imperio;
E a Inglaterra dá susto. Em Denain vede
O attrevido Villars, (*dd*) que assim ás Aguias
Dos Cezares disputa o trovaõ forte,

Ar-

(*aa*) O Marechal de Catinat ganhou as batalhas de Stafard, e de Marsaille, e obedeceu depois como subalterno ao Marechal de Villeroi, que lhe enviava as ordens sem o consultar. Deixou voluntariamente o commando, naõ se queixou nunca de ninguem, nem pedio nada ao Rei, morrendo como Philosofo em huma pequena casa de campo.

(*bb*) O Marechal de Vauban foi o maior Engenheiro, que tem havido; fortificou, segundo o seu methodo, 300 Praças antigas; edificou 33 de novo; conduzio 53 sitios; e achou-se em 140 acçoens. Era socio da Academia das Sciencias, e a honrou mais, que nenhum outro, fazendo servir as Mathematicas em a vantagem da sua Patria.

(*cc*) Francisco Henrique de Montmorenci, que tomou o nome de Luxembourg, Marechal de França, Duque, e Par; ganhou a batalha de Cassel debaixo das ordens de Monsieur irmaõ de Luiz XIV., e alcançou como Chefe as famosas victorias de Mons, de Fleurus, de Steinkerke, e de Nerwinde. Conquistou Provincias ao Rei, e sendo prezo na Bástilha, recebeu mil desgostos dos Ministros.

(*dd*) O Marechal Duque de Villars ganhou a batalha de Fredlingue, e a do primeiro Hoctehs, depois deu a famosa de Malplaquet, na qual morreraõ vinte mil inimigos, e só se perdeu depois do Marechal ser ferido. Em 1712 derrotou em Denain ao Principe Eugenio.

Arbitro em fim da paz, que segue logo
A' victoria, do Rei digna columna,
Digno rival de Eugenio. Que mancebo (ee)
Principe he este, em quem a Magestade
Sobre seu rosto amavel resplandece
Sem fereza? De hum olho de indifferença
Elle respeita o Throno. O' Céos! Que noite
Repentina a meus olhos pois o cerca!
A morte em torno d'elle sem demora
Vóa, e corre; elle cahe aos pés do Throno
Já proximo a occupallo. Vós, meu filho,
Estaes vendo o mais justo dos Francezes,
Que os Céos do vosso sangue magestoso
Formaraõ. Grande Deos, vós aos humanos
Só daes a ver a flor taõ passageira,
Obra das vossas maõs! Que naõ emprehende
Ah! esta alma virtuosa? A França toda
O' quanto feliz he em seu reinado!
Elle entretem a paz, nutre a abundancia;
Seus dias conta pelos beneficios,
Ama o seu Povo em fim. O' dias cheios
De susto, e de temor! Que triste pranto
Os Francezes inunda, quando admiraõ,
Debaixo de huma mesma campa juntos,
O consorte, e a mulher, a Mái, e o filho!

Hum

(ee) O Duque de Borgonha falecido.

Hum fraco ramo (*ff*) fahe d'entre as ruinas
D'esta arvore fecunda dissipada
Pelas suas raizes ; ao sepulchro
Os filhos de Luiz descidos deixaõ
A' França hum só Monarcha inda no berço ;
Fragil , doce esperança de hum Estado
Vacilante. Mas tu , Fleury prudente ,
Vigiarás a sua tenra infancia ,
Serve de guia aos seus primeiros passos ;
Cultiva á tua vista do mais puro
Do meu sangue o deposito precioso :
Soberano que elle he , a conhecer-se
Tu lhe ensina ; que saiba como he homem
Em se vendo que he Rei , que sendo amado
De seus subditos , seja aos olhos d'elles
Taõ bem caro ; que aprenda , que he nascido ;
E que he Rei só para elles ; torna , ó França ;
Torna á tua primeira Magestade
Com hum tal Rei ; destróe a triste noite ,
Que a tua luz cubria ; as artes promptas
A fugirem te vem coroar de novo
Com suas uteis maõs ; já se pergunta
Nas profundas cavernas o Oceano ,
Que he dos teus pavilhoens , que tremolavaõ
Sobre as ondas ? Do Nilo , sim , do Euxino ,

Da

(*ff*) Este Poema foi composto na menor idade de Luiz XV.

Da India, e dos seus portos o commercio
Te chama, e te descobre os seus thesoiros;
Mantem a paz, e a ordem, sem que busques
As victorias; com tanto que te faças
Arbitra das Naçoens, he mui bastante,
O' França, á tua gloria; o seres d'ellas
Terror, e espanto, muito te há custado.]

Junto a este Rei moço já se avança
Com esplendor o Heróe, (gg) que assim de longe
A calumnia persegue; naõ he fraco,
Facil, ardente sim, cheio de genio,
Muito dado aos prazeres, muito amigo
De novidades, elle revolvendo
O Universo do seio dos deleites,
Por artificios novos, com bem destra
Politica suspensa tem a Europa,
Dividida, e tranquilla; esclarecidas
As artes saõ por sua vigilancia;
Nascido para todos os empregos,
Tem todos os talentos, os de hum Chefe,
De hum soldado, de hum cidadáo perfeito,
E de hum Rei magestoso; elle, meu filho,
Naõ he Rei, mas ensina a sêllo a todos:

Em

(gg) Verdadeiro retracto de Filippe Duque d'Orleans, Regente do Reino.

Em huma tempeſtade entaõ no meio
Dos relampagos vè-ſe ao ár erguido
O eſtendarte da França; diante d'elle
De Heſpanhóes huma tropa bellicoſa
Das Aguias dos Germanos deſtróçava
A ſoberba cabeça. O' Pai! Que novo
Eſpectaculo he eſte? Tudo muda
(Diz Luiz) tudo tem ſeu fim na terra;
Adoremos do Altiſſimo a eſcondida
Sciencia: do poderoſo Carlos Quinto
A raça ſe encurtou; a Heſpanha agora
Nos vem pedir os Reis: he hum dos noſſos
Sobrinhos, que lhes vai dar leis. Filippe....
A eſte objecto Henrique fica preſo
Na doce ſuſpençaõ, e nos tranſportes
Da alegria; modéra (Luiz proſegue)
O' filho, eſſe primeiro movimento,
Grandes ſucceſſos deves temer inda;
Do ſeio de Pariz ſe hoje recebe
Madrid hum Rei, talvez que perigoſa
Eſta honra a ambos ſeja. O' Reis, que vindes
Do meu ſangue! O' Filippes! O' meus filhos!
França, Heſpanha, ó pudeſſe para ſempre
Ver-vos eu congráſſadas! Até quando (*bb*)

(*bb*) No tempo, em que iſto ſe eſcreveu, o rámo de França, e o de Heſpanha eſtavaõ deſunidos.

Infelices politicos os fachos
Accendereis das publicas discordias ?

Assim fallou : Henrique de improviso
Naõ vio mais , do que hum vaõ ajuntamento
De mil coisas confuzas ; eis as portas
Do Templo dos Destinos se fecharaõ ,
E dos Céos as abobedas luzentes
Da sua vista logo se esconderaõ.

Com a face vermelha a Aurora em tanto
O Palacio do Sol no Oriente abria ;
A noite a outros lugares os escuros
Véos levava ; indo já de volta , os sonhos
Fugiaõ com as sombras. Despertando
O Heróe , entra a sentir dentro em seu peito
Estranha , e nova força , ardor Divino :
Susto , e respeito o seu olhar inspira ;
Deos a seu rosto enchera de huma sancta
Magestade ; bem como lá no Monte
Sinay se vio , que o vingador dos Póvos
De Israel , tendo o Eterno consultado ,
A seus pés os Hebreos depois por terra
Cahidos , naõ puderaõ de seus olhos
Supportar a brilhante claridade.

CAN-

CANTO VIII.

ARGUMENTO.

O Conde de Egmont vem da parte do Rei de Hespanha soccorrer a Mayenne, e os da Liga. Batalha de Ivry, na qual Mayenne foi destroçado, e Egmont morto. Valor, e clemencia de Henrique o Grande.

A Confusa Assembléa dos Estados
Em Pariz tinha já perdido o orgulho,
De que ella blazonava; só ao nome
De Henrique amedrontados os da Liga,
Parecia esquecerem-se do intento
De fazerem hum Rei; ninguem podia
Deter-lhes o furor, inda que incerto,
E nunca se attrevendo a dar a Coroa,
Nem tirálla a Mayenne, por Decretos
Vergonhosos, e vis, lhe confirmaraõ
Cargo, e poder, que a si elle arrogára.

Este lugar Tenente sem ter Chefe, (a)

(a) Este se fez declarar pelo Parlamento, que lhe era af-

Sem diadèma este Rei, tem hum partido;
Que o poder lhe confere assás supremo:
Eis de hum Povo obediente já se acclama
Defensor, e esse mesmo Povo jura
Por elle combater, morrer por elle.
De huma nova esperança lisonjeado
Chama a Conselho os Chefes orgulhosos;
Vingadores, que saõ da sua causa,
Os Lorenas, (b) Nemours, (c) Canillac, (Châtre, (d))
Brissac, (e) S. Paulo, (f) e o inconstante (Joyeuse; (g))
Elles vem: a fereza, o orgulho, a ira,
A desesperaçaõ em seus semblantes
Se deixaraõ pintar. Alguns tremendo,
Seus passos parecia, que levavaõ
Enfraquecidos pelo muito sangue,
No estrago dos combates derramado:

Mas

feiçoado, lugar Tenente General do Estado, e Reino de França.

(b) O Cavalheiro d'Aumale, em que já se fallou, e seu irmaõ o Duque, eraõ da casa de Lorena.

(c) Carlos Manoel, Duque de Nemours, irmaõ uterino do Duque de Mayenne.

(d) Châtre era hum dos Marechaes da Liga.

(e) Brissac tinha abraçado o Partido da Liga, estimulado de Henrique III. haver dito, que elle naõ era bom, nem para a terra, nem para o mar.

(f) S. Paulo, soldado de fortuna feito Marechal pelo Duque de Mayenne.

(g) Joyeuse he o mesmo, de quem se fallou no Canto IV.

Mas esse mesmo sangue, esses combates;
Suas feridas, saõ os que os excitaõ
A vingarem tambem suas injurias:
Todos se vem dispôr junto a Mayenne,
Com o ferro na maõ todos lhe juraõ
Vingança. Tal se vio no alto do Olympo,
Nos campos da Thessalia a tropa impia
D'esses filhos da Terra amontoando
Rochedos, e com loucas esperanças
Pertender insensata com ameaços
Subir aos Céos, a desthronar os Deoses.

Huma nuvem rompendo de improviso
A Discórdia, em hum carro luminoso
Se lhe apresenta: = Animo Francezes
(Lhes diz ella) o soccorro he já chegado;
Cidadãos he agora, que he preciso
Ou vencer, ou morrer. = Entaõ d'Aumale
He o primeiro, que a tal noticia se ergue;
Elle corre, e diviza ao longe virem
As lanças Hespanholas; elle grita
= Eis-aqui o soccorro há tanto tempo
Por nós pedido, e sempre demorado.
Amigos, a Austria em fim há soccorrido
A França = Assim fallou: eis já Mayenne
Se avança ás portas; o soccorro nobre

Apparecia entaõ n'esses lugares
Respeitosos, que aos tumulos egregios
Dos nossos Reis a morte há consagrado:
Das armas scintillantes o conjuncto
Formidavel, o ferro reluzente,
O oiro, a prata, as lanças que brilhavaõ;
Os Cascos, os Arnezes, e o pomposo
Apparato nos campos desafiaõ
Do Sol os mesmos raios: corre em chusma
O Povo todo alegre a recebello;
Daõ mil vivas ao Chefe portentoso,
Que Madrid lhes envia: era este o bravo
Mancebo Egmont, (b) guerreiro que foi sempre
Obstinado, ambicioso, e injusto filho
De hum desgraçado Pai; nos altos muros
De Bruxellas a vida há recebido;
Seu Pai, a quem cegou o amor da Patria;
Morreu constante sobre o cadafalso;
Por querer defender vossos direitos,
Infelices Flamengos, opprimidos
Dos vossos Reis; o filho vós o vistes
Hum froxo cortezaõ, hum temerario

Guer-

(b) O Conde de Egmont, filho do Almirante de Egmont, que foi degolado em Bruxellas com o Principe de Horn. O filho havendo ficado no Partido de Filippe II., Rei de Hespanha, foi enviado em soccorro do Duque de Mayenne na testa de 1800 homens.

Guerreiro a maõ beijar por muito tempo,
A maõ, que perecer seu Pai fizera;
Do seu Paiz aos damnos há servido,
Perseguio a Bruxellas, e em soccorro
Hoje vem de Pariz. Filippe o envia
Como hum Deos tutelar; elle, e Mayenne;
Crêraõ levar de volta ás tendas regias
De Henrique o assombro, as iras, e a carnagem:
O temerario orgulho accompanhava
Seus passos. Grande Rei, com que alegria
Naõ apressavas tu o doce instante
De hum combate, onde todos os destinos
Do triste Estado unidos já se viaõ!

Junto ás margens do Iton, (t) e das ribeiras
Do Euro, hum campo há feliz, que fora sempre
O amor da natureza: a guerra havia
Reverenciado há tempos os thesoiros,
Com que estas margens bellas adornavaõ
Os Zefiros, e Flora: alli os Pastores
Os seus dias passavaõ bem tranquillos,
No meio dos horrores das discordias;
Pelo Céo protegidos, satisfeitos
De serem pobres, elles pareciaõ

Des-

(t) Em huma planice entre o Iton, e o Euro foi, que se deu a batalha de Ivry em 14 de Março de 1590.

Desprezar dos soldados a cobiça ;
Debaixo das cabanas defendidos
Dos sustos, naõ ouviaõ dos tambores ;
Nem das armas o ruido. A estes lugares
Chegaõ pois os dois Campos inimigos;
Marcha a desolaçaõ diante d'elles
Por toda a parte : as aguas do Iton, e do Euro
Se espantaraõ ; nos bosques já se occulta
Cheia de horror a tropa dos Pastores.
Juntamente co' as tristes companheiras,
Em seus braços os filhos soluçando.

Afflictos habitantes d'estas margens
Cheias de espanto, ao vosso Rei ao menos
Essas, que assim verteis lagrimas tristes
Naõ queiraes imputar : elle se busca
Os combates, a paz busca sómente :
Povos, a sua maõ mil beneficios
Hade em vós derramar ; os vossos males
Finalizar pertende ; elle vos ama,
De vós se compadece, n'este dia
Espantoso peleja por vós mesmos.

Sabe Henrique prezar quaesquer instantes ;
A toda a parte corre sobre hum bruto
Fogoso, mais ligeiro do que os ventos,

Que

Que soberbo do pezo, que em si leva,
Ferindo com as mãos a terra, e o campo;
Desafia os perigos, chama a guerra.
Viaõ-se junto d'elle os valerosos
Companheiros, que saõ da sua gloria,
Cingidos de seus loiros; d'Aumont (*l*) forte;
Que debaixo do mando militado
Tinha de cinco Reis; Biron (*m*) Graõ Mestre;
Cujo nome bastava a dar espanto;
Carlos (*n*) seu filho, moço ardente ainda;
Impetuoso, que foi depois .... mas elle
Tinha entaõ mais virtude. Alli se achavaõ

Sul-

(*l*) Joaõ d'Aumont, Marechal de França, que obrou maravilhas na batalha de Ivry, era filho de Pedro d'Aumont, Gentil homem da Camara, e de Francisca de Sully, herdeira d'esta antiga Casa. Elle servio os Reis Henrique II Francisco II, Carlos IX, Henrique III, e IV.

(*m*) Henrique de Gontaud de Biron, Marechal de França, Graõ Mestre da Artilharia, era hum grande homem de guerra. Commandava em Ivry o corpo da reserva, e concorreu para o vencimento da batalha accommettendo com resoluçaõ ao inimigo. Elle disse a Henrique o Grande, depois da victoria = Senhor, vós fizestes, o que devia fazer Biron, e Biron o que devia fazer o Rei = Morreu de hum tiro de canhaõ no sitio de Epernay em 1592.

(*n*) Carlos Gontaud de Biron, Marechal, Duque, e Par, filho do precedente, conspirou depois contra Henrique IV. e foi degolado na Bastilha em 1602.

Sully (*o*), Nangis (*p*), Grillon (*q*), todos do crime
Inimigos, a quem deteſta a Liga,
Quando meſmo os eſtima. O valeroſo
Turenna (*r*), que depois do Graõ Ducado
De Bouillon mereceu ter o dominio
Em Sédan; infeliz dominio, logo
Que creado, deſtruido por Armando.
Eſſex com eſplendor no meio d'elles
Se deixa ver, tal como nas floreſtas
A undulante Palmeira aos noſſos Olmos
Mais frondoſos unindo a ſua altura,
Moſtra enſoberbecer-ſe, ſó pela áſtea
Eſtranha, com que ſe ergue: ſcintillava
O ſeu Caſco c'os fogos mais luzentes,
Onde o oiro, e os diamantes á porfia
Se expunhaõ, cáros dons, prendas precioſas;
Com que a ſua Rainha havia honrado

Seu

(*o*) Rony depois Duque de Sully, Superintendente das Finanças, Graõ Meſtre da Artilharia, feito Marechal de França, depois da morte de Henrique IV, recebeu ſette feridas na batalha de Ivry.

(*p*) Nangis, homem de hum grande merecimento, e de huma verdadeira virtude, aconſelhou a Henrique III. de naõ fazer aſſaſſinar o Duque de Guiza, mas de ter o valor de o julgar ſegundo as leis.

(*q*) Grillon, chamado o Bravo, offereceu-ſe a Henrique III. de combater contra o Duque de Guiza.

(*r*) Henrique, Viſconde de Turenna, caſou com a Princeza de Sédan, mas ſeu filho Frederico, Duque de Bouillon, havendo entrado na conjuraçaõ contra Luiz XIII, ou melhor contra o Cardeal Richelieu, para haver de ſalvar a vida, largou a Sédan.

Seu valor, ou talvez sua ternura.
Vós, ambicioso Essex, ao mesmo tempo
Sois da vossa Rainha o amor mais grato,
E a columna dos Reis. Mais longe distaõ
Clermont (*s*), Trimouille (*t*), e o infeliz de
(Nesse,)
Feuquieres, e o ditoso Lesdiguieres (*u*);
D'Ailly, aquelle, a quem foi este dia
Dia funesto. Todos estes fortes
Heróes juntos aguardaõ taõ somente,
Que o signal se lhes dê; do Rei ao lado,
Lem no seu rosto de hum triunfo certo
A esperança, e o presagio venturoso.

Mayenne em tanto inquieto, consternado,
D'entro em seu coraçaõ, cheio de sustos,
Busca em vaõ a virtude; seja que elle
A injustiça prevê do seu Partido,
E naõ crê, que propicio o Céo se mostre
A's suas armas; seja com effeito,
Que em su' alma os presentimentos tope

Pre-

(*s*) Balsac de Clermont morreu na batalha de Ivry.

(*t*) Claudio, Duque la Trimouille, achou-se na batalha de Ivry. Feuquieres, e de Nesse Capitaens de 50 homens, ahi foraõ mortos tambem.

(*u*) Nunca homem algum mereceu melhor o titulo de feliz, que Lesdiguieres, pois começando por simples soldado chegou a Condestavel no reinado de Luiz XIII.

Precursores dos grandes infortunios:
Como Heróe quiz porém Senhor fazer-se
D'esta sua fraqueza; disfarçava
A sua turbaçaõ debaixo de huma
Alegria apparente; elle se excita,
Elle se apressa, e inspira aos seus guerreiros
A esperança, de que elle mesmo he falto.

Junto a elle d'Egmont cheio da activa
Confiança, que em hum juvenil peito
Faz nascer a imprudencia, já impaciente
De exercitar o seu valor egregio,
A demora accusava de Mayenne
Irresoluto. Tal o bom Ginete,
Do centro de hum vergel delicioso,
Nos campos lá da Thrácia apenas ouve
Soár o clarim forte, que lhe excita
O valor, quando logo inquieto, indocil,
De hum bellicoso fogo todo cheio,
Da soberba cabeça erguendo as crinas
Movediças, saltando sobre a herva,
Parte impaciente, e pelo freio vôa;
Tal parecia Egmont: hum furor nobre
Arde em seu peito, e brilha nos seus olhos;
Com a gloria, que já suppoem vir perto,
Se entretem; elle crê, que o seu destino

Lhe

Lhe commanda a victoria. Ah ! que elle ignora ;
Que o seu fatal orgulho lhe prepara
Nas planices de Ivry a sepultura.

Para os da Liga em fim o grande Henrique
Se avança, aos seus dizendo (que inflammados
Saõ da sua presença) = Vós nascestes
Francezes, vosso Rei eu sou, saõ estes
Os vossos inimigos, marchai, vinde,
E segui-me, sem que inda no mais forte
Da tormenta percaes já mais de vista
O brilhante penacho, que fluctua
Sobre a minha cabeça ; vós, amigos,
Pela estrada da honra o vereis sempre =
Isto o Rei pronunciando, qual se fosse
Já vencedor, de hum novo ardor as tropas
Elle vê inflammadas ; e invocando
O Senhor dos Exercitos, já marcha.


TAYLOR INST. OXFORD

Sobre os passos ligeiros dos dois Chefes
Ao mesmo tempo entaõ dos dois Partidos
Vóaõ os combatentes. Assim como
Quando dos montes, pelo grande Alcides
Separados, os Aquiloens fogosos
Sahem de hum vóo rapido, e movidas
Subitamente as ondas dos dois mares

Pro-

Profundos, até os arès se levantaõ
Com hum choque impetuoso. A terra ao longe
Entra em gemidos, foge a luz do dia,
O Céo troveja, e o Africano em sustos
Do mundo teme a proxima ruina.

Reunido ao mosquete o sanguinoso
Estoque, leva à morte já dobrada
De ambas as partes. Foi antigamente,
Que o demonio da guerra há inventado
Em Bayonna, por despovoar a terra,
Est'arma cruel; ajunta ao mesmo tempo
Quanto o Inferno em si tem de mais terrivel,
O fogo, e o ferro, d'elle digno fructo.

Baralhaõ-se, combatem; o artificio,
O valor, os clamores, o tumulto,
O pejo de ceder, a céga ira,
O medo, a ardente sede só de sangue,
A desesperaçaõ, em fim a morte
De fileira em fileira vaõ passando.
No Partido contrario hum o parente
Persegue: alli o irmaõ, fugindo, morre,
A's maõs do irmaõ. Tremeu a natureza,
E a espantosa ribeira se inundava
Bem á custa do sangue desgraçado.

Por

Por multidaõ de lanças aguçadas ;
De batalhoens de sangue todos tinctos ;
De tropas arruinadas rompe Henrique ,
Se arremeça , se avança , e faz caminho ;
Segue-o o grande Mornay sempre pacato ,
Sereno sempre ; junto ao Rei vigia ,
Qual poderoso Genio , assim nos campos
De Phrygia se fingiaõ n'outro tempo ,
Os motores perpetuos lá dos Astros ,
E da Terra , envolvidos nos combates
Debaixo dos vestidos dos guerreiros ;
Ou quaes esses Ministros espantosos
Do verdadeiro Deos , as Potestades
Dos Céos , os Entes mesmos impassiveis ;
Cercados dos relampagos , dos raios ,
E dos ventos , com hum semblante sempre
Inalteravel , movem o Universo :
De Henrique elle recebe todas essas
Rapidas ordens , da alma movimentos
Intrepidos , que mudaõ o combate ,
E fixaõ o destino : de improviso ,
Aos Chefes das legioens elle as transporta ;
O Official as recebe. As impacientes
Tropas , ao som da sua voz , regulaõ
Obedientes as iras ; se dividem ,
Se reunem , e em diversos corpos marchaõ ;
Hum espirito só prezide a tantas Ma-

Maquinas, e taõ vastas. Mornay torna
Ao Principe, elle o escolta, elle o accompanha;
Com a voz lhe desvia muitos golpes,
Que lhe eraõ dirigidos; mas ás suas
Maõs Estoicas já mais permittir póde,
Que se manchem do sangue dos humanos
Infelices; sua alma he occupada
Do seu Principe, só, por defendello
Unicamente a espada elle há tirado,
E aos combates o seu valor adverso,
Sabe affrontar a morte, e naõ quer dalla.

De Turenna o valor insupportavel
Punha já de Nemours a tropa em fuga,
E atterrada. D'Ailly por toda a parte
Leva a morte, e o temor; d'Ailly, que conta
Trinta annos de combates, que de novo,
Nos horrores da sanguinosa guerra,
Torna, a pezar da idade, a ter esforços.
A seus golpes fataes hum só guerreiro
Se oppoem, hum juvenil Heróe valente,
Que na flor de seus annos n'esta illustre,
Mortifera jornada, deu principio
A' carreira fatal de seus combates.

De Himyneo inda terno elle provava
Apenas os encantos; e assistido
Dos

Dos amores, sahia dos seus braços:
Corrido de naõ ter tambem mais fama,
Que a de suas caricias, desejoso
De gloria, elle aos perigos já se entrega.
A sua cára esposa n'este dia,
Accusa o Céo, a Liga detestando,
E o combate mortal; ella mesma arma
O delicado amante, e tristemente
Com a tremula maõ ella lhe prende
A pezada coiraça; envolta em pranto,
Com hum casco precioso em fim lhe cobre
O lindo rosto, amavel a seus olhos.

No seu furor guerreiro a d'Ailly parte
Por entre os turbilhoens de pó, de fogo,
Pelo meio dos corpos já sem vida,
De outros feridos inda agonizando:
Os fogosos ginetes de ambos ficaõ
Logo alli traspassados; ambos elles
Sobre a relva abatida, e ensanguentada,
Longe dos esquadroens, já se accomettem
Com impeto seguro; o sangue os tinge,
Cobre-os o ferro, e as lanças na maõ tendo;
De hum formidavel choque de improviso
Elles se batem; resso-ou a terra,
As lanças se quebraraõ; assim como,

Em hum Céo abrazado, duas nuvens
Funeſtas, que o trovaõ trazendo, e a morte
Em ſeus ſeios, ſe encontraõ lá nos ares,
E vôaõ ſobre os ventos; da uniaõ fea
Os relampagos ſaltaõ, alli formaõ
Os raios, que aos mortaes tanto eſtremecem.

Por hum ſubito esforço intentaõ logo
Eſtes dois infelices outra morte;
Já brilha em ſuas maõs o duro alfange:
A Diſcordia alli corre em continente;
O demonio da guerra, a ſanguinoſa
Pallida morte eſtavaõ a ſeus lados:
Suſpendei infelices eſſes voſſos
Precipitados golpes! Hum deſtino
Porém fatal ſeus animos inflamma:
No coraçaõ hum do outro dar paſſagem
Aos eſtoques procuraõ, ſim, n'aquelle
Coraçaõ inimigo, que lhes era
Deſconhecido: o ferro, que os cubria,
Fuſilando ſe vai fazendo em laſcas,
As coiraças, aos golpes eſpantoſos,
Scintillaõ, ſalta o ſangue, que lhes tinge
As maõs tyrannas: os eſcudos fortes,
E os caſcos, a violencia moderando,
Alguns golpes deſviaõ, e repulſaõ.

Hum

Hum pouco a morte ; confundidos ambos
De tanta resistencia , respeitava
Cada hum o seu rival , e a valentia
Do seu contrario : em fim d'Ailly o velho ,
De hum golpe desgraçado , a seus pés lança
O excellente guerreiro ; este seus olhos
Fecha á luz para sempre ; junto a elle
Vai rolando o seu casco sobre a terra ;
D'Ailly vê o seu rosto ; O' grito ! O' pasmo !
O' desesperaçaõ ! Que terno o abraçá !
Ah que elle era o seu filho ! Elle o conhece,
O desditoso Pai tendo banhados
Em lagrimas os olhos , dirigia
Contra seu peito as parricidas armas ;
Suspende-se porém , oppoem-se ao justo
Furor seu , e tremendo , parte , e deixa
Hum lugar , que de horrores só lhe serve ;
Detesta para sempre a sua iniqua
Victoria , renuncia a Corte , os homens ,
A sua mesma gloria ; e entaõ fugindo
Ao centro dos desertos , sua pena
Nos confins do Universo esconder busca.
Alli , seja que o Sol a luz ao mundo
Restitua , ou seu curso a acabar chegue
Lá no seio das ondas , elle aos écos
Enternecidos repetir fazia

O nome, o triste nome de seu filho
Desgraçado. Do Heróe, que já naõ vive,
A juvenil esposa, a fiel amante,
Pelo terror levada, incerta, e toda
Tremendo, vem com passos pouco firmes
Sobre as margens funestas; ella busca,
Vê, reflecte na multidaõ de mortos,
Encontra o seu esposo, e de improviso
Desfalecida cahe; o véo da morte
Em seu rosto se estende. E's tu, ó caro!....
Estas vozes assim interrompidas;
Estes gritos entaõ meios formados
Naõ saõ ouvidos; ella lhe abre os olhos;
Com os ultimos osculos lhe aperta
A boca desmaiada, aquella boca
Que inda adora; nos braços toma o corpo
Pallido, e ensanguentado, olha para elle,
Suspira em fim, e abraçando-o, morre.

Pai, esposo infeliz, triste familia,
Do furor d'estes tempos lamentavel
Ex emplo; possa pois d'este successo
A terrivel memoria excitar sempre
Piedade em nossos ultimos sobrinhos;
Arrancar de seus olhos proveitosas
Lagrimas, e que nunca elles imitem
De seus Pais os mortiferos delictos. Po-

Porém quem faz fugir assim dispersos
Os da Liga? Que Herõe, ou que Deos forte
A todos há destruido? He Biron, esse
Mancebo, cujo esforço havia feito
Por entre batalhoens feliz passagem.
D'Aumale os vè fugir, e ardendo em ira,
= Detende-vós, voltai . . . . . . onde assim fracos
Correis? E vós, fugis? Vós companheiros
De Mayenne, e de Guiza? Vós, que tendes
O dever de vingar Pariz, e Roma,
De defender a Igreja? Naõ, segui-me,
Vossa antiga virtude a vós se torne;
Se combateis á sombra de d'Aumale,
Vencereis certamente = Soccorrido
De Beauveau, de Fosseuse sem demora,
E do feroz S. Paulo, e inda de Joyeuse,
Iuntaõ de novo as tropas divididas,
Que elle marchando anima, só com verem
Do seu rosto o esplendor: eis a fortuna
Torna a chegar com mais ligeiros passos.
Com hum valor intrepido sustenta
Em vaõ Biron o curso arrebatado
Da fogosa torrente; elle espirando
Vè junto a si Feuquieres; Parabére
Na multidaõ de mortos vè cahindo,
Nésle, Clermont, d'Angenne, todos estes

Tem

Tem já mordido a terra; Biron mesmo,
Ferido a tantos golpes, está quasi
Rendendo a vida. Assim, Heróe valente,
Devias acabar, porque huma morte
Gloriosa, huma desgraça, que he taõ bella,
He da tua virtude o que fazia
A memoria immortal, teu nome eterno!

O generoso Henrique soube logo
O risco, em que Biron, por muito ardente,
Empenhado se via; elle ama-o muito
Naõ como Rei, nem qual senhor sevéro,
Que soffre, que se aspire á honra summa
De lhe agradar, de quem o orgulho forte,
E o coraçaõ soberbo crê, que o sangue
De hum vassallo lhe fica mais que pago
Com huma vista de olhos bem ligeira.
Henrique da amisade sente os nobres
Ardores; amisade, dom sublime
Do Céo, doce prazer das almas grandes;
Amisade, que os Reis, esses illustres
Ingratos, porque nunca a conheceraõ,
Saõ assás desgraçados! Em fim parte
Bourbon a soccorello; o nobre fogo,
Que o excita, lhe faz mais forte o braço;

E mais rapido o vôo ; o bom guerreiro , (*x*)
Já das ſombras da morte entaõ cercado ,
Eis que vê o ſeu Rei , o ultimo esforço
Empenha ; á ſua voz elle renova
Da vida os reſtos. De Bourbon aos golpes
Recuaõ todos , todos ſe retiraõ.
Biron guapo ! O teu Rei d'eſſes ſoldados
Te arranca , cujos golpes repetidos
A morte te apreſſavaõ ; pois tu vives ,
Em lhe ſeres fiel te empenha ao menos !

Hum ruido eſpantoſo entaõ ſe eſcuta.
A Diſcordia cruel contra as virtudes
Do Heróe reverberando os ſeus furores ,
Nova colera accende nos da Liga :
A' frente d'elles vôa de improviſo ,
E o ſeu ſopro fatal faz , com que ao longe
Sôe a infernal trombeta ; entaõ d'Aumale ,
Pelo ſom , que era d'elle conhecido ,
Se excita , taõ ligeiro como a frecha
Aos ares deſpedida : o Heróe ſómente
Elle buſca , ſobre elle ſó ſe lança ,
Logo em tumulto acode toda a turba :

Taes i

(*x*) O Duque de Biron ficou ferido em Ivry , mas foi no combate de Fontaine Françaiſe, que Henrique o Grande lhe salvou a vida. Refere-ſe eſte acontecimento na batalha de Ivry, pois naõ ſendo hum facto principal , admittia o ſer tranſpoſto.

Taes no centro dos bosques, na carreira
Precipitados, esses atrevidos
Animaes, aos combates só creados,
Féros escravos do homem, á carnagem
Nascidos, cheios de huma raiva intensa,
Ao javali se lançaõ, ignorantes
Do perigo fatal, cégos, violentos,
Rouca bozina ao longe seus instinctos
Bellicosos excita, com que os montes
E os concavos rochedos retumbaraõ:
Assim contra Bourbon mil inimigos
Se ajuntaõ, elle só se oppoem a todos
Sem amparo da sorte, consternado
Pelo numero, á vista já da morte:
Luiz do alto dos Céos, n'este perigo
Ao Heróe, a quem ama, huma invencivel
Força lhe dá; Bourbon he como a rocha,
Que os ares ameaçando, rompe a furia
Dos ventos, quebra os impetos dos mares:
E quem póde explicar o sangue, a immensa
Carnagem, de que o Euro vio cubertas
N'este momento as suas grandes margens?
Vós, Manes sanguinosos do mais forte,
E animoso dos Reis, dai luz sublime
Ao espirito meu, e pela minha
Voz fallai. Bourbon vê, que já voando

A nobreza fiel vem defendello,
Ella pelo ſeu Rei vem dar a vida,
E peleja tambem ſeu Rei por ella;
Diante de ſi leva o ſuſto; a morte
Os ſeus golpes ſeguia, quando á ſua
Colera Egmont fogoſo ſe apreſenta.

Muito tempo enganado eſte eſtrangeiro
Do ſeu valor, havia procurado
O Rei na maior força do conflicto;
Naõ fora conduzido á ſepultura,
A naõ ſer temerario; ſó a honra
Do combate excitava o ſeu orgulho:
= Vem pois Bourbon, (dizia) a tua gloria
Vem augmentar; he bem que pelejemos,
Que o fixar a victoria a nós pertence. =
Dizendo eſtas palavras, hum brilhante
Relampago, funeſto menſageiro
Dos deſtinos, do ár abre as campanhas;
O arbitrio dos combates, de improviſo,
Faz ſôar ſeu trovaõ, ſente o ſoldado
Debaixo de ſeus pés tremer a terra:
D'Egmont ſuppoem, que os Céos lhe daõ amparo;
Que vaõ a defender a ſua cauſa,
Que combatem por elle; crê, que toda
A natureza attenta á ſua gloria

Pe

Pela voz do trovaõ, lhe annunciava
O triunfo ; ao Herôe em fim se chega ;
Fére-o no peito , e já de haver vertido
O real sangue , se acclama victorioso.
O Rei , sem que se turbe , vê o successo ;
Tanto como o perigo assim se dobra
Seu esforço ; elle entaõ se felicíta
De no campo da honra haver hum dia
Encontrado inimigos assás dignos
Do seu valor ; em vez de retardallo ,
O estimula a ferida ; já sobre este
Féro inimigo o Herôe se precipita ;
De hum golpe mais seguro he de repente
D'Egmont lançado em terra ; o scintillante
Ferro lhe passa o peito : eis os cavallos
Debaixo de seus pés tinctos de sangue
O atropelaõ ; da morte as tristes sombras
Envolveraõ seus olhos ; a sua alma
Em colera passou a unir-se aos mortos ,
Onde do Pai o aspecto justamente
Lhe excitou os remorsos. Vós , ufanos
Hespanhóes até qui tropa soberba ,
Com a morte d'Egmont vossa virtude
Guerreira se anniquilla , ao menos hoje
Naõ negareis , que o medo conhecestes !

O espanto, o horror, o espirito terrivel
De turbaçaõ se ampara n'este instante
Das tropas assustadas; passa logo
Aos mesmos esquadroens, e em fim se estende
Ao exercito: os Chefes assombrados,
Os soldados perdidos: hum naõ póde
Mandar, outro tambem naõ obedece;
As bandeiras por terra, huns se confundem;
Correm outros, daõ gritos espantosos,
Atropellaõ-se, fogem: voluntarios
Se rendem huns, os joelhos outros dobraõ
Ao vencedor, seus ferros já lhe pedem;
Alguns com passos rapidos, querendo
Evitar a ruina, as ribanceiras
Buscaõ do Euro, e na fuga arrebatados,
No profundo das aguas se despenhaõ;
Correm á morte em fim, que elles pertendem
Evitar; os cadaveres ás ondas
O curso impedem; volta, e retrocede
O rio ensanguentado á sua origem.

Naõ he capaz Mayenne em tal desordem
De haver temor; afflicto, mas tranquillo,
Senhor inda de si, vê resoluto
Sua cruel fortuna; de seus golpes
Elle sim vai debaixo, porém cuida

Em

Em d'ellas minguar: outro he d'Aumale,
Que junto a elle, o rosto enfurecido,
'Accusava os Flamengos, a fortuna,
E os Céos; = Bravo Mayenne (assim dizia)
Morramos, já que tudo se há perdido: =
= Deixai hum furor vaõ (lhe torna o Chefe)
Vivei para hum partido, de que a honra
Vós sois, vivei a restaurar a perda,
E a desgraça fatal; n'este momento
Funesto, vós, e Bois-Delfin procurem
'As reliquias juntar d'esses dispersos
Soldados; ambos vós entaõ segui-me
'Aos muros de Pariz, indo de marcha,
Da Liga recolhei isso, que resta;
De Coligny vencido, e subjugado,
O valor excedamos = Ah! d'Aumale,
Isto escutando, chora; elle estremece
De raiva, mas a ordem, que detesta,
Parte a cumprir. He qual Leaõ soberbo,
Que o Moiro domar soube, pois que docil
A seu Senhor, a tudo o mais terrivel,
Sua horrorosa frente só sujeita
A' maõ, que elle conhece; de hum aspecto
Feroz elle o accompanha; elle rugindo
O sabe acariciar; em fim parece,
Que ameaça, inda quando o lisonjéa.

 Aos

Aos muros de Pariz Mayenne em tanto
Com appressada fuga se retira,
Por occultar o seu abatimento.
Henrique, victorioso, vê os da Liga;
Que de todos os lados, sem defeza,
Sua clemencia imploraõ. N'este instante
D'esses Céos as abobedas se abriraõ,
Os Manes dos Bourbons aos ares descem.
Do alto do Firmamento S. Luiz chega
Entre elles a observar, o como Henrique
N'este nobre momento uso fazia
Do triunfo, e por fim como acabava
De dar merecimento á sua gloria.

Junto d'elle os soldados tendo os olhos
Inda em furor accesos, reparavaõ
Para os tristes vencidos, que a seus golpes
Escaparaõ; os timidos captivos,
Conduzidos a Henrique, só esperaõ
Em profundo silencio, que a sentença
Se lhes fulmine; o espanto, a angustia, o pejo,
A desesperaçaõ pintado tinhaõ
Em seus rostos as suas desventuras:
Sobre elles volta entaõ Bourbon os olhos
Cheios de graça; n'elles a ternura,
E a intrepidez reinavaõ juntamente;

Fi-

= Ficai livres (lhes diz) vós desde agora
Podeis permanecer meus inimigos,
Ou viver meus Vassallos; em Mayenne,
Ou em mim, hum Senhor será pois justo,
Que vós reconheçaes: de nós dois vede
Qual o merece ser; da Liga escravos
Gemei debaixo d'ella, ou companheiros
D'hum Rei, vinde por fim triunfar com elle.
Escolhei de huma vez = A estas palavras,
Que profiria hum Rei cheio de gloria,
Em campo de batalha victorioso,
Se observaõ n'hum momento os prisioneiros
Contentes por se verem derrotados,
Felices porque a sorte os fez vencidos;
Seus olhos se illuminaõ, sem mais odio
Se vém seus coraçoens; Henrique os vence
Co' seu valor, depois com a virtude
Os sujeita tambem, e honrados todos
Com o nome, que tem de seus soldados,
Por expiar por fim o seu delicto,
Marchaõ sobre seus passos; da carnagem
O vencedor tranquillo há já cessado;
Senhor dos seus guerreiros elle applaca
D'elles a valentia; mais naõ era
O leaõ, que de sangue só cuberto,
De lugar em lugar levava a morte,

E o terror ; era hum Deos todo benigno ,
Que deixando o trovaõ , a tempestade
Prende , e consola a terra ; em seu semblante
Ameaçador , feroz , e ensanguentado ,
Há posto a paz o aspecto mais sereno :
Aquelles , em quem quasi a luz estava
A extinguir-se , por elle já revivem ;
He sobre seus perigos , sobre as suas
Necessidades , que elle vigilante ,
Qual Pai attento , estende os seus cuidados.

A prompta mensageira dos successos
Verdadeiros , ou falsos , augmentando
Vai já sua carreira ; ella de hum vôo
Rapido , inda mais prompta do que o tempo ;
Além dos mares passa , vai de hum pólo
A outro , até encher todo o Universo ;
Este monstro composto de olhos , bocas ,
E de orelhas , que canta as maravilhas
Dos grandes , e dos Reis canta a vergonha ;
Que tem a si sujeitas a esperança ,
A admiraçaõ , a duvida , o desejo
De saber , e a fatal credulidade ,
Trombeta , que he da gloria , pela sua
Brilhante voz , do Heróe da França parte
A annunciar a victoria. Desde o Tejo

A Ao

Ao Eridano foi participado
Por ella o estrondo; entaõ eis o soberbo
Vaticano se admira; o Norte ouvindo
Sua voz, de alegria todo se enche;
Madrid bramou de susto, e de vergonha,
De horror, e de tristeza: ó desgraçado
Pariz! O' vós, infieis conspiradores,
Cidadãos enganados! Sediciosos
Sacerdotes em fim, e com que gritos
Dolorosos soáraõ vossos Templos!
No momento infeliz vossas cabeças
De cinza se cubriraõ. Ah! Mayenne
Inda vem lisonjear vossos esforços;
Vencido, porém cheio de esperanças,
E Senhor de Pariz, com ardilosa
Politica, inda lá no seu retiro,
Quer aos da Liga incertos, que a derrota
Se esconda; contra hum golpe taõ funesto
Elle os quer segurar, imaginando,
Que em occultar talvez sua desgraça,
Elle entaõ a repara; por cem ruidos
Mentirosos quer ver, se assim reanima
D'elles o zelo; mas opposta a tantas
Cautelas a verdade, desmentindo
A' sua vista os seus projectos falsos,
Vóa de boca em boca, e ao mesmo tempo
Os coraçoens de todos desalenta.

A Discordia bramou, e redobrando
As suas raivas = Naõ verei (diz ella)
Destruida por certo a minha obra;
Naõ tenho n'estes muros infelices
Derramado os venenos, incendido
Tantos fogos, o meu poder firmado
Com tanto sangue, a fim de ver agora
Levar Bourbon da França o vasto Imperio.
Por terrivel que seja, eu tenho inda arte
De enfraquecello; se vencer naõ pude,
Poderei abrandallo: mais esforço
Se naõ opponha ao seu valor supremo;
A si mesmo, e naõ mais, agora Henrique
Sim tenha que vencer, e tremer deva
Só do seu coraçaõ; vou ataccallo,
E a vencello tambem por elle mesmo.
Fallou: e de improviso, lá das margens
Do Sena, sobre hum carro todo tincto
De sangue, que a destrar soubera o odio,
Em huma espessa nuvem, que terrivel
Torna pallido o dia, ella em fim parte,
E em demanda do Amor vôa appressada.



CANTO IX.

ARGUMENTO.

Descreve-se o Templo do Amor. A Discordia implora o seu poder para abrandar o valor de Henrique IV. Este Heroe he retido algum tempo com Madama de Estrée, taõ celebre debaixo do nome da Bella Gabriella. *Mornay o arranca do seu amor, e o Rei volta ao seu exercito.*

NOs ditosos confins da antiga Idalia,
Onde a Europa termina, a Asia começa,
Hum Palacio (*a*) se eleva antigo, e sempre
Dos tempos respeitado. A natureza
N'elle poz os primeiros fundamentos;
Depois a arte polindo aquella simples

Ar-

(*a*) Esta descripçaõ do Templo do Amor, e a pintura d'esta paixaõ saõ inteiramente allegoricas. Se há posto em Chypre o lugar da Scena, como em Roma a morada da Politica, porque os Povos d'aquella Ilha passaraõ em todo o tempo pelos mais dados ao amor, assim como a Corte de Roma há sido reputada pela mais politica da Europa. Deve-se pois respeitar aqui o Amor, naõ como filho de Venus, e como hum Deos da fabula, mas como huma paixaõ, representada com todos os prazeres, e todas as desordens, que a accompanhaõ.

Architetura, vio-se, que excedia
Da natureza o empenho; seus visinhos
Campos, de verdes murtas abastados,
Nunca a injùria sentiraõ dos Invernos.
Madurecer se vém, por toda a parte,
Vém-se brotar, em todo o tempo, tanto
Os fructós de Pomona, como os mimos
De Flora. A terra inculta naõ attende,
Para crear as suas sementeiras,
Aos desejos dos homens, nem á ordem
Das estaçoens. Em huma paz profunda
Parece alli gozar o homem tudo,
Quanto, do mundo nos primeiros dias,
Quiz com maõ liberal a natureza
Conceder aos mortaes; repouso eterno;
Dias serenos, ares sempre puros,
Os gostos, e prazeres promettidos
Da abundancia, os bens todos finalmente
D'essa idade primeira, excepto a bella
Innocencia. Por toda a parte se ouve
O som d'esses concertos admiraveis,
Com que amole harmonia assim inspira
Doces languores; ouvem-se os amantes;
E o canto singular das suas Damas,
Com que celebraõ d'elles a vergonha,
E a fraqueza lhes louvaõ: cada dia

Saõ viſtas ; com as teſtas adornadas
De flores , implorar de ſeus queridos
Amantes os favores ; e á porfia
Appreſſadas marcharem ao ſeu Templo
Por inſtruidas ſerem na grande arte
De agradar , e enganar. A liſonjeira
Eſperança , de hum roſto ſempre affavel ;
Pela maõ os conduz ao Altar meſmo
Do Amor. Perto do Templo eſtaõ as Graças ;
Meias nuas , ás ſuas vozes juntaõ
Das danças os primores : ſobre hum leito
De branda relva , placido , e contente ,
Ouve o molle Apetite as ſuas doces
Cançoens , tendo dos lados o Segredo
Sempre mudo , o Sorriſo que enfeitiça ;
Os Cuidados , a terna Complacencia ,
As amaveis Delicias , os Deſejos
Mais doces inda , mais enganadores ;
Do que os meſmos Prazeres inconſtantes.

D'eſte Templo famoſo he eſta a entrada
Delicioſa ; porém ſe accaſo hum paſſo
Mais audaz avançando-ſe penetra
Té a abobeda ſagrada , e ao Sanctuario
Se leva , que eſpetaculo funeſto
Os olhos horroriza ! Dos prazeres

Naõ

Naõ he mais essa copia amavel bella ;
Concertos amorosos já mais se ouvem :
As Queixas, os Desgostos, a Imprudencia ;
O Susto, alli transformaõ a morada
Deleitosa em habitaçaõ de horrores ;
O taciturno Zelo com o rosto
Macilento, e sombrio, vai de hum passo
Vacillante seguindo huma Suspeita,
Que o guia. O Odio, a Raiva, derramando
O seu veneno, marchaõ diante d'elle,
Tendo o punhal na maõ ; eis a Malicia,
Que os vê passar, de hum perfido sorriso
Applaude a sua infame, e indigna tropa :
Segue-a o Arrependimento, detestando
Seus furores, e em pranto humedecidos
Seus olhos, os abaixa, e em fim suspira.

No meio d'esta Corte assim de horrores,
Infeliz companhia dos prazeres
Dos homens, he ahi, que Amor tem feito
Sua eterna morada : este arriscado
Infante já cruel, já carinhoso,
Traz da terra os destinos invizíveis
Na sua fraca maõ ; com hum sorriso
Elle dispensa a paz, ou manda a guerra ;
E espalhando por toda a parte as suas
Doçuras enganosas, elle anima

O Universo, e continuamente assiste
No coração de todos; sobre hum Throno
Luzente, contemplando elle as conquistas
Do seu braço, a seus pés via sujeitas
As mais soberbas testas; então féro
Com suas crueldades mais, do que inda
Com os seus beneficios, dava mostras
De alegrar-se do mal, que havia feito.

Conduzida a Discordia de improviso
Pela Raiva, os Prazeres apartando,
Abre livre passagem, quando agita
O facho acceso, que na maõ sustenta.
De sangue tincto o rosto, em ira os olhos
Inflammados, lhe diz = Onde, irmaõ, se achaõ
Tuas settas mortaes? Para quem guardas
As frechas invenciveis? Ah! se accesa
A tocha da Discordia, a teus furores
Meu veneno fatal sempre juntaste;
Se tantas vezes pude a teu respeito
Turbar a natureza, corre, vóa
Sobre meus passos; vem, e a minha injuria
Sabe vingar; hum Rei já victorioso
Despedaçado tem minhas serpentes;
Elle por suas maõs a oliva ajunta
Aos loiros triunfantes; a clemencia,

Com

Com hum passo tranquillo indo marchando
Com elle ao sedicioso infausto seio
De huma guerra civil, favorecida
Dos regios estendartes, que tremulaõ
Por toda a parte, intenta reunir todos
Os coraçoens, sendo estes divididos
Sómente para mim; huma victoria
Inda naõ alcancei, e já por terra
Vejo o meu Throno em pó; Henrique leva
Aos muros de Pariz o raio ardente,
A combater já parte o Heróe famoso,
A vencer, e perdoar; de cem cadeias
Fortes me vai prender seu braço altivo:
A ti toca impedir esta torrente
No seu curso; tu podes de taõ nobres
Triunfos envenenar a fonte toda:
Vai pois, Amor, debaixo do teu jugo
Elle gema abatido; prostra, vence
O seu valor no seio da virtude:
Lembre-te, que és aquelle, cujo braço
Hercules fez cahir sem suas forças
Aos pés de Omphale. Naõ se vio Antonio,
Nos teus ferros de todo enfraquecido
Abandonar por ti graves cuidados
Do Universo? fugir estando á vista
De Augusto, e por seguir-te sobre as ondas;
Cleo-

Cleopatra preferir a todo o Imperio
Do mundo ? Pois, Amor, para venceres
Te resta Henrique só depois de tantos
Guerreiros. Que nas suas maõs soberbas
Os loiros se lhe murchem, vai, procura;
Vai do myrto amoroso a frente altiva
Cingir-lhe; entre os teus braços adormece
Sua audacia guerreira; tu de arrimo
Ao meu Throno abalado serve agora;
Teu Reino he o meu, e a minha causa he tua.

D'esta sorte fallava aquelle monstro,
E a retumbante abobeda os accentos
De sua voz tremenda repetia;
Amor, que recostado sobre ás flores
O ouvia, de hum sorriso féro, e doce,
Responde ás suas furias; entretanto
Elle se arma das suas frechas de oiro;
Elle dos vastos Céos as azuladas
Esferas rompe já, e precedido
Das danças, dos prazeres, e das graças;
Dos Zefiros nas azas vôa aos campos
Francezes, em demanda só de Henrique.

Na carreira se alegra de ver logo
A Simois fraco, e o campo, onde foi Troia;

Elle se ri ao ver n'esses lugares
Affamados as cinzas inda quentes.
Dos Palacios, por suas maõs extinctos;
Elle divisa ao longe aquelles muros
Erguidos sobre as aguas, seus soberbos
Edificios, do mundo esse prodigio,
Veneza em fim, de quem Neptuno admira
O destino; que impéra sobre as ondas,
Represadas pela arte no seu seio.

Elle desce, e demora-se nos campos
Da Sicilia, onde a Theocrito, e Virgilio,
Elle mesmo inspirára; e onde se conta,
Que do amoroso Alfeo em outro tempo
Elle as aguas por novos subterraneos
Caminhos conduzira; sem demora
Da amavel Arethusa elle deixando
As praias, vóa aos campos de Provença;
Onde Vauclusa (b) está, mimoso asylo,
Lugares, em que o graõ Petrarcha soube
Nos seus bons dias suspirar seus versos,
E seus amores; elle entaõ divisa
As muralhas de Anet (c) edificadas

Nas

(b) Vauclusa junto a Gordes em Provença, celebre pela morada, que fez Petrarcha nas suas visinhanças.

(c) Anet foi edificado por Henrique II. para Diana de Po-

Nas margens do Euro, cuja altiva, e nobre
Estructura elle mesmo dispuzera;
Por suas destras maõs alli, com arte.
Estampadas as cifras de Diana,
Distinctas se conservaõ; de passagem
'As graças, e os prazeres derramaraõ
Sobre o tumulo d'ella as tenras flores,
Que dos vestigios seus hiaõ nascendo.

Aos campos d'Ivry chega finalmente
O Amor. Posto que o Rei se achava prompto
'A partir, com designios superiores,
Da guerra a imagem fea confundindo
Com os prazeres, quiz por hum momento;
Que ao seu trovaõ se desse algum repouso;
Mil guerreiros mancebos, caminhando
Por meio dos alqueives, perseguiaõ
juntamente com elle os habitantes
Dos bosques. Sente Amor, ao avistallo;
Inhumana alegria; logo as frechas
Elle aguça, as cadeas já prepara,
Agita os ares, que elle mesmo havia
Serenado; elle falla, de improviso
Se armaõ os Elementos, e de hum pólo

'A

tiers, cujas cifras estaõ dispostas em todos os ornatos d'este Castello, o qual naõ he longe das planices de Ivry.

A outro vaõ chamando as tempestades ;
A sua voz se vê, que manda aos ventos
Juntar as nuvens, derramar na terra
As torrentes nos ares suspendidas,
E que, com os relampagos, e raios,
A noite façaõ vir ; ás suas ordens
Fieis os Aquiloens tem já soltado
Suas azas, nos Céos escurecidos
A mais horrenda noite entaõ succede
Ao dia mais brilhante, a natureza
Geme por fim, e o Amor já reconhece.

Nos sulcos enlodados da campanha
Alagada, sem guia, sem escolta,
Incerto marcha o Rei ; n'este momento
Amor accende a luz, faz com que brilhe
Esse prodigio novo diante d'elle ;
Apartado dos seus, por esses bosques
Escuros, segue Henrique este inimigo
Astro, que inda nas sombras resplandece ;
Bem como algumas vezes os viajantes
Turbados vaõ seguindo esses ardentes
Fogos, que a terra exhala ; sim, os fogos,
Cujo vapor maligno, e passageiro
N'esse instante, em que a luz lhes communica ;
N'esse mesmo os conduz ao precipicio.

Pon-

Pouco antes a fortuna a estes climas
Miseraveis havia conduzido
De huma illustre mortal os tenros passos;
No fundo de hum Castello solitaria,
E tranquilla, apartada dos tumultos
Da guerra, alli seu Pai ella aguardava,
Que fiel a seus Reis, envelhecido
Nos perigos, do grande Henrique havia
Seguido os estendartes; o seu nome
Era d'Estrée; (*d*) a maõ da natureza
A havia enriquecido dos sublimes
Dons sem medida. Tanto naõ brilhava
Lá nas margens do Eurotas delicioso,
A que se vio culpada formosura
Traidora a Meneláo. Menos tocante,
E menos bella em Tharso (*e*) deixou ver-se
A que soube domar, e render soube
O Senhor dos Romanos, quando attentos
Das ribeiras do Cidno os habitantes,

Nas

(*d*) Gabriella d'Estrée de huma antiga casa de Picardia, filha, e neta de hum Graõ Mestre de Artilharia, casada com o Senhor de Liancourt, e depois Duqueza de Beaufort &c. Henrique IV. se namorou d'ella durante as guerras civís: elle se desfarçava algumas vezes por ir fallar com ella. Hum dia se desfarçou em traje de paizano, e passou por entre as guardas inimigas, naõ sem risco de ficar prisioneiro.

(*e*) Cleopatra indo a Tharso, onde Marco Antonio a havia chamado, fez esta viagem em huma Náo brilhante, ornada de oiro, e das mais bellas pinturas: as vélas eraõ de purpura, as cordas de oiro, e seda. Cleopatra estava vestida, co-

Nas maõs tendo o thuribulo, a tiveraõ
Por Venus. Ella entrava em huma idade
Muito para temer-se; essa que rende
O jugo das paixoens inevitavel;
Seu coraçaõ se achava sim nascido
Para amar, mas altivo, e generoso;
Os votos até alli de algum amante
Naõ tinha recebido. Era naõ menos,
Que a fresca rosa em sua primavera,
Quando encerra ao nascer a formosura,
De que he dotada; aos ventos namorados
Os thesoiros encobre de seu seio,
E se abre taõ sómente aos doces raios
De hum dia magestoso, e esclarecido.

Amor, que entaõ se aprompta a sorprendella;
Com hum nome supposto vai render-se
Junto a ella; sem facho elle se mostra,
Sem frechas, sem aljava: elle de hum simples
Menino toma a voz, toma a figura:
= Se há visto (entaõ lhe diz) sobre a visinha
Ribanceira avançar-se a estes lugares,

Quem

mo entaõ se representava a Deoza Venus; suas Damas figuravaõ ás Ninfas, e as Graças; a pôpa, e próa estavaõ cheias de bellos Infantes desfarçados em Amores. Ella marchava com toda esta equipagem sobre o rio Cidno ao som de mil instrumentos de musica. Todo o Povo de Tharso a reputou por Deoza, e Antonio desceu do seu Tribunal para lhe sahir ao encontro.

Quem venceo a Mayenne. = Assim fallando,
Elle no coraçaõ lhe insinuava
Hum desejo, ou paixaõ desconhecida
De agradar a este Herôe; de nova graça
Seu rosto se animou; e o Amor mesmo,
Já de vella taõ bella se gloriava;
De tantos attractivos soccorrido,
Que se naõ prometteria! Elle a encontrar-se
Com o Monarcha os passos lhe dirige.
O simples artificio, com que o adorno
Ella em si há formado, parecia
Aos olhos, que se enganaõ, hum effeito
Da natureza; o oiro de seus loiros
Cabellos, que se espalhaõ, ondeando
A' vontade dos ventos, humas vezes
A garganta lhe cobre, e os dois thesoiros
Nascentes; outras vezes patenteaõ
O indizivel encanto. Mais amavel
Sua grave modestia inda a fazia,
Naõ aquella sombria austeridade,
Que affugenta os Amores, e inda a mesma
Formosura; hum pudôr sim doce, e brando,
Innocente, pueril, que torna o rosto
Colorido com hum rubor divino,
Que motiva o respeito, que os desejos
Inflamma, que inda mais augmenta o gosto
D'aquelle, que feliz póde vencella.

Ins

Inda faz mais o Amor, mas que milagre
Lhe será impossivel! Elle encanta
Com hum forte attractivo estes lugares;
As murtas enlaçadas, que obediente
A terra de improviso vai brotando
De seu prodigo seio, estendem logo
Em torno d'esta estancia as suas folhas:
Quem passa á sombra d'ellas, por occultos
Laços sente prender-se; entre o deleite,
E a turbaçaõ já mais póde apartar-se;
Debaixo d'esta sombra, fugitiva
Corre huma fonte, assás encantadora;
Os ditosos amantes docemente
Engolfados, alli a longos tragos
Bebem do seu dever o esquecimento;
Por toda a parte Amor faz, que se sinta
O seu poder; alli tudo apparece
Mudado, os coraçoens naõ tem socego;
Todos envenenados saõ do encanto,
Que respiraõ; em fim tudo alli falla
De Amor. No prado os passaros redobraõ
Os beijos, as caricias, e os seus cantos;
O ardente cegador, que antes da aurora
Se encaminha a cortar essas, que o Estio
Creou, loiras espigas, se perturba,
Suspira, e se detem; impaciente

Seu

Seu coraçaõ com ſeus novôs deſejos;
Fica encantado n'eſtes deliciôſos
Retiros; ſuſpirando em fim naõ póde
Proſeguir na colheita. Junto d'elle
A Paſtora eſquecida dos rebanhos,
Da tremula maõ ſente já cahir-lhe
O fuſo: como a hum poder taõ forte
Se pode oppor d'Eſtrée? Por hum encanto
Invencivel ſe vê toda attrahida;
N'eſte dia funeſto, ah! que inimigos
Vai combáter! a ſua mocidade,
O Heróe, o Amor, e o ſeu coraçaõ terno!

O valor immortal de Henrique he certo,
Que o chamava em ſegredo algumas vozes
Para as ſuas bandeiras vencedoras;
Huma invizivel maõ he, quem o obriga,
E faz, que ſe demore; na virtude
Em vaõ procura o apoio, ella o abandona;
Céga ſua alma, em fim, naõ vê, naõ ouve,
Mais, que d'Eſtrées, naõ ama, naõ conhece.

Longe d'elle entre tanto os Chefes todos
Cheios de admiraçaõ já ſe perguntaõ,
Onde o Principe eſtá; pelos ſeus dias
Elles tremem, e ficaõ conſternados:

Quem

Quem o pudera crer ! N'este momento
Muito houve que temer-se pela gloria
De Henrique , em vaõ se busca , seus soldados ;
Postos sem elle em marcha , o valor perdem ,
Sem o seu Rei parecem já vencidos.

Mas o Genio feliz , que assim preside
A' França , naõ soffreu por muito tempo
Taõ arriscada ausencia ; dos Céos desce
A' voz de Luiz , e a dar soccorro ao filho
Vem de hum rapido vóo ; entaõ chegado
A este triste hemisphério , olhou em roda
Por toda a terra , a ver , se n'ella hum sabio
Poderia encontrar ; naõ o procura
N'esses lugares sempre respeitaveis ,
Em que habita a abstinencia , que ao silencio ,
E ao estudo se consagraõ ; a Ivry parte :
Alli , onde a licença , onde a arrogancia
Do vencedor guerreiro se enfurece ,
Seu vóo terminou o sempre fausto
Anjo da França ; sim , no centro mesmo
Das bandeiras dos filhos de Calvino
Dirigio-se a Mornay ; (f) n'isto quiz elle

 En-

(f) He erróneo o pensamento do A. , quando affirma , que a razaõ só , e o discurso bastaõ a dirigir as nossas acçoens Póde sim o homem obrar sem a influencia da graça , algumas acçoens na ordem natural , mas nunca ellas seraõ dignas de

Ensinar-nos, que muitas vezes basta,
Para nos conduzirmos, o discurso,
Como no Gentilismo a razaõ fora,
A que a Plataõ guiára, e a Marco Aurelio;
Vergonha que seráõ dos Christaõs sempre.

Mornay sombre, naõ só prudente amigo,
Mas austero Philosofo, a grande arte
De arguir, e de agradar ao mesmo tempo;
Melhor que seus discursos, instruhia
Seu exemplo; as mais solidas virtudes
Foraõ os seus, e os unicos amores;
Ancioso de trabalhos, insensivel
A's delicias, com passo firme andava
Junto dos precipicios, o ár da Corte,

E

huma superior recompensa. A prova que elle produz he igualmente futil: nunca se viraõ no gentilismo virtudes solidas, e dignas do Christianismo. O mesmo Plataõ, e Marco Aurelio mancharaõ suas maximas Philosoficas com mil erros praticos. He por isso que d'estes sabios diz o Apostolo, que Deos os entregou a seus reprovados sentimentos por naõ terem reconhecido a liberal maõ do Céo, que sobre elles derramou as suas luzes. Além de que, he muito verosimil, que estes Philosofos tivessem conhecimento da revelaçaõ, donde podiaõ tirar essas bellas maximas, que nós deixaraõ, e de que naõ se souberaõ approveitar. Plataõ, além de outros sabios Gregos, peregrinou por diversos paizes, e penetrou até o Egypto, como escreve Diogenes Laercio na sua vida: alli, elle podia ter perfeito conhecimento da Lei Moysaica: os Romanos, e como naõ Marco Aurelio este grande Imperador? foraõ mil vezes atterrados pela fatal voz dos pregoeiros Evangelicos, que combateraõ na mesma Roma os seus erros. (*Nota do Editor*)

E o seu sopro empestado naõ puderaõ
Inficionar já mais a sempre austera
Innocencia do seu coraçaõ casto.
Assim, ó bella Arethuza, as tuas aguas
Afortunadas correm para o seio
Furioso de Amphitrite, hum crystal puro;
As ondas sempre claras, a quem nunca
Os amargosos mares corromperaõ.

O excellente Mornay, sendo-lhe guia
A Prudencia, transporta-se aos lugares,
Onde em braços a tepida moleza
O vencedor retinha dos humanos,
E n'elle subjugava juntamente
Os destinos da França; a cada instante
O Amor, suas victorias augmentando,
Mais feliz o fazia, porque a gloria
O inflammasse melhor; quando os prazeres
Tem quasi sempre termos taõ succintos,
Seus momentos alli se repartiaõ,
E preenchiaõ seus dias deliciosos.

No meio d'elles, eis que ardendo em ira,
Amor descobre de Mornay ao lado
A sevéra Prudencia; elle pertende
Lançar sobre hum guerreiro taõ illustre

Hum tiro vingador; imaginava
Encantar seus sentidos, procurando
Ferir seu coraçaõ; mas seus encantos;
Suas iras Mornay sabio despreza;
He sobre suas armas, que se embotaõ
De Amor as settas fracas; elle aguarda;
Que o Rei, sem companhia, se offereça
A seus olhos; talvéz quando contemple
Por desafogo aquelles bons lugares.

No fundo dos jardins, onde huma fonte
Mais crystalina corre, alli debaixo
De hum amoroso myrto, doce asylo
Do segredo, d'Estrée ao Regio amante
Prodiga dispensava os seus agrados;
Elle desfalecia junto d'ella;
Elle ardia em seus braços; já mais nada
Alterava os encantos das suaves
Doces conversaçoens; seus olhos cheios
De venturosas lagrimas estavaõ,
D'essas lagrimas fim, que dos amantes
Fazem toda a delicia. Elles sentiaõ
O lethargo, os desmaios, os transportes;
Os furores, que hum tenro amor inspira,
Que elle só faz gostar, que elle só póde
Descrever; os Prazeres brincadores,

Os

Os Amores pueriz o Heróe desarmaõ;
Hum lhe toma a coiraça, inda cuberta
De sangue, ouuro lhe tira fóra a espada
Formidavel; assim se divertiaõ,
Tendo nas fracas maõs aquelle ferro
Do Throno apoio, assombro dos viventes.

A Discordia de longe entaõ insulta
A fraqueza do Heróe; por hum susurro
Seu barbaro prazer ella declara;
A féra actividade se aproveita
Dos seus instantes; corre em fim da Liga
A irritar as serpentes; ah! que em quanto
Bourbon repousa, e dorme, se desperta
Dos inimigos seus a raiva toda.

N'esses jardins, em fim, onde desmaia
Sua virtude, vê, que lhe appareça
Mornay, e ao vello, cobre-se de pejo;
Hum do outro só por só, teme a presença;
Chega-se o sabio a elle, e hum pensativo
Silencio guarda; mas hum tal silencio,
E suas vistas baixas bem se fazem
Do Principe entender, e assim se explicaõ:
Sobre o sombrio rosto, em que reinava
A austeridade, Henrique facilmente

Sua

Sua vergonha lê, ſua fraqueza
Raras vezes ſe eſtimaõ dos defeitos
As teſtemunhas, ſim, e a qualquer outro,
Que naõ foſſe Mornay, levára Henrique
Muito a mal o cuidado: = Cáro amigo
(O Rei diz) minha colera naõ temas;
Quem meu dever me enſina, eſtá ſeguro
De me agradar; o coraçaõ ſe buſcas
Do teu Principe, vem, porque elle he digno
Inda de ti; o ver-te ſó me baſta;
Porque a mim meſmo tu me reſtituas;
Eu já torno a cobrar toda eſſa gloria,
Que me há roubado o Amor; d'eſte lethargo
Vergonhoſo fujamos á ignominia,
Fujamos em fim d'hum lugar funeſto,
Onde meu coraçaõ ſobreſaltado
Inda ama eſſas cadeias, que o arraſtaraõ;
O meu maior triunfo, de hoje em diante,
Seja o vencer-me, vamos, ſim, nos braços
Da gloria fique Amor eſcarnecido,
E o terror em Pariz logo eſpalhando,
Com o ſangue Heſpanhol o erro apaguemos.

Mornay, a eſtas palavras generoſas,
Conheceu o ſeu Rei = Sois vós (diz elle)
Que appareceis de novo, como auguſto

Apoio

Apoio, e defensor da França inteira;
Vencedor de vós mesmo, vós Rei fostes
Do vosso coração; á vossa gloria
Hum novo resplendor o Amor augmenta;
Se quem o naõ conhece he venturoso,
Illustre, e esclarecido, he quem o vence.

Assim fallou, e o Rèi d'estes lugares
Já se apressa a partir; Oh Céos! Que pena,
Enternecem as suas despedidas!
Cheio do amado objecto, a quem adora,
E a quem foge, se vai a condemnar-lhe
As lagrimas, que verte; ah! que elle mesmo
As derrama tambem; vê-se obrigado
Por Mornay, por Amor vê-se attrahido;
Retira-se, mas torna, em fim já parte
Desesperado. Oh dor! n'este momento
D'Estrée desfalecida, e sem sentidos
Fica, sem côr, sem vida; de huma noite
Repentina seus olhos bellos se ornaõ;
Amor, que o percebeu lançou aos ares
Hum espantoso grito; o Heróe se assusta;
Elle recea, que huma noite eterna
Leve Ninfa taõ bella ao seu dominio,
E que apague os encantos para sempre
D'aquelles olhos, que excitar deviaõ

Na França tanto ardor; elle em seus braços
A recebe, eis que logo aquella amante
A' doce voz do amado vai abrindo
As palpebras defuntas, e o nomeia
Por seu querido bem; torna a chamallo,
Mas em vaõ; com os olhos inda o busca,
E de repente os fecha: o Amor banhado
Das lagrimas, que o Heróe alli vertera,
A' luz, que lhe fugia, brandamente
A torna a revocar; de huma esperança
Enganadora mostra-lhe a doçura,
Do mal, de que era auctor, elle a consola.

Mornay sempre inflexivel, e sevéro,
Entre tanto ao seu Rei penalisado
Incitava, a virtude em fim, e a força
O caminho lhes mostraõ; quem os guia,
Com os loiros nas maõs, he a bella gloria;
Raivoso o Amor de ver-se assim vencido
Do dever, a occultar logo se apressa,
Longe d'Anet, as iras, e a vergonha.

CANTO X.

ARGUMENTO.

Volta o Rei ao ſeu exercito. Elle torna a dar principio ao ſitio. Combate ſingular do Viſconde de Turenna, e do Cavalheiro d'Aumale. Fome horrivel, que aſſola a Cidade: O Rei alimenta os meſmos habitantes, a quem poe ſitio. O Céo recompenſa em fim as ſuas virtudes. A verdade vem illuſtrallo: Pariz lhe abre as ſuas portas, e ſe finaliza a guerra.

Perdidos na moleza os arriſcados
Momentos, cauſa foi de que os vencidos
Já da ſua fraqueza ſe eſqueceſſem;
Para novas acçoens ſe vai diſpondo
Mayenne; huma eſperança, que renaſce,
O Povo alenta, e ao meſmo tempo o engana;
Impaciente Bourbon; pois nada o impede,
Parte logo a acabar ſua conquiſta;
Admirado Pariz torna de novo
A ver ſeus eſtendartes vencedores,
O Heróe junto a ſeus muros torna a ver-ſe,
N'aquelles meſmos muros, nos quaes inda

Fui

Fumando eſtá ſeu raio, e que elle nunca
A reduzir a cinzas ſe há diſpoſto,
Por ter baixado a elle o Anjo da França
'A ſocegar-lhe as iras, e a impedir-lhe
O braço vencedor propinquo ao eſtrago.

Já no campo do Rei ſe ouvem os gritos
De alegria; impacientes o deſpojo
'Anhelaõ todos; juſto aſſombro occupa
Os da Liga, entre tanto que turbados
Com Mayenne ſe juntaõ a Conſelho:
Contrario alli d' Aumale a todo o voto,
Que foſſe timorato, fortemente
Eſta falla lhes fez bem reſoluto:
= Nós inda naõ ſabemos occultar-nos;
Vem a nós o inimigo; he pois preciſo,
Que para elle marchemos, que para elle
Hum furor venturoſo ſe dirija:
A ardencia impetuoſa dos Francezes
Eu bem conheço; a ſombra dos ſeus muros
Lhes ſopita a virtude; ſe ſe ataca
O Francez, elle eſtá meio vencido;
A deſeſperaçaõ, ah! quantas vezes
Tem ganhado as batalhas! Eu eſpero
Tudo de nós, dos noſſos muros nada;
Heróes, que me eſcutaes, voai aos campos

De

De Marte, os vossos Chefes saõ (O' Povos
Que nos quereis seguir) os vossos muros. =

Calou-se a estas palavras: os da Liga
Em silencio parece que lhe accusaõ
A audacia de imprudente; de vergonha
A d'Aumale se assoma o sangue ao rosto,
E nos olhos de todos perturbados
Elle leu impaciente o temor d'elles,
E a repulsa; = Está bem, pois se a seguir-me
(Elle torna) valor em vós naõ acho,
A esta affronta, Francezes, eu naõ quero
Sobreviver; se acaso he que os perigos
Vós temeis, eu só vou, vai só d'Aumale
Offerecer-se a elles, e ensinar-vos
Ao menos a morrer, quando naõ vença. =

As portas de Pariz em hum instante
Elle abrir faz; do Povo, que o rodeia,
Elle despede a escolta, e se adianta:
Hum Rei de armas, Ministro dos combates,
Que até as tendas do Rei lhe há precedido,
Entaõ grita em voz alta = Qualquer, que ama
A bella gloria, venha; sim, dispute
N'este lugar a honra da victoria;
Inimigos, d'Aumale vos espera. =

A' voz do desafio, os Chefes todos
De zelo arrebatados, já queriaõ
Provar o seu valor contra d'Aumale;
Perante o Rei alli se disputavaõ
Sobre a illustre ventagem; todos tinhaõ
O preço do valor bem merecido,
Mas Turenna sómente foi, quem pôde
Obter honra taõ grande; o Rei há posto
Nas suas maõs da França toda a gloria;
Vai (lhe diz) d'hum soberbo essa arrogancia
Reprime, pelo teu Paiz combate,
Pelo Principe teu, e por ti mesmo;
Ao partir do teu Rei recebe as armas:
Isto dizendo Henrique, lhe confere
A sua espada = O' grande Rei (Turenna
Lhe responde, abraçando-o pelos joelhos)
Vossa esperança naõ será frustrada,
Juro-o por este ferro, e por vós juro =
Fallou: o Rei o abraça, e já se lança
Turenna para a parte, onde d'Aumale
Impaciente esperava, que a seus olhos
Hum guerreiro valente apparecesse;
De Pariz todo o Povo correu logo
A's muralhas; os Chefes, e os soldados
De Henrique, junto d'elle se puzeraõ;
Sobre os dois combatentes se firmaõ

As viſtas todas ; cada qual procura
Ver o ſeu defenſor em hum d'aquelles ;
E entaõ naõ ſó com geſtos , mas com vozes ;
Imagina excitár-lhe o valôr forte.

Sobre Pariz no em tanto ſe elevava
Huma nuvem fatal , que parecia
O trovaõ conduzir , e a tempeſtade ;
Seus lados denegridos , e abrazados ;
Abertos de improviſo já vomitaõ
N'eſte lugar os monſtros dos Infernos ;
O horrivel Fanatiſmo , a ſempre infauſta
Diſcordia , a melancolica , ſevéra
Politica , de hum coraçaõ falſario ;
De hum olhar ao revez ; meſmo o Demonio
Dos combates , furores reſpirando ;
Deoſes embriagados ſó de ſangue ,
Deoſes dignos da Liga. Elles aos muros
Da Cidade ſe lançaõ , alli chegaõ
Em favor de d'Aumale ; depois logo
Ao combate ſe apreſſaõ. Eis que do alto
Dos Céos abertos , n'eſſe meſmo inſtante ,
Sobre o Throno dos ares , deſce hum Anjo
De luz cercado , envolto em reſplandores ;
Que com azas de fogo vai abrindo
Sua carreira , atraz de ſi deixando

O Occidente illustrado com os fulcos
Luminosos, de que elle está cingido ;
A oliveira sagrada elle sustinha
Em huma maõ, annuncio prodigioso
De huma paz desejada ; em outra o ferro
Do Senhor das vinganças reluzia,
A espada, que vibrara em outro tempo
O Anjo exterminador, quando se acharaõ
Condemnados á morte devorante
Pelo Eterno os primeiros, que nasciaõ
De huma raça insolente. Logo á vista
D'esta espada suspensos, desarmados
Os monstros infernaes, desfalecidos
Se mostraõ; o terror logo os sorprende,
Hum poder invencivel lança em terra
As armas vis d'aquella infame tropa.
Assim do seu Altar, tincto de sangue
Dos humanos, cahio o Dagon féro,
O Deos dos Philisteos, apenas a Arca
Do Deos dos Deozes fora alli trazida,
E áquelle cégo Povo apresentada.

Pariz, o Rei, o exercito, os Infernos
E os Céos fictado tinhaõ suas vistas
Sobre o illustre combate ; os dois guerreiros
Na carreira entraõ logo ; soube Henrique

De huma acçaõ de honra abrir-lhes o caminho;
C'o pezo de hum escudo elles seus braços
Naõ opprimem, tambem se naõ occultaõ
Debaixo d'esses bustos de aço, ou bronze,
Que foraõ n'outro tempo ornato honroso
De antigos Cavalleiros, para a vista
Brilhantes, para o ferro impenetraveis;
Quizeraõ rejeitar hum apparato,
Que demora o combate, e que o perigo
Faz que seja menor; as suas armas
Saõ só a espada; abjecta outra defeza,
Expostos corpo a corpo já se avançaõ:
= O' Deos (Turenna exclama) que és agora
Arbitro do meu Rei, d'esses Céos desce,
E julga a sua causa; por mim hoje
Peleja, que o valor, sem ter a tua
Maõ protectora, he em vaõ quanto trabalha;
Eu de mim nada espero, e se confio,
He na tua justiça. = Entaõ d'Aumale
Respondeu = Do meu braço tudo espero;
De nós he, que depende esse destino
Dos combates; em vaõ hum timorato
Implora o Deos Supremo; bem tranquillo
Nos Céos elle a nós mesmos nos entrega;
O partido mais justo he do que vence,
E o valor he sómente o Deos da guerra. =

Fal

Fallou: e de hum aspecto todo cheio
De soberba, elle vê a segurança
Modesta, com que o seu rival se porta.

Mas a trombeta sôa; ambos avanção,
O combate fatal em fim começa;
Tudo, quanto já mais em si puderaõ
O valor, a destreza, a agilidade,
A constancia, a paixaõ, o ardor, a força,
Se vio de ambas as partes n'este choque
Admiravel; cem golpes eraõ dados,
E reparados logo ao mesmo tempo;
Com furor humas vezes hum sobre outro
Se lança, mas com passo mui ligeiro
Se desvia o contrario; mais unidos
Outras vezes parece, que se apertaõ;
Espantoso prazer he vellos ambos
No perigo maior; dá gosto vellos
Como se observaõ, como entaõ se medem,
Se temem, se demoraõ, se arremeçaõ;
O ferro scintillante desviado
Com arte, nos fingidos movimentos
Engana a vista absorta, e confundida:
Tal se há visto do Sol a luz brilhante
Quebrar seus raios na agua transparente,
E por outros caminhos já rompendo,

Do

Do crystal puro repassár aos ares :
O expectador attento , sorprendido ,
Naõ o podendo crêr , a todo o instante
Via dos combatentes logo a queda ,
Para logo a victoria ; mais ardente
He d'Aumale , mais forte , e mais furioso ;
He mais destro Turenna , porém menos
Impetuoso ; senhor dos seus sentidos
Sem colera animado , pouco a pouco
Faz cançar o seu rigido contrario :
D'Aumale em vaõs esforços exhaurido
Tem logo o seu vigor , e assim seu braço
Já fatigado ao seu valor naõ serve ;
Turenna , percebendo-lhe a fraqueza
Reanima-se entaõ , e vai sobre elle ;
De tal sorte o carrega , que de hum golpe
Por fim mortal o peito lhe traspassa :
Envolvido nas ondas do seu sangue
D'Aumale cahe : do Inferno os monstros todos
Tremeraõ , e estes lugubres accentos
Lá nos ares se ouviraõ = Já da Liga
Se há destruido o Throno para sempre ,
Tu o levas , Bourbon , o nosso Reino
Acabou = Todo o Povo corresponde
Com gritos lamentaveis. Já d'Aumale ,
Sem vigor estendido sobre a areia ,

Ameaçando a Turenna, em vaõ o ameaça;
Sua espada terrivel já se observa
Da maõ cahir-lhe; sim, fallar pertende,
Mas na boca languente a voz lhe espira;
O horror de ser vencido he quem o aspecto
Lhe faz ser mais feroz; ergue-se, e torna
A cahir; abre hum olho agonizante,
Vê a Pariz, e morre suspirando:
Mayenne desgraçado assim o viste;
Tu tremes, tua proxima ruina
Ah! que n'este taõ horrido momento
Se está offerecendo a teus sentidos.

Os soldados no em tanto conduziaõ
Aos muros de Pariz, a passos lentos,
O corpo miseravel de d'Aumale; (a)
Por entre hum Povo cheio de tristeza
(Que horror!) este espectaculo funesto,
Esta pompa fatal foi caminhando;
Vê cada qual tremendo aquelle corpo
Desfigurado, o rosto denegrido,
Tincto de sangue; a boca hum pouco aberta;
Inclinada a cabeça ensanguentada,

E

(a) O Cavalheiro d'Aumale foi morto n'este tempo em S. Diniz, e a sua morte debilitou muito o partido da Liga. O seu duello com o Visconde de Turenna naõ he mais, que huma ficçaõ, mas estes combates particulares usavaõ-se entaõ.

E cubertos de pó os olhos, onde
A morte em seus horrores mais se empenha;
Já se naõ ouvem gritos; naõ se observaõ
Lagrimas; a vergonha; o abatimento,
A piedade, o temor contém as queixas,
Os suspiros suffocaõ; tudo treme,
Cala-se tudo; hum ruido entaõ terrivel
O horror d'este silencio augmenta logo;
Os gritos dos sitiantes se levantaõ
Até os Céos; os soldados, e seus Chefes
Ao Rei supplicaõ, instaõ pelo assalto:
Bourbon n'este momento lhes modéra
A colera, e valor; sentio, que ainda
Dentro em si elle amava a ingrata Patria,
Elle salvalla quiz da propria furia;
Prompto em favorecer os seus Vassallos,
Quando era d'elles mais aborrecido;
A tempo que perderem-se procuraõ,
Elle os quer só ganhar; feliz se julga,
Se com sua bondade sujeitando
A féra audacia d'estes infelices,
Os pudesse forçar, a que rogassem
D'elle o perdaõ; podendo destruillos,
Faz, com que lhe resistaõ; aos furores
Lhes deixa em fim Bourbon entregue o tempo
De assim se arrependerem: há previsto,

Que sem assaltos póde, sem combates,
Opprimillos; que a fome, que a penuria,
Mais fortes do que as armas, sem trabalho
Lhe entregaraõ hum Povo sem alentos,
Nutrido na abundancia, costumado
Ao luxo, que vencido de seus males
Pela indigencia, humilde chegaria
A implorar a seus pés toda a clemencia:
Porém o falso zelo (ah! Quem taõ duro
Deixara de ceder!) o soffrimento
Lhes ensina, e que a tudo elles se arrisquem.

Os sediciosos pois, a quem poupava
Huma maõ vingadora, inda se atrevem
A tomar por fraqueza, o que he virtude
N'hum poderoso Rei; do valor d'elle
Esquecidos, soberbos abuzando
De tantas graças, já de novo insultaõ
O seu senhor, affrontaõ, a quem mesmo
Soube vencellos; chegaõ finalmente
A infamar-lhe a vingança por ociosa.

Mas quando, em fim, do Sena, posto em sitio,
As aguas conduzir já naõ puderaõ
Para a grande Cidade o costumado
Tributo das copiosas sementeiras

Dos

Dos ſeus contornos, quando a fome infauſta,
E pallida, em Pariz apparecia,
Moſtrando a triſte morte, que apoz d'ella
Marchava, entaõ ſe ouviraõ eſpantoſos
Alaridos; Pariz de deſgraçados
(O ſoberbo Pariz) ſe vio encher-ſe,
Dos que com voz languente, a maõ tremendo,
Para a vida o ſuſtento em vaõ pediaõ;
O meſmo rico, vendo ſeus esforços
Baldados, para, logo ſente a fome
No meio dos theſoiros. Naõ haviaõ
Nem mais divertimentos, nem mais jogos;
Ou feſtas, onde todos adornavaõ
De roſas, e de murtas as cabeças;
Onde em grandes prazeres (que ſaõ ſempre
De pouca duraçaõ) os mais ſelectos
Vinhos, e os mais magnificos manjares,
Debaixo das abobedas doiradas,
Em que habita a moleza, deſafiavaõ
Do inerte paladar o goſto enfermo.

Com horror, todos eſſes voluptuoſos
Entaõ ſe vio, que, pallidos, no aſpecto
Desfigurados, tendo a morte á viſta,
No centro da opulencia perecendo
De miſeria, deteſtaõ por inutil
De ſeus bens a abundancia; aquelle velho;

Cuja fome termina já feus dias;
Vê que efpira no berço fem foccorro
O caro filho; alli desfalecendo
Huma familia inteira perde a vida;
Mais adiante, lançados fobre a terra
Mil outros infelices, difputando
Eftaõ inda nos ultimos inftantes
Sobre fordidos reftos, vis reliquias
De huns alimentos vis. Eftes efpectros
Famintos, ultrajando à natureza,
Vaõ demandar ao feio dos fepulchros
O fuftento; dos mortos, e já podres
Offos, como fe foffe hum puro trigo,
Difpoem (que horror!) o paõ: que naõ obrigaõ
A tentar as mizerias mais extremas!
Das cinzas de feus Pais elles fe nutrem,
Porém efta iguaria deteftavel
Mais lhes apreffa a morte; (b) efte alimento
Em fim lhes ferve de ultima comida.

Com tudo os Sacerdotes, (c) effes impios
Fanaticos Doutores, que bem longe

De

(b) O Embaixador de Hefpanha foi, o que aconfelhou, a que dos offos dos mortos fizeffem paõ; mas ifto fervio de abbreviar mais os dias a muitos milhares de homens.

(c) Se he certo o que fe affirma d'eftes Ecclefiafticos, he effe

De terem tambem parte nas miserias
Publicas, dirigindo seus paternos
Cuidados taõ sómente para às proprias
Necessidades, todos na abundancia
Viviaõ sempre, á sombra dos Altares; (d)
Attestando a paciencia do Deos, que elles
Tanto ultrajavaõ, promptos acudiaõ
Por toda a parte a dar esforço ao Povo
Para a constancia; a huns, a quem a morte
Hia a cerrar os olhos, patenteavaõ
Suas maõs liberaes dos Céos as portas;
Ao mesmo tempo a outros, d'hum austéro
Golpe de olho profetico, mostravaõ
O raio abrazador todo eminente
Sobre hum Principe herege; os numerosos
Soccorros, sem demora alli chegados,
A pôr salvo a Pariz, em fim té prompto
Do Céo o Manná, cahindo já sobre elles;
Ah! Que estes contos vaõs, estas promessas
Estereis, mais, e mais inda encantavaõ

A

esse facto hum argumento [illegible] da sua avareza, e inhumanidade; mas os costumes (como já n'outra parte se advertio) em nada podem detrahir á doutrina sancta do Evangelho, que taõ claramente recommenda a compaixaõ para com os nossos similhantes, a quem manda amar como a nós mesmos, e por consequencia soccorrellos na sua miseria, e indigencia? (*Nota do Editor*)

(*d*) Fez-se revista (diz Mezeray) nas casas dos Ecclesiasticos, e nos Conventos, e se acharaõ todos com provimento, inda os mesmos Capuchinos, para mais de hum anno.

A tantos desgraçados, muito faceis
De se enganarem; elles seduzidos
Pelos Padres, tambem amedrontados
Dos Dezeseis, submissos, e contentes,
Aos pés d'elles morriaõ; na verdade,
Porque a vida abandonaõ, saõ felices.

D'hum montaõ de Estrangeiros a Cidade
Repleta estava; tigres, que em seus seios
Nossos Avós nutriraõ; mais terriveis,
Que a mesma morte, a guerra, e do que a fome:
Huns que vieraõ das Belgicas campanhas
Outros lá dos penhascos, e dos montes
Da Helvecia, (e) todos barbaros, que ostentaõ
A guerra por officio, e as suas vidas
Naõ duvidaõ vender, a quem lhas pague:
D'estes novos tyrannos as famintas
Tropas põem cerco ás cazas, e furiosas
Rompem as portas; dentro aos assustados
Hospedes vaõ ferir com mortaes golpes
Naõ por lhes arrançar os seus inuteis
Thesoiros; naõ porque roubar pertendaõ
Com huma maõ adultera huma filha

Cho-

(e) Os Suissos, que estavaõ em Pariz a soldo do Duque de Mayenne, ahi commetteraõ terriveis excessos; he sobre elles somente, que cahe o nome de barbaros, e naõ sobre a sua Naçaõ, por ser esta huma das mais respeitaveis do mundo.

Chorosa á pobre Mãi, que treme em sustos;
Sim, a necessidade, de huma fome
Taõ cruel, que os devóra, mostra n'elles
Suffocar qualquer outro sentimento,
Só porque se alimentem por hum pouco
De tempo; este era o fim de huma espantosa
Diligencia; indo apoz d'esta fortuna,
Crueldade naõ houve, nem supplicio,
Que d'elles o furor naõ inventasse.

Huma mulher (p) (Ó Deos!) he necessario
Conservar na lembrança a narrativa
Horrenda d'huma historia taõ funesta!
Huma mulher se achou destituida
D'hum resto de alimento, por huns d'estes
Coraçoens inhumanos, dos bens, que ella
Vio, que a cruel fortuna lhe roubara,
Hum filho lhe restava, já propinquo
A espirar, como a Mãi; ella furiosa
Com hum punhal na mão chega-se ao filho
Innocente, que os braços lhe estendia:
A infancia, sua voz, seus attractivos;
Sua miseria á Mãi enfurecida

Mil

(p) Esta historia he contada em todas as memorias do tempo. Similhantes horrores acontecerão tambem no sitio da Cidade de Sancerre.

Mil lagrimas lhe arrancaõ ; ella volta
Sobre elle entaõ seu rosto perturbado ,
Cheio de amor , de raiva , de piedade ,
E de pezar ; o ferro por tres vezes
Se lhe escapa da maõ desanimada ;
Arrebatou-se em fim dos seus furores ,
E com tremula voz amaldiçoando
O hymeneo , e o ter sido ella fecunda ,
= Cáro filho (lhe diz) tu , que sahiste
D'estas minhas entranhas desgraçado ,
De balde recebeste a triste vida ;
Os tyrannos , e a fome bem depressa
Ta roubaraõ ; mas filho , porque he justo
Que vivas ? Para errante , e sem ventura
Andares em Pariz chorando sempre
Sobre as suas ruinas ? Naõ ; morre , antes
De sentires meu mal , e as tuas penas ;
Torna-me a vida , e o sangue , que te há dado
Tua Mãi ; este meu infeliz peito
Te sirva de sepulchro ; hum novo crime
Veja ao menos Pariz em seus trabalhos. =
Dizendo estas palavras delirante ,
E furiosa , no peito de seu filho
A maõ tyranna enterra , estremecendo
O ferro parricida ; para junto

Do fogo ella o corpinho ensanguentado
Conduz, e com o braço, pela sua
Cruel fome impellido, então prepara
Sofregamente a barbara comida.

Attrahidos da fome os impetuosos
Soldados, a guiar tornaõ seus passos
Para esta habitação toda de horrores;
He d'elles o transporte similhante
A' alegria cruel, que occupa os Ursos,
E os Leoens, quando cahem sobre a preza:
Huns, e outros á porfia vem furiosos,
E mettem dentro as portas; mas que espanto!
Que terror! Junto a hum corpo ensanguentado
Se mostra á vista d'elles perturbada
Huma mulher, de sangue toda immunda.
= Sim, he meu proprio filho, crueis monstros!
Sois vós, que no seu sangue haveis tingido
Minhas maõs; de sustento pois vos sirvaõ
A Mãi, e o filho; acaso estaes receando,
Mais do que eu, ultrajar a natureza?
Que horror eu vejo em vós, que assim parece
Vos gela a todos? Tigres, taes regalos
Para vós se dispóem = Este discurso
Insensato, que a colera lhe inspira,
D'hum punhal he seguido, que em seu peito

Ella crava: agitados, e confusos
Do horror d'este espectaculo, já fogem
Estes monstros crueis espavoridos:
Naõ ouzaõ mais olhar para esta casa
Terrivel; pensaõ ver cahir sobre elles
Fogo celeste, e o Povo já cançado
De ver o horror fatal do seu destino,
Erguia as maõs ao Céo, pedia a morte.

Até ás tendas do Rei foraõ as queixas;
Seu coraçaõ moveu-se, compungiraõ-se
Suas entranhas; sobre o infiel Povo
Elle se vê chorar: O' Deos (diz elle)
Deos, que nos coraçoens sempre estás lendo,
Que vês tudo, o que eu posso, que conheces,
Quanto emprehendo; tu és o Juiz da causa
Entre Henrique, e os da Liga; a ti, bem sabes;
Que eu as maõs innocentes erguer posso:
Eu estendia os braços aos rebeldes;
Naõ caiaõ sobre mim suas desgraças,
E seus crimes. Mayenne por seu gosto
Estas victimas há sacrificado,
Elle impute, se quer, tantos desastres
A' obrigaçaõ preciza; he esta a escusa
Dos tyrannos; as penas, as miserias,
Elle faça augmentar de meus Vassallos

Por elle seduzidos; inimigo
Elle he d'elles; ser Pai a mim me toca;
Alimentar meus filhos me pertence,
E arrancallos dos lobos devorantes:
O meu Povo deveu aos meus favores
O armar-se contra mim; eu por salvallo
Arriscarei perder o meu diadema;
Elle viva, eu o quero; naõ importa
A que preço; inda mesmo a pezar d'elle;
Salvemo-lo com tudo dos que foraõ,
E saõ seus verdadeiros inimigos:
E se muita piedade em fim me custa
O meu Imperio, ao menos me contento;
Que em meu tumulo possa ler-se hum dia
= Henrique hum inimigo generoso
De seus Vassallos, que antes ha querido
Vellos salvos, do que reinar sobre elles. =

Fallou: e ordena logo (g) se avisinhe
Sem estrondo o exercito ás muralhas
Da Cidade faminta; que se levem
Aos Cidadãos da paz bellos annuncios,
E que, em vez de vingança, só se tracte

De

(g) Henrique IV, foi taõ bom, que permittia aos seus Officiaes (como diz Mezeray) que mandassem refrescos ás Damas, e aos seus amigos antigos: a exemplo dos Officiaes os soldados o faziaõ tambem.

De beneficios. Promptas obedecem
Ao supremo preceito as suas tropas :
Os muros se guarnecem n'hum instante
De immenso Povo ; então se vém sobre elles
Chegar a passos lentos esses corpos
Inanimados ; pallidos ; tremenres ;
Taes, como se fingia, em outro tempo
Que dos Reinos escuros esses Magos
Ao seu mando faziaõ vir as sombras,
Quando com sua voz elles detinhaõ
Do Cocyto as correntes ; e chamavaõ
Os infernos, e as almas vagabundas.

De que excessivo assombro naõ se occupaõ
Estes agonizantes, quando admiraõ,
Que se apromptа a nutrillos elle mesmo
O inimigo cruel ? Atormentados,
Destruidos pelos seus bons defensores ;
Achaõ nos que os perseguem a piedade ;
Todos estes successos elles tinhaõ
Por incriveis ; os piques formidaveis
Vaõ diante de si ; viaõ os bronzes,
Instrumentos que saõ das tyrannias
Da sorte ; as lanças, sempre conductoras
Do estrago, agora viaõ, que, auxiliando
De Bourbon a vontade generosa,

Nas pontas de hum ensanguentado ferro
A vida lhes traziaõ ; Pois saõ estes
(Elles dizem) aquelles crueis monstros ?
Este o Tyranno aos homens taõ terrivel ?
O inimigo de Deos , que assim nos pintaõ
De colera taõ cheio ? Ah ! que he esta
A mais brilhante imagem do Deos vivo ;
He hum Rei bemfeitor , sacro modelo
Dos mais Principes ; nós viver debaixo
Das suas leis já mais lhe merecemos ;
Elle triunfa , e perdoa ; a quem o offende
Elle ama ; possa todo o nosso sangue
Firmar o seu poder. Nós muito dignos
Da morte , de que Henrique nos izenta ;
Consagremos-lhe o resto d'esses dias ,
Que elle nos há piedoso conservado.

D'aquelles coraçoens enternecidos
Esta foi a linguagem : mas quem póde
D'hum inconstante Povo assegurar-se ,
Cuja fraca amisade em vaõs discursos
Se dissipa ; que algumas vezes se ergue ;
Mas que sempre a cahir torna de novo !
Os Sacerdotes , esses que mil vezes ,
Por meio da eloquencia mais funesta ,
Accenderaõ os fogos , que violentos

Consumiraõ a França, a este Povo
Humilhado se vaõ mostrar em pompa
= Combatentes sem animo (lhes dizem)
E Christaõs sem virtude, de que indigno
Encanto vos deixaes enganar todos?
As palmas do martyrio já vós fracos
Desconheceis? Soldados do Deos vivo,
Quereis antes viver para ultrajallo,
Do que morrer por elle? Desde o Empyreo
Vós está Deos mostrando as suas c'roas;
Christaõs, naõ esperemos, que hum Tyranno
Nos haja de perdoar; á sua Seita
Criminosa reunir-nos só pertende;
Com esses pois seus proprios beneficios
Tractemos de o punir; os Templos Sanctos
D'esse seu culto heretico salvemos. =
Assim he que prégavaõ: suas vozes
Fanaticas, senhoras do vil Povo,
E terriveis aos Reis, calar faziaõ
A voz dos beneficios recebidos;
Tornando alguns entaõ á antiga furia,
Promptamente em segredo se accusavaõ
De deverem a vida ao grande Henrique.

Por entre estes clamores, e por entre
Estes gritos odiosos, a virtude

D'es-

D'este Rei até os Céos há penetrado;
Luiz, que velou sempre, nas alturas
Da abobeda divina, sobre a raça
Dos Bourbons, de quem elle era principio;
Conhece em fim, que os tempos caminhavaõ
A serem já cumpridos, e que o excelso
Rei dos Reis o seu filho adoptaria:
Fóra do coraçaõ lhe lançou logo
Os encantos; a fé enxugar veio
Os seus olhos de lagrimas banhados;
Veio a doce esperança juntamente
Com o amor paternal, que conduziraõ
Seus passos junto aos pés do Deos Eterno.

He no meio das luzes d'hum perenne,
E puro fogo, que (antes lá dos tempos)
O seu Throno immutavel Deos há posto:
Debaixo de seus pés o Céo se forma;
De differentes astros sempre o curso
Regulado o annuncia ao Universo;
Hum Poder, hum Amor, á Intelligencia
Associados naõ só, mas divididos,
Compõem a sua essencia; na doçura
De huma paz immortal, de huma torrente
De gostos os seus Sanctos engolfados,
Penetrados naõ só da sua gloria,

Mas d'elle mesmo cheios, á porfia
Adoraõ sua immensa Magestade:
Em frente d'elle estaõ os abrazados
Seraphins, a quem elle há commettido
Do Universo os destinos; elle falla,
E vaõ elles mudar da terra à face;
Das potencias do seculo saõ elles
Que a raça diminuem, entre tanto
Que os humanos, infame jogo do erro,
Dos eternos conselhos sempre accusaõ
O sublime; por elles se vio Roma
Castigada, e sujeita; aos bravos filhos
Do Norte foi entregue toda a Italia,
Hespanha aos Africanos, e a Cidade
Sancta, aos que de Mafoma o rito seguem;
Todo o Imperio há cahido, todo o Povo
Há tido seus Tyrannos; porém esta
Impenetravel, justa Providencia
Naõ deixa prosperar sempre a arrogancia;
Sua bondade algumas vezes pende
A inclinar-se aos humanos, e entaõ passa
Dos Reis o Sceptro ás maõs mais innocentes.

Eis o Pai dos Bourbons já se apresenta
A seus olhos, e em meio dos suspiros
Com voz enternecida assim lhe falla:

Pai

= Pai do Universo, eu sei, que algumas vezes
Honras de huma só vista os Reis, e os Póvos;
Olha o Povo Francez, como rebelde
Ao seu Principe he; se elle quebranta
As tuas leis, por fiel he que assim obra;
Cégo pelo seu zelo naõ attende,
Que te desobedece; em só vingar-te
Pensa, quando traidor a ti se mostra:
Vê esse Rei triunfante, que he da guerra
Raio, exemplo, e terror, gloria do mundo;
Com tal virtude pois hás tu formado
Seu coraçaõ, e agora assim o entregas
Aos laços do erro? He ponto mui preciso,
Que obra das tuas maõs a mais perfeita
Offereça ao seu Deos, ao Deos, que adora;
Huma impura, e culpavel homenagem?
Ah! se ignorar teu culto o grande Henrique;
Por quem o Rei dos Reis quer, ou pertende
Ser adorado? Ah! digna-te dar luzes
A hum nobre coraçaõ, que foi criado
Para te conhecer; hum filho á Igreja
Benemerito dá, e hum Rei á França:
Dos da Liga obstinados desordena
Os projectos; dá o Principe aos Vassallos;
E os Vassallos ao Principe; tu pódes
Fazer, que os coraçoens todos unidos

Tua justiça adorem, e te offereçaõ
Hum mesmo sacrificio em Pariz todos.

De seus rogos o Eterno já se deixa
Penetrar; por palavra, que se digna
Dar-lhe da sua boca, elle o assegura:
A' sua vóz Divina os mesmos astros
Se abaláraõ, tremeu com ella a terra,
Os Ligados tremeraõ; de improviso
Henrique, que nos Céos havia posto
Toda a sua firmeza, bem prezume,
Que o Altissimo por elle se interessa.

De repente a verdade, essa que há muito
Se espera, dos humanos sempre amada,
Muitas vezes porém desconhecida,
Para as tendas do Rei desce da altura
Lá dos Céos; logo hum véo espêsso a impede
De ser vista de algum; de instante a instante
As sombras, que a escurecem, vaõ cedendo
A' clara luz dos fogos, que as dissipa
Pouco a pouco; ella em fim se manifesta
A seus olhos, de a verem já contentes,
Naõ com falso brilhante, sim com hum claro
Esplendor, que já mais naõ alucina.

Henrique, cujo peito ſempre illuſtre
Para ella era formado, vê, conhece,
Adora em fim a ſua luz eterna;
Com fé confeſſa já, que he muito aſſima
Do homem a Religiaõ, que ella confunde,
Ella aſſuſta a razaõ; já reconhece
A Igreja, cá na terra combatida,
A Igreja huma ſó ſempre, dilatada
Por toda a parte; livre; mas debaixo
D'hum Chefe; em fim a Igreja, que reſpeita;
Que adora, nos milagres dos ſeus Sanctos,
Do ſeu immenſo Deos toda a grandeza.

Chriſto por noſſas culpas renaſcida
Victima, diſtribuido em hum vivente
Suſtento aos ſeus amados, e eſcolhidos,
Deſce ſobre os Altares: conſternados
De Henrique os olhos, elle entaõ deſcobre
Debaixo alli do paõ, que naõ exiſte,
Hum Deos Eterno; rende-ſe obediente
Seu coraçaõ, entrega-ſe aos myſterios
Sanctos, a ſeu juizo incomprehenſiveis.

Luiz n'eſte momento, em que completa
Seus deſejos, Luiz, na maõ trazendo
A oliveira da paz lá dos Céos deſce

Em

Em demanda do Herôe, que tanto estima;
Aos muros de Pariz vai elle mesmo
A conduzillo; os muros abalados
A' sua voz se abriraõ: elle em nome
Do Deos, que faz, que os Reis a reinar cheguem,
Entra entaõ; (*b*) os da Liga confundidos,
As armas humilhando aos pés de Henrique,
Com lagrimas os banhaõ; ficaõ mudos
Os Sacerdotes; pallidos, e cheios
De susto os Dezeseis, em vaõ procuraõ
Para occultar-se as grutas mais distantes;
Todo o Povo, mudado n'este dia,
O seu Rei verdadeiro reconhece,
Seu vencedor, seu Pai o acclamaõ todos.

Desde entaõ se admirou feliz, glorioso
Hum reinado, que tendo seu principio
Taõ tarde, taõ depressa teve o termo:
O Hespanhol assustou-se; Justamente
Roma já mitigada, naõ duvida
Adoptar a Bourbon; Roma se há visto

D'el-

(*b*) Este bloqueio, e esta fome de Pariz tem por Epoca o anno de 1590, e Henrique IV. naõ entrou em Pariz se naõ no mez de Março de 1594. Elle se havia feito Catholico em Julho de 1593, mas foi preciso trazer para aqui estes tres grandes acontecimentos, porque se escrevia hum Poema, e naõ huma historia.

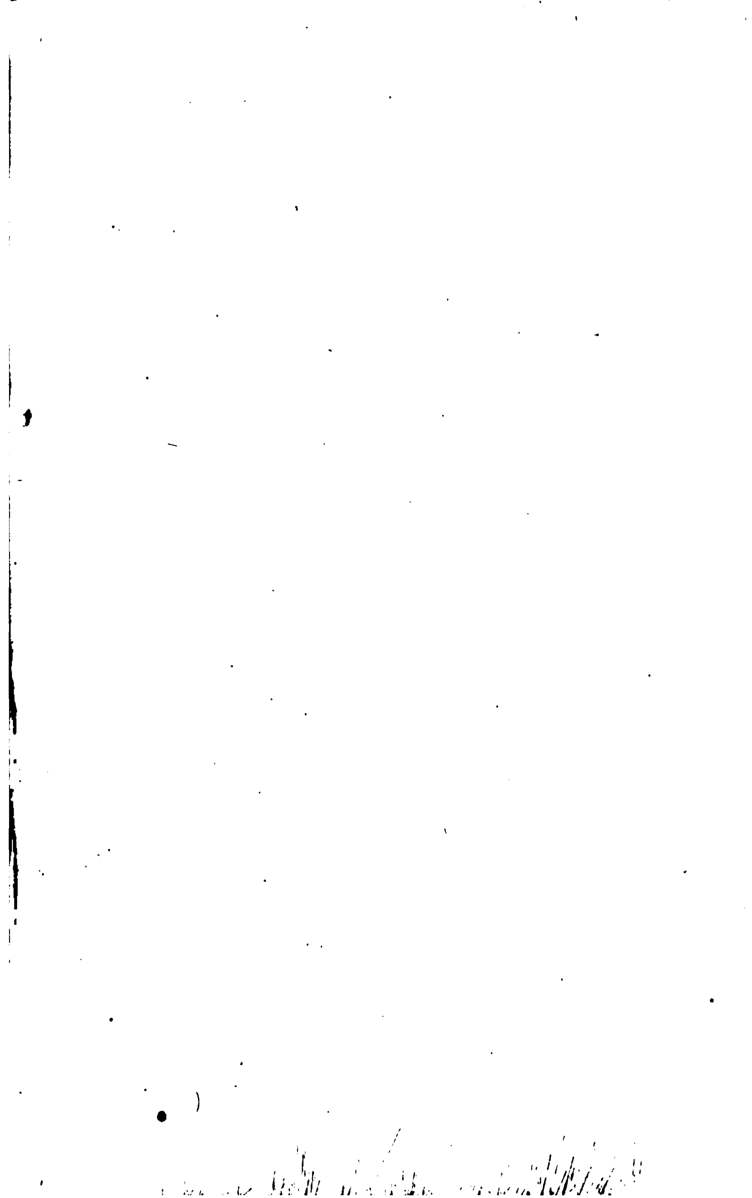
D'elle amar-se. A Discordia tornou logo
A entrar na noite eterna ; em fim Mayenne
A hum Rei reconhecer foi reduzido ;
E já mudado em tudo , submettendo
Seu coraçaõ fiel , suas Provincias ,
Do mais justo dos Principes foi elle
O Vassallo melhor , que a França vira.

F I M.

Erratas.

Pag.		linh.	Erros	Emendas.
28	Nota (*f*)	4	Quintins	Quintino
29		11	o ſogo	o jogo
—		13	Monteſquieu	Monteſquiou

835513



£10

3

Falkner Greirson

9.7.1984

[Z.A.H.]



